



**Darkover**

**01**

**A Chegada em  
Darkover**

**Marion Zimmer Bradley**



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# **Darkover**

# A cronologia de Darkover

**Darkover** foi uma série de ficção científica de sucesso espetacular no mundo inteiro, a saga da humanidade criando uma nova civilização num mundo estranho, diferente de tudo o que jamais existiu na Terra. Cada livro constitui uma história completa e independente podendo ser lidos isoladamente, porém, seu conjunto relata o desenvolvimento de uma sociedade nova e fascinante.

Neste guia iremos separar os livros da série conforme as Eras Cronológicas a que pertencem, apesar das recomendações da autora que recomendou que a leitura fosse feita através das datas de publicação, em vez da ordem cronológica dos acontecimentos, dado que o seu estilo literário evoluiu consideravelmente ao longo da sua carreira

## A Fundação

Uma “nave perdida” originária da Terra, dos dias de colonização pré-império, aterriza em um planeta com uma turva estrela vermelha, mais tarde sendo chamado de Darkover.

### **Livros:**

A CHEGADA EM DARKOVER

## A Era do Caos

Mil anos após a colonização da chegada original, a sociedade retornou ao nível feudal. Os darkovanos, que se esqueceram ou renunciaram sua tecnologia terrestre, se voltaram a incontrollada, autônoma, tecnologia da matriz que concede poderes psíquicos, chamados de *laran*, aos descendentes dos colonizadores. Os habitantes vivem sob o domínio de Torres e um tirânico programa de procriação destinado a guarnecer as Torres com os poderosos dons de *laran*.

### **Livros:**

RAINHA DA TEMPESTADE

## DAMA DO FALCÃO

### **Os Cem Reinos**

Uma era de guerras e conflitos que retem muitos dos efeitos dizimadores e desastrosos da Era do Caos. As terras que mais tarde se tornariam os Sete Domínios, estão divididas por constantes disputas de fronteiras, são pequenos reinos independentes, cidades-estado, baronatos, condados e repúblicas independentes, chamados de "Os Cem Reinos" por conveniência. O encerramento desta era é guiado pela adoção de um pacto instituído por Varzil, o Bom. Este é um momento decisivo na história de Darkover, o pacto bani todas as armas à distância, tornando uma questão de honra que aquele que busca matar, deve ele próprio, encarar o mesmo risco de morrer.

#### **Livros:**

DOIS PARA CONQUISTAR  
OS HERDEIROS DE HAMMERFELL  
DOIS PARA CONQUISTAR  
A QUEDA DE NESKAYA  
A FORJA DE ZANDRU  
UMA CHAMA EM HALI

### **As Renunciantes (Amazonas Livres)**

Durante a Era do Caos e o tempo dos Cem Reinos, existiram duas ordens de mulheres que se distanciaram da natureza patriarcal da sociedade feudal de Darkover, as sacerdotisas de Avarra e as guerreiras da Irmandade da Espada. Eventualmente, estes dois grupos independentes se uniram para formar a poderosa e decretada por lei, Ordem das Renunciantes ou Amazonas Livres, uma guilda de mulheres unidas por juramento em uma irmandade de responsabilidade mútua. Sua lealdade primária é umas com as outras, ao invés de família, clã, casta ou qualquer homem. Solitárias dentre as mulheres de Darkover, elas são excluídas das usuais restrições e proteções legais. Sua razão de viver é prover as

mulheres de Darkover, uma alternativa as suas vidas socialmente limitadas.

**Livros:**

A CORRENTE PARTIDA  
A CASA DE THENDARA  
CIDADE DA MAGIA

## **Contra os Terráqueos, A Primeira Era (Recontato):**

Após as Guerras de Hastur, os Cem Reinos se consolidam em Sete Domínios, sendo governados por uma aristocracia hereditária e sete famílias, chamadas de Comyn, supostamente descendentes do legendário Hastur, Lorde da Luz. É durante esta era que o Império Terráqueo, na verdade uma forma de confederação, redescobre Darkover, que eles conhecem como o quarto planeta do sistema Cottman. O fato de Darkover ser uma colônia perdida do Império, não é assimilada facilmente ou de bom grado pelos darkovanos e seus senhores Comyn.

**Livros:**

REDESCOBERTA  
A ESPADA ENCANTADA  
A TORRE PROIBIDA  
ESTRELA DO PERIGO  
VENTOS DE DARKOVER

## **Contra os Terráqueos, A Segunda Era (Depois do Comyn):**

Com o choque inicial de recontato começando a enfraquecer, e com o espaço porto terráqueo se tornando uma instituição permanente na periferia da cidade de Thendara, os indivíduos mais jovens e menos tradicionais, da sociedade de Darkover, começaram a primeira troca real de conhecimento com os terráqueos - aprendendo a ciência e tecnologia terrestre e ensinando a tecnologia

da matriz de Darkover em troca. Eventualmente, Regis Hastur, um jovem lorde Comyn, mais ativo nestas trocas, se torna um Regente em um governo provisório, aliado aos terráqueos. Darkover é uma vez mais, reunida a seu Império fundador.

**Livros:**

O SOL VERMELHO

A HERANÇA DE HASTUR

OS SALVADORES DO PLANETA

O EXÍLIO DE SHARRA

OS DESTRUIDORES DE MUNDOS

CANÇÃO DO EXÍLIO

SHADOW MATRIX

TRAITOR'S SUN

## **Os primeiros dias em Darkover**

Darkover, o mundo do mistério, de estranhas inteligências, o planeta das quatro luas e do sol vermelho, um lugar de poderes desconhecidos, surge como uma sinistra ameaça à sobrevivência dos homens e mulheres da Terra que seguiam numa nave estelar para a colônia de Coronis e foram desviados do seu curso por uma tempestade espacial, indo parar num canto remoto da galáxia.

Este romance, da série de ficção científica de Darkover, conta a história dos primeiros dias da humanidade no novo planeta, sofrendo o impacto do Vento Fantasma, as correntes psíquicas que só ali existiam, e do preço que cada homem e mulher teve de pagar antes de poder assumir aquele estranho mundo como seu lar.



## A chegada em Darkover

Eles deixaram uma Terra superpovoada e poluída para colonizar novos mundos, povoar planetas de estrelas distantes já devidamente estudados e preparados por expedições preliminares. Mas no caminho a nave sofreu um acidente e eles foram parar em Darkover, um planeta misterioso, repleto de maravilhas, cuja descoberta provocaria terríveis choques.

Neste livro, Marion Zimmer Bradley relata o início da saga da humanidade em Darkover, uma série de ficção científica que se tornou um sucesso espetacular no mundo inteiro.

Havia uma possibilidade de que eles pudessem reparar a nave estelar e seguir para o destino original, a colônia de Coronis.

Até que o Vento Fantasma começou a soprar...

Havia uma possibilidade de que pudessem construir ali, naquele estranho planeta, uma sociedade segura, à imagem e semelhança da que haviam conhecido na Terra.

Até que o Vento Fantasma soprou...

Havia uma possibilidade de que pudessem ser a espécie mais inteligente naquele mundo, do qual se tornariam os senhores e mestres.

Até que o Vento Fantasma soprou...

Mas enquanto não aceitassem e absorvessem o Vento Fantasma, que tanto mudava as pessoas e revelava os seus pensamentos e desejos mais íntimos, eles nunca seriam aceitos naquele mundo.

Pois assim era Darkover.

**Marion Zimmer Bradley**



**A Chegada em  
Darkover**

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.  
Bradley, Marion Zimmer

B79c A chegada em Darkover / Marion Zimmer Bradley;  
tradução Alfredo Barcellos Pinheiro de Lemos.  
Rio de Janeiro: Imago Ed., 1989.  
(Darkover) (Série Ficção e experiência interior)

ISBN 85-312-0081-4

1. Ficção estadunidense. I. Lemos, A. B. Pinheiro de.  
II. Título. III. Série. IV. Série. (Ficção e experiência interior).  
CDD-813 CDU - 820(73)-3  
89-0789

Título Original **DARKOVER LANDFALL**

Copyright © 1972, by Marion Zimmer Bradley  
Published by agreement with  
Scott Meredith Literary Agency Inc.,  
845 Third Avenue, New York, N.Y., 10022  
Copyright da tradução © 1989, Imago Editora  
Proibida a exportação para Portugal

Tradução: Alfredo B. Pinheiro de Lemos  
Copidesque: Angela Castello Branco  
Revisão: Jorge Luiz Luz de Carvalho  
Marcos José Cunha  
Maira Parulla  
Capa original: Cassol  
Capa deste ebook: LeYtor

Direitos adquiridos por IMAGO EDITORA LTDA.  
Rua Santos Rodrigues, 201-A - Estácio  
CEP 20250 - Rio de Janeiro - RJ

Tel.: 293-1092

Todos os direitos de reprodução, divulgação e tradução são reservados.

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme ou outro processo fotomecânico.

Impresso no Brasil  
Printed in Brazil

## **Agradecimentos**

As canções citadas no texto da Comuna das Novas Hébridas são todas de Songs of the Hebrides, coletadas por Marjorie Kennedy-Fraser e publicadas em 1909 e 1922 por Baosey and Hawkes. The Seagull of the Land-Under-Waves, letra em inglês do gaélico de Kenneth MacLeod. Caristiona, canção tradicional, versão para o inglês de Kenneth MacLeod. The Fairy' s Love Song, versão para o inglês de James Hogg (adaptação). The Mull-Fisher's Song, versão para o inglês de Marjorie Kennedy-Fraser. The Coolins ofRum, versão para o inglês de Elfrida Rivers, com permissão especial.

## Capítulo Um

O trem de pouso era a menor das preocupações, o que não impedia que constituísse um problema sério para entrar e sair. A grande nave estelar estava inclinada num ângulo de quarenta e cinco graus, com as escadas e rampas de saída longe do solo, as portas não dando para parte alguma. Nem todos os danos haviam sido avaliados até agora, mas já dava para calcular que metade dos alojamentos da tripulação e três quartos das seções de passageiros se encontravam inabitáveis.

Meia dúzia de abrigos toscos, além do hospital de campanha, parecido com uma tenda, já haviam sido erguidos às pressas na grande clareira. Eram feitos, na maior parte, com folhas de plásticos e toras das árvores resinosas locais, cortadas com motoserras e preparadas com equipamentos de carpintaria do estoque de reserva para os colonos. Tudo isso acontecera sob os protestos veementes do Comandante Leicester; ele só cedera por causa de um detalhe técnico. Suas ordens eram absolutas quando a nave viajava pelo espaço; num planeta, a Força de Expedição Colonial assumia o comando.

O fato de que aquele não era o planeta certo não passava de um detalhe que ninguém se sentira capaz de enfrentar. . . por enquanto.

Era um belo planeta, refletiu Rafael MacAran, parado no pico baixo por cima da espaçonave acidentada. Isto é, o que se podia ver e que não era muita coisa. A gravidade era um pouco menor que a da Terra e a taxa de oxigênio um pouco mais alta, o que acarretava um certo sentimento de bem-estar e euforia para qualquer pessoa nascida e criada na Terra. Ninguém criado na Terra no século XXI, como Rafael MacAran, jamais cheirara um ar tão agradável e resinoso, jamais vira colinas distantes através de uma manhã tão clara.

As colinas e montanhas ao longe erguiam-se ao redor, num panorama aparentemente interminável, serra após serra, perdendo a cor pouco a pouco com a distância, tornando-se primeiro de um

verde fosco, depois azul ainda mais fosco, passando para violeta e púrpura. O sol enorme era de um vermelho profundo, a cor de sangue derramado; e naquela manhã eles haviam visto as quatro luas, como pedras multicores, pairando sobre os picos das montanhas distantes.

MacAran largou a mochila no chão, tirou o telescópio meridiano e começou a armar o tripé. Inclinou-se para ajustar o instrumento, enxugando o suor da testa. Como parecia quente, depois do frio brutal da noite anterior, a neve súbita que viera das montanhas tão depressa que mal tiveram tempo para se abrigarem! E agora a neve derretia em córregos, enquanto ele tirava o parka de náilon e enxugava o rosto.

Ele empertigou-se, olhando ao redor à procura de horizontes convenientes. Já sabia, graças ao novo modelo de altímetro, que podia compensar as diferentes forças de gravidade, que se encontravam a cerca de trezentos metros acima do nível do mar... ou o que seria o nível do mar, se houvesse algum mar naquele planeta, do que ainda não podiam ter certeza. Na tensão e perigos do pouso forçado, só a Terceira Oficial tivera uma visão nítida do planeta lá do espaço, mas ela morrera vinte minutos depois do impacto, enquanto ainda retiravam corpos dos destroços da ponte de comando.

Sabiam que havia três planetas naquele sistema: um enorme, um gigante de metano congelado, outro pequeno, rochoso e árido, mais lua do que planeta, a não ser por sua órbita solitária, e aquele onde haviam pousado. Sabiam também que aquele era o que as Forças Expedicionárias da Terra chamavam de um planeta da Classe M — mais ou menos do tipo da Terra e provavelmente habitável. E agora sabiam que se encontravam ali. Isso era praticamente tudo o que sabiam a respeito, além do que haviam descoberto nas últimas setenta e duas horas. O sol vermelho, as quatro luas, os extremos de temperatura, as montanhas, tudo o que se pudera constatar nos intervalos frenéticos de remover e identificar os mortos, montar às pressas um hospital de campanha e recrutar todas as pessoas em condições para cuidar dos feridos, sepultar os mortos e erguer os abrigos, enquanto a nave ainda era habitável.

Rafael MacAran começou a tirar os instrumentos de medição da mochila, mas não lhes deu muita atenção. Precisava daquele breve intervalo sozinho mais do que imaginara; era algum tempo para se recuperar dos repetidos e terríveis choques das últimas horas - o desastre e uma concussão que o levaria para um hospital na Terra apinhada e hipersensível aos problemas médicos. Ali, o oficial-médico, preocupado com ferimentos piores, testara seus reflexos rapidamente, entregara-lhe algumas pílulas para dor de cabeça e fora cuidar dos gravemente feridos e agonizantes. Sua cabeça ainda parecia sofrer com uma terrível dor de dente, mas a visão turva melhorara depois da primeira noite de sono. No dia seguinte ele fora convocado, junto com todos os homens aptos que não pertenciam às equipes médica e de engenharia da nave, para escavar sepulturas coletivas para os mortos. E houvera então o choque angustiante de encontrar Jenny entre os cadáveres.

Jenny... Pensava que ela se encontrava sã e salva, absorvida demais em seu trabalho para procurá-lo e tranquilizá-lo. E depois o corpo mutilado, os inconfundíveis cabelos prateados de sua única irmã. Não houvera tempo sequer para lágrimas. Havia mortos demais. Ele fizera a única coisa que podia. Comunicara a Camilla Del Rey, representando o Comandante Leicester na equipe encarregada de determinar as identidades, que o nome de Jenny MacAran deveria ser transferido da lista de sobreviventes não localizados para a lista de mortos identificados sem qualquer dúvida.

O único comentário de Camilla fora um lacônico "Obrigada, MacAran". Não havia tempo para compaixão, não havia tempo para lamentar ou sequer para manifestações humanas de bondade. E, no entanto, Jenny fora a melhor amiga de Camilla, amara sinceramente aquela miserável moça Del Rey como a uma irmã - Rafael nunca entendera por quê, mas a verdade é que Jenny amara Camilla e por isso devia haver alguma razão. Ele sabia, em algum lugar abaixo da superfície, que esperara que Camilla derramasse por Jenny as lágrimas que o próprio irmão ainda não fora capaz de chorar. Alguém devia chorar por Jenny, e ele ainda não conseguira. Ainda não.

MacAran tornou a se concentrar nos instrumentos. Seria mais fácil se conhecessem sua latitude exata no planeta, e a altura do sol



por cima do horizonte poderia proporcionar uma noção aproximada.

Lá embaixo, numa vasta depressão com pelo menos oito quilômetros de extensão, cheia de mato baixo e pequenas árvores, estava a espaçonave avariada. Observando à distância, Rafael experimentou um estranho sentimento de depressão. O Comandante Leicester deveria estar trabalhando com a tripulação para avaliar os danos e calcular o tempo necessário para os reparos. Rafael nada sabia sobre o funcionamento de naves estelares — sua especialidade era a geologia. Mas a sua impressão era a de que aquela nave nunca mais iria a parte alguma.

E depois ele tratou de desligar o pensamento. Cabia ao pessoal da engenharia dizer isso. Eles é que sabiam, não Rafael MacAran. Já testemunhara alguns quase-milagres realizados pela engenharia. Na pior das hipóteses, haveria um intervalo desconfortável de uns poucos dias ou semanas, depois partiriam de novo, um novo planeta habitável estaria localizado nos mapas estelares das Forças Expedicionárias para colonização. Apesar do frio terrível à noite, aquele planeta parecia extremamente habitável. Talvez até pudessem partilhar a comissão de descobridor, o que serviria para melhorar a situação da colônia Coronis, onde estariam então.

E teriam alguma coisa para falar quando se tornassem velhos colonos em Coronis, daqui a cinqüenta ou sessenta anos.

Mas se a nave nunca mais puder levantar vôo. . .

Impossível. Aquele não era um planeta mapeado, aberto à colonização. A colônia Coronis — Phi Coronis Delta — já era um próspero povoado mineiro. Havia um espaçoporto em operação e uma equipe de engenheiros e técnicos vinha trabalhando ali há dez anos, preparando o planeta para a colonização e estudando sua ecologia. Ninguém podia se instalar, de maneira improvisada e sem a ajuda da tecnologia, num mundo completamente desconhecido. Não era possível.

De qualquer forma, isso era trabalho de outro, e o melhor era ele cuidar de sua parte agora. Fez todas as observações que podia, registrou-as no caderninho de anotações, recolheu os equipamentos e começou a descer a encosta. Deslocava-se com facilidade pelo caminho rochoso, através do mato baixo e das árvores, carregando a

mochila sem esforço na gravidade mais leve. Era mais agradável e mais fácil do que uma excursão na Terra. Rafael lançou um olhar ansioso para as montanhas distantes. Talvez, se permanecessem ali por mais uns poucos dias, poderiam dispensá-lo para uma rápida escalada ali. Amostras de rochas e algumas verificações geológicas deveriam valer alguma coisa para as Forças Expedicionárias da Terra; além disso, seria muito melhor do que uma expedição de montanhismo na Terra, onde todos os parques nacionais, do Yellowstone ao Himalaia, ficavam atulhados com turistas levados por jatos, durante trezentos dias do ano.

Ele achava que era justo oferecer a todos uma oportunidade de alcançar as montanhas. Sem dúvida as cremalheiras e teleféricos instalados para o topo do Monte Rainier, Everest e Whitney permitiam o acesso das velhas e crianças que queriam contemplar a paisagem lá de cima, mas ainda assim MacAran sonhava em escalar uma montanha em estado selvagem... sem nenhum meio mecânico de subida! Claro que já escalara montanhas na Terra, mas qualquer um sentia-se meio tolo ao fazer o maior esforço para subir por um penhasco rochoso, enquanto adolescentes passavam sem esforço num teleférico, rindo do anacrônico que preferia chegar ao cume pelo modo mais difícil.

Algumas das encostas mais próximas estavam enegrecidas pelas marcas de antigos incêndios florestais e ele calculou que a clareira em que a nave caíra tinha a vegetação nova depois de um incêndio, que deveria ter ocorrido há alguns anos. Por sorte os sistemas de prevenção de incêndio da nave haviam evitado qualquer fogo no impacto, caso contrário quem escapasse com vida poderia literalmente estar saltando de uma frigideira para um devastador incêndio florestal. Precisavam tomar cuidado com isso. O pessoal da Terra perdera os hábitos antigos de vida na floresta e talvez não tivesse consciência do que podia acontecer com fogo no mato. Ele fez um registro mental para incluir o alerta em seu relatório.

Ao retornar à área do acidente, sua breve euforia desvaneceu-se. Podia avistar no interior do hospital de campanha, através do material plástico semitransparente, fileiras e mais fileiras de corpos inconscientes ou semi-inconscientes. Alguns homens cortavam

galhos de árvores e outros erguiam um domo de dimaxion - do tipo que se pode construir em meio dia, com um suporte triangular. MacAran começou a especular qual teria sido o relatório do pessoal da engenharia. Avistou alguns mecânicos se movimentando nas proximidades dos suportes da nave estelar, mas parecia que ainda não se fizera muita coisa. Mais do que isso, a impressão era a de que não se devia acalentar a esperança de sair dali tão cedo.

Um jovem com um uniforme manchado e amarrotado da equipe médica saiu do hospital de campanha no momento em que ele passava e chamou-o:

— Rafe! O imediato mandou você se apresentar no Primeiro Domo assim que voltasse. . . há uma reunião lá e querem a sua presença. Também vou, para apresentar um relatório médico... sou o mais antigo que eles podem dispensar.

Ele foi andando ao lado de MacAran. Era baixo e franzino, com cabelos castanho-claros e uma barba crespa aparada, parecia cansado, como se não tivesse dormido. MacAran indagou, hesitante:

— Como estão as coisas no hospital?

— Não houve mais mortes desde a meia-noite e conseguimos tirar mais quatro pessoas do estado crítico. É evidente que, no final das contas, não houve um vazamento do combustível atômico... aquela moça da intendência não tinha queimaduras de radiação e o vomito obviamente foi apenas uma pancada no plexo solar. Graças a Deus pelos pequenos favores... se houvesse um vazamento atômico, provavelmente estaríamos todos mortos e mais um planeta ficaria contaminado.

— É verdade. A propulsão M-AM tem salvado muitas vidas. Você parece muito cansado, Ewen... dormiu em algum momento?

Ewen Ross sacudiu a cabeça.

— Não, mas o Velho foi generoso com os estimulantes e ainda estou a pleno vapor. Mais ou menos no meio da tarde vou arriar e não acordarei por três dias, mas até lá continuarei a agüentar firme. - Ele hesitou, olhou timidamente para o amigo. - Eu soube de Jenny, Rafe. Uma coisa terrível. Tantas mulheres de seu setor escaparam que eu estava convencido de que ela igualmente se salvara.

— Eu também. — MacAran respirou fundo e sentiu o ar puro como um enorme peso em seu peito. — Não vi Heather... ela...

— Heather está bem; foi requisitada para o serviço de enfermagem. Não sofreu um único arranhão. Ouvi dizer que depois da reunião vão apresentar as listas completas dos mortos, feridos e sobreviventes. Mas o que você estava fazendo? Del Rey me disse que fora enviado numa missão, mas não explicou qual era.

— Um levantamento preliminar. Não temos a menor idéia de nossa latitude, do tamanho ou massa do planeta, do clima, estações ou qualquer outra coisa. Mas verifiquei que não devemos estar muito longe do equador e... bem, farei meu relatório na reunião. Vamos entrar direto?

— Vamos, sim. Será no Primeiro Domo.

Sem perceber, Ewen pronunciara as palavras como se fossem iniciadas por letras maiúsculas. MacAran refletiu como era típico do ser humano definir a locação e orientação imediatamente. Ali estava há três dias e o primeiro abrigo já se tornara o Primeiro Domo, o abrigo de campanha para os feridos era o Hospital.

Não havia assentos no interior do domo de plástico, mas algumas lonas e caixas de suprimentos vazios haviam sido espalhadas e alguém providenciara uma cadeira dobrável para o Comandante Leicester. Camilla Del Rey sentava ao seu lado numa caixa, com uma tábua e um bloco de anotações nos joelhos. Era uma jovem alta e esguia, com um talho comprido e irregular na face, de cabelos escuros, presos com grampos de plástico. Vestia o uniforme de trabalho de uma tripulante, mas tirara a parte superior, que parecia um parka, tinha apenas uma camisa de algodão por baixo, aderindo ao corpo. MacAran apressou-se em desviar os olhos dela... mas não é possível, como ela pode se mostrar no que equivale às roupas de baixo na frente de metade do pessoal! E numa ocasião como esta não é decente. . . Mas depois, observando o rosto ferido e contraído da jovem, ele absolveu-a. Del Rey sentia calor - estava muito quente ali dentro agora - e, afinal de contas, se encontrava de serviço, portanto, tinha o direito de ficar o mais confortável possível.

Se alguém está fora da linha aqui sou eu, olhando para uma mulher desse jeito nas circunstâncias. . .

Estresse. Isso é tudo. Há muitas coisas que não é seguro pensar ou lembrar...

O Comandante Leicester levantou a cabeça grisalha. Ele parece com a morte, pensou MacAran. Provavelmente também não dorme desde o acidente. Leicester perguntou a Del Rey:

— Estão todos aqui?

— Acho que sim.

O comandante começou:

— Senhoras e senhores, não vamos perder tempo com formalidades, e durante esta emergência os protocolos de etiqueta estão suspensos. Como meu oficial de registros está no hospital, a Oficial Del Rey concordou gentilmente em tomar seu lugar nesta reunião. Em primeiro lugar, convoquei-os para esta reunião, um representante de cada grupo, a fim de que possam falar com seu pessoal sobre o que está acontecendo com a devida autoridade, reduzindo com isso o crescimento de rumores e comentários desinformados sobre a nossa situação. E onde quer que haja mais de vinte e cinco pessoas reunidas, pelo que me lembro dos meus tempos em Pensacola, os rumores e comentários desinformados começam imediatamente. Portanto, todos devem obter suas informações aqui, em vez de se basearem no que alguém disse ao melhor amigo de alguém há poucas horas ou o que alguém ouviu no refeitório. . . entendido? Engenharia; vamos começar por você. Qual é a situação dos propulsores?

O engenheiro-chefe - seu nome era Patrick, mas MacAran não o conhecia pessoalmente - levantou-se. Era alto e magro, parecido com o herói folclórico Lincoln.

— Péssima — ele respondeu laconicamente. — Não estou dizendo que não podem ser reparados, mas a sala de propulsão está toda arreventada. Dê-nos uma semana para fazer um levantamento e poderemos calcular quanto tempo levará para consertar os propulsores. Depois de removidos os escombros, eu diria. . . três semanas a um mês. Mas não gostaria que meu salário de um ano dependesse do acerto dessa previsão.

— Mas podem ser reparados? — insistiu Leicester. — Não estão irremediavelmente destruídos?

— Creio que não... e é melhor que isso não tenha acontecido! — disse Patrick. — Talvez precisemos procurar combustíveis, mas não haverá problemas com o grande conversor, pois qualquer tipo de hidro-carboneto servirá. . . até celulose. Isso é para a conversão de energia nos sistemas de manutenção da vida, é claro; os propulsores propriamente ditos funcionam com implosões de antimatéria.

Ele entrou em detalhes técnicos, mas antes que MacAran ficasse irremediavelmente perdido foi interrompido por Leicester.

— Não precisa entrar em detalhes, Chefe. O importante é que está dizendo que podem ser reparados, num prazo de três a seis semanas, uma estimativa preliminar. Oficial Del Rey, qual é a situação na ponte de comando?

— Os mecânicos estão lá agora, Comandante, usando maçaricos para cortar o metal retorcido. O painel do computador está completamente avariado, mas os bancos principais estão intactos, assim como o sistema de biblioteca.

— Quais são os piores danos ali?

— Precisaremos de novos assentos e correias em toda a cabine de comando. . . os mecânicos podem resolver esse problema. É claro que teremos de reprogramar nosso destino a partir da nova posição, mas isso deve ser bastante simples com os sistemas de navegação, depois de determinarmos exatamente onde nos encontramos.

— Quer dizer que também não há nada de irremediável ali?

— Na verdade, Comandante, ainda é muito cedo para afirmar qualquer coisa, mas eu diria que não. Talvez seja apenas um desejo meu, mas ainda não perdi as esperanças.

— Bom, parece que neste momento as coisas não estão tão ruins quanto poderiam ser - comentou o Comandante Leicester. - Desconfio que todos tendemos a encarar a situação pelo lado mais sombrio. O que talvez seja bom; qualquer coisa melhor do que o pior será uma agradável surpresa. Onde está o Dr. Di Asturien?

Ewen Ross levantou-se.

— O Chefe achou que seria melhor não se ausentar do seu comando agora, senhor; tem uma equipe trabalhando para salvar todos os suprimentos médicos restantes. Mandou-me em seu lugar. Não houve muitas mortes e todos os mortos já estão enterrados. Não há até agora nenhum sinal de qualquer doença insólita de origem desconhecida, mas ainda estamos examinando o ar e amostras do solo e assim continuaremos, a fim de classificar bactérias conhecidas e desconhecidas. Além disso. . .

— Continue.

— O chefe quer que sejam dadas ordens para que só se usem as áreas de latrina determinadas, Comandante. Ressaltou que estamos carregando todas as espécies de bactérias em nossos próprios corpos que podem afetar a flora e fauna locais. É possível desinfetar as áreas de latrina meticulosamente. . . mas devemos tomar precauções para não infectar as áreas externas.

— Ele tem toda razão - concordou Leicester. - Mande alguém afixar as ordens, Del Rey. E ponha um homem da segurança para fazer com que todos saibam onde estão as latrinas e as usem. Ninguém pode urinar no mato só porque está lá e não há leis contra isso.

— Uma sugestão, Comandante — disse Camilla Del Rey. — Peça aos cozinheiros para fazerem a mesma coisa com o lixo, pelo menos por algum tempo.

— Desinfetá-lo? Uma boa idéia. Lovat, qual é a situação do sintetizador de alimentos?

— Acessível e funcionando, senhor, pelo menos temporariamente. Mas talvez não seja uma má idéia verificar os suprimentos nativos de alimentos e ter certeza de que podemos comer os frutos e raízes locais, se for necessário. Se o sintetizador pifar de repente. . . pois não foi projetado para funcionar por longos períodos em gravidades planetárias. . . será tarde demais para começar a testar a vegetação local. — Judith Lovat, baixa e vigorosa, quase chegando aos quarenta anos, com o emblema verde dos sistemas de manutenção da vida na bata, olhou para a porta do domo. - O planeta parece ter florestas amplas; deve haver alguma coisa que possamos comer, com esse sistema de oxigênio-nitrogênio

do ar. A clorofila e a fotossíntese parecem ser praticamente iguais em todos os planetas do tipo M e o produto final é geralmente alguma forma de carboidrato com aminoácidos.

— Mandarei um botânico trabalhar nisso imediatamente - declarou o Comandante Leicester. — E agora é a sua vez, MacAran. Descobriu alguma informação útil do alto da colina?

MacAran levantou-se.

— Eu poderia descobrir se tivéssemos pousado nas planícies. . . presumindo que haja alguma neste planeta. . . mas mesmo assim obtive alguns dados. Primeiro, estamos aqui a cerca de trezentos metros acima do nível do mar e com toda certeza no hemisfério norte, mas não a muitos graus de latitude além do Equador, considerando que o Sol está alto no céu. Ao que tudo indica, estamos nos contrafortes de uma enorme cordilheira e as montanhas são bastante antigas para terem florestas. . . ou seja, não há vulcões ativos aparentes e nenhuma montanha que pareça ser o resultado de atividade vulcânica durante os últimos milênios. Não é um planeta jovem.

— Sinais de vida? — perguntou Leicester.

— Aves em abundância. Pequenos animais, talvez mamíferos, mas não tenho certeza. Mais espécies de árvores do que eu saberia identificar. Encontrei muitas que pareciam ser uma variedade de coníferas, mas há outras e também alguns arbustos com sementes e bagas. Um botânico poderá dizer muito mais. Não há sinais de artefatos, porém, nenhum sinal de que qualquer coisa já tenha sido cultivada ou tocada. Até onde posso determinar, o planeta não foi tocado por mãos humanas... ou quaisquer outras. Mas é claro que podemos estar no meio do equivalente às estepes siberianas ou ao deserto de Gobi. . . muito longe dos centros habitados.

Ele fez uma pausa.

— Cerca de trinta quilômetros a leste daqui há um pico de montanha proeminente. . . não se pode deixar de percebê-lo. . . de onde seria possível ter uma visão ampla e calcular uma estimativa da massa do planeta, mesmo sem instrumentos mais complexos. Também poderíamos avistar rios, planícies, suprimentos de água ou qualquer sinal de civilização.



Camilla Del Rey interveio:

— Não havia sinal de vida do espaço.

Moray, o homem corpulento e moreno que era o representante das Forças Expedicionárias da Terra e assim estava no comando dos colonos, disse calmamente:

— Está querendo dizer que não havia sinais de uma civilização tecnológica, Oficial? Lembre-se de que até quatro séculos atrás uma nave estelar que se aproximasse da Terra também não veria qualquer sinal de vida inteligente ali.

O Comandante Leicester declarou bruscamente:

— Mesmo que haja alguma forma de civilização pré-tecnológica, isso é equivalente a nenhuma civilização; e qualquer forma de vida que possa existir aqui, sábia ou não, não é relevante para nossos objetivos. Não poderiam nos prestar ajuda para reparar a nave e, desde que tomemos cuidados para não contaminar seus ecossistemas, não há motivo para abordá-los e criar um choque cultural.

— Concordo com a última parte da declaração — disse Moray.

— Mas gostaria de levantar uma questão que ainda não mencionou, Comandante. Tenho sua permissão?

— A primeira coisa que eu disse foi que estávamos suspendendo o protocolo durante a duração desta emergência. . . pode falar.

— O que está sendo feito para verificar as condições de habitabilidade deste planeta, no caso de não ser possível reparar os propulsores e ficarmos retidos aqui?

MacAran sentiu um momento de choque que o deixou paralisado e gelado, depois experimentou um súbito alívio. Alguém se manifestara. Ele não era o único a pensar nisso. E não fora a pessoa que levantara o problema. Mas no rosto do Comandante Leicester o choque não se dissipara; persistia, com uma cólera fria e intensa.

— Há bem pouca possibilidade de que isso venha a acontecer. Moray levantou-se lentamente.

— Ouvi o que sua tripulação disse, mas não estou muito convencido. Acho que devemos começar imediatamente a fazer um

inventário do que temos e do que existe aqui, para o caso de sermos obrigados a permanecer aqui em caráter permanente.

— Impossível! - protestou o Comandante Leicester, a voz ríspida. - Está querendo insinuar que sabe mais do que a minha tripulação sobre a situação de nossa nave, Sr. Moray?

— Não. Nada sei sobre naves estelares e também não estou interessado. Mas posso reconhecer destroços quando os vejo. E sei que pelo menos um terço de sua tripulação morreu, inclusive alguns técnicos importantes. Ouvei a Oficial Del Rey dizer que achava. . . apenas achava. . . que o computador de navegação pode ser consertado, e sei que ninguém pode navegar um propulsor M-AM no espaço interestelar sem um computador. Temos de levar em consideração que a nave pode não ir para parte alguma. E, neste caso, nós também não iríamos para parte alguma. A menos que tenhamos algum gênio que seja capaz de construir um satélite de comunicações interestelares nos próximos cinco anos, com as matérias-primas locais e o punhado de pessoas que temos aqui, e que enviemos uma mensagem para a Terra ou para as colônias em Alfa Centauro ou Coronis, pedindo que venham buscar suas ovelhas perdidas.

Camilla Del Rey indagou em voz baixa:

— O que está tentando fazer, Sr. Moray? Desmoralizar-nos ainda mais? Assustar-nos?

— Não. Estou tentando ser realista.

Fazendo um esforço para controlar a fúria que congestionava seu rosto, Leicester disse:

— Creio que está ignorando as prioridades, Sr. Moray. Nossa primeira prioridade aqui é reparar a nave, e para isso talvez seja necessário requisitar a participação de todos os homens, inclusive os passageiros de seu grupo de colonos. Não podemos dispensar ninguém para eventualidades remotas. Portanto, se isso foi um pedido, considere-o negado.

Moray não sentou.

— O que acontecerá se daqui a seis semanas descobrirmos que não podemos recuperar a nave? Ou daqui a seis meses?

Leicester respirou fundo. MacAran pôde perceber o cansaço desesperado em seu rosto e o esforço para não deixar que transparecesse.

— Sugiro que esperemos para cruzar essa ponte se e quando a encontrarmos, Sr. Moray. Há um velho provérbio que diz que basta a cada dia o seu mal. Não acredito que um atraso de seis semanas fará tanta diferença assim para nos resignarmos à falta de esperança e morte. Quanto a mim, tenciono viver e levar esta nave de volta para casa. E qualquer pessoa que iniciar uma conversa derrotista terá de se haver comigo. Estou sendo bastante claro?

Era evidente que Moray não estava satisfeito; mas alguma coisa o manteve quieto, talvez apenas a vontade do comandante. Ele sentou, de cara amarrada. Leicester puxou a prancheta de Camilla.

— Mais alguma coisa? Muito bem, creio que isso é tudo por enquanto, senhoras e senhores. As listas dos sobreviventes e feridos e suas condições serão afixadas esta noite. Pois não, Padre Valentine?

— Senhor, fui solicitado a celebrar uma missa de réquiem pelos mortos, no local das sepulturas coletivas. Como o capelão protestante morreu no acidente, eu gostaria de oferecer meus serviços a qualquer pessoa, de qualquer fé, que deseje aproveitá-los para qualquer coisa.

O rosto do Comandante Leicester abrandou um pouco ao contemplar o jovem sacerdote, com o braço numa tipóia, um lado do rosto todo enfaixado.

— Claro que pode realizar o serviço, Padre. Sugiro que seja amanhã, ao amanhecer. Encontre alguém que possa erguer um memorial apropriado aqui; algum dia, talvez daqui a alguns séculos, este planeta possa ser colonizado, e eles devem saber o que aconteceu. Creio que teremos tempo para isso.

— Obrigado, Comandante. E agora pode me dispensar? Preciso voltar ao hospital.

— Pois não, Padre, pode se retirar. E quem mais quiser sair agora está dispensado. . . a menos que haja mais alguma pergunta. . . Muito bem. — Leicester recostou-se na cadeira e fechou os olhos

por um instante. — MacAran e Dra. Lovat, podem ficar por mais um momento, por favor?

MacAran adiantou-se lentamente, tão surpreso que não sabia o que dizer; nunca falara antes com o comandante e não imaginava que Leicester o conhecesse sequer de vista. O que ele queria? Os outros deixavam o domo, um a um. Ewen tocou em seu ombro e sussurrou:

— Heather e eu estaremos na missa de réquiem, Rafe. Tenho de ir agora. Passe depois pelo hospital e deixe-me dar uma olhada nessa concussão. Paz, Rafe; até mais tarde!

O Comandante Leicester arriara na cadeira, parecia exausto e velho, mas empertigou-se um pouco quando Judith Lovat e MacAran se aproximaram.

— MacAran, seu currículo diz que tem alguma experiência de montanhas. Qual é a sua especialidade profissional?

— Geologia, senhor. Mas é verdade que já passei muito tempo em montanhas.

— Pois então vou pô-lo no comando de uma expedição de levantamento. Suba naquela montanha, se for possível, descubra o que puder lá de cima, calcule a massa do planeta e assim por diante. Há algum meteorologista ou especialista em tempo no grupo de colonos?

— Creio que sim. O Sr. Moray pode informar com certeza.

— Provavelmente será uma boa idéia eu mesmo perguntar a ele. — O cansaço de Leicester era tão grande que ele quase murmurava. - Se pudermos prever como deverá ser o tempo nas próximas semanas, poderemos determinar a melhor maneira de providenciar abrigo e tudo o que for necessário para o pessoal. Além disso, qualquer informação sobre o período de rotação e coisas assim deverá ser valiosa para a Força Expedicionária. E... Dra. Lovat... descubra um zoólogo e um botânico, de preferência entre os colonos, mande-os junto com MacAran. Para o caso do sintetizador de alimentos parar. Eles podem fazer testes e colher amostras.

— Posso sugerir que seja enviado também um bacteriologista, se houver algum disponível? — indagou Judith.

— Boa idéia. Só não quero que as equipes de reparos fiquem desfalcadas, MacAran, mas requisite o que precisar. Gostaria de levar mais alguém?

— Um técnico médico ou pelo menos um enfermeiro — respondeu MacAran. — Alguém sempre pode cair numa fenda ou ser mastigado pelo equivalente local do *Tyrannosaurus rex*.

— Ou ser infectado por algum terrível inseto local - acrescentou Judith. - Eu deveria ter pensado nisso antes.

— Está certo, se o médico-chefe puder dispensar alguém - disse Leicester. - Só mais uma coisa. A Primeira Oficial Del Rey vai acompanhá-lo.

— Posso saber para quê? - perguntou MacAran, um pouco surpreso. — Não que sua companhia não seja bem-vinda, mas pode ser uma excursão bastante árdua para uma mulher. Não estamos na Terra e as montanhas aqui não têm teleféricos.

A voz de Camilla, quando ela falou, era baixa e um pouco rouca. MacAran não pôde deixar de especular se seria em consequência da dor e choque ou se esse era o seu tom natural.

— Comandante, é evidente que MacAran não sabe do pior. O que sabe ao certo a respeito do acidente e sua causa?

MacAran deu de ombros.

— Rumores e os comentários habituais. Com certeza, apenas que as campainhas de alarme começaram a soar, fui para uma área de segurança... ou assim se pensava - ele acrescentou, amargurado, recordando o corpo mutilado de Jenny —, e a próxima coisa de que tomei conhecimento foi que me tiravam do compartimento e me levavam por uma escada. E ponto final.

— Aqui estão os fatos. Não sabemos onde estamos. Nem mesmo sabemos que Sol é este. Não temos sequer noção do agrupamento de estrelas. Fomos desviados do curso por uma tempestade gravitacional... é o termo leigo, não perderei tempo em explicar o que a causa. Perdemos o equipamento de orientação com o primeiro choque, tivemos de localizar o sistema estelar mais próximo com um planeta potencialmente habitável e pousar as pressas. Por isso, preciso fazer algumas observações astronômicas, se for possível, e localizar algumas estrelas conhecidas... posso fazer

isso com registros espectroscópicos. Com isso, serei capaz de triangular nossa posição no Setor Galáctico e realizar pelo menos parte da reprogramação do computador, a partir da superfície deste planeta. É mais fácil efetuar observações astronômicas de uma altitude em que o ar seja rarefeito. Mesmo que eu não chegue ao pico da montanha, cada trezentos metros de altitude a mais vai me proporcionar uma oportunidade melhor de observações acuradas.

A jovem tinha uma expressão séria e solene, e MacAran compreendeu que ela reprimia o medo com sua atitude deliberadamente didática e profissional.

— São esses os motivos pelos quais deve me levar em sua expedição. Sou forte e resistente, não receio uma marcha longa e árdua. Mandaria meu assistente de bom grado, mas ele sofreu queimaduras em mais de trinta por cento da superfície do corpo e mesmo que se recupere... o que ainda não é certo. . . não poderá ir a lugar algum por muito tempo. E, infelizmente, não há mais ninguém que saiba tanto quanto eu sobre navegação e geografia galáctica. Por isso, tenho de confiar em minhas próprias observações mais do que nas de qualquer outro.

MacAran deu de ombros. Não era um macho chauvinista, e se a jovem estava convencida de que poderia agüentar as longas marchas da expedição, então era provável que conseguisse.

— Está certo — disse ele. — A decisão é sua. Precisaremos de rações para quatro dias no mínimo; e se seu equipamento for pesado, é melhor providenciar alguém para carregá-lo, pois todos os outros estarão levando seus próprios instrumentos científicos.

Ele fez uma pausa, olhando para a blusa que aderira úmida à parte superior do corpo de Del Rey, antes de acrescentar, um pouco áspero:

— E trate de providenciar agasalhos, se não quiser pegar uma pneumonia.

Ela ficou surpresa, confusa, depois subitamente irritada. Arregalou os olhos, mas MacAran já a esquecerera e disse ao comandante:

— Quando quer que comecemos? Amanhã?

— Não. Muitos de nós ainda não dormiram o suficiente. - Leicester emergiu do que parecia ter sido um cochilo angustiada. — Veja como eu estou... e metade da minha tripulação se encontra na mesma situação. Vou mandar que todos durmam esta noite, à exceção de meia dúzia de sentinelas. Amanhã dispensarei a todos para os serviços fúnebres pelos mortos, menos as equipes de trabalhos básicos. Há ainda muito trabalho de inventário e salvação a fazer. Podem partir. . . daqui a dois ou três dias. Tem alguma preferência por alguém da equipe médica?

— Posso ter Ewen Ross, se o chefe puder dispensá-lo?

— Por mim, está certo.

Leicester tornou a arriar na cadeira, visivelmente adormecido, por uma fração de segundo. MacAran murmurou:

— Obrigado, senhor.

Ele virou-se. Camilla Del Rey pôs a mão de leve em seu ombro.

— Não se atreva a julgá-lo - disse ela, em voz baixa, furiosa. - Ele se mantém de pé desde dois dias antes do acidente, tomando estimulantes, e não tem mais idade para isso. Cuidarei para que ele durma vinte e quatro horas seguidas, nem que tenha de calar todo o acampamento!

Leicester tornou a se empertigar.

— ...Não estava dormindo — ele declarou, com firmeza. — Mais alguma coisa, MacAran, Lovat?

MacAran murmurou um respeitosa "Não, senhor" e retirou-se, deixando o comandante entregue ao descanso, velado pela primeira oficial como — a imagem provocou-lhe um choque — uma tigresa zelando por seu filhote. Ou pelo velho leão? Mas, no final das contas, por que ele haveria de se importar?

## Capítulo Dois

A maior parte da seção de passageiros estava inundada pela espuma de prevenção de incêndio ou cheia de óleo e perigosa; por isso o Comandante Leicester dera ordens para que todos os membros da expedição recebessem uniformes de superfícies, os trajes quentes e impermeáveis que os tripulantes da espaçonave usavam quando visitavam um planeta estranho. Haviam sido avisados que deveriam estar prontos logo depois do amanhecer e ali se encontravam, carregando mochilas com rações, instrumentos científicos e equipamentos improvisados para acampamento. MacAran ficou esperando por Camilla Del Rey, que dava as últimas instruções para um tripulante da ponte de comando.

— As horas para o nascer e pôr-do-sol são tão exatas quanto podemos determinar e você tem os registros precisos de azimute para a direção do nascente. Podemos ter de calcular o meio-dia. Mas todos os dias, ao pôr-do-sol, acenda a luz mais forte da nave nessa direção e a mantenha por dez minutos. Assim poderemos definir uma linha de direção para o lugar a que vamos e determinar o leste e o oeste. E já sabe da importância dos registros de ângulo com o sol a pino.

Ela virou-se e deparou com MacAran parado por trás. E disse, muito compenetrada:

— Estou obrigando-o a esperar? Lamento, mas deve compreender a necessidade de registros acurados.

— Concordo plenamente - respondeu MacAran. - E por que se desculpar? É superior a todos nesta expedição, não é mesmo?

Ela franziu as sobrancelhas delicadas.

— Ah, é isso o que o está preocupando? Para dizer a verdade, não. Sou superior apenas na ponte de comando. O Comandante Leicester entregou a você o comando da expedição, e pode estar certo de que me sinto muito contente por isso. Provavelmente sei tanto sobre montanhismo quanto você sobre navegação celestial... se é que tanto. Fui criada na colônia Alfa e sabe como são os desertos por lá.



MacAran sentiu-se bastante aliviado... e ao mesmo tempo irritado. Aquela mulher era perceptiva demais! Claro que atenuaria as tensões se não tivesse de pedir a ela como oficial superior para transmitir as ordens — ou sugestões — sobre a viagem. Mas persistia o fato de que ela conseguira de certa forma fazê-lo sentir-se intrometido, desajeitado e tolo.

— Podemos partir assim que estiver pronta - disse ele. - Temos uma longa caminhada pela frente, em terreno bastante acidentado. É melhor começarmos logo.

Ele se encaminhou para o lugar em que o resto do grupo se reunia, efetuando um levantamento mental. Ewen Ross carregava uma boa parte do equipamento astronômico de Camilla Del Rey, já que seu equipamento médico era leve, como ele próprio admitia. Heather Stuart, vestindo como os outros um uniforme de superfície, conversava em voz baixa com Ewen. MacAran pensou, um tanto irônico, que devia ser amor quando sua garota levantava-se àquela hora horrível para se despedir. A Dra. Judith Lovat, baixa e forte, tinha um sortimento de pequenas caixas de amostras preso no ombro. Ele não conhecia os outros dois que esperavam de uniforme e foi fazer um contato antes de partirem.

— Já nos vimos nas salas de recreação, mas creio que não os conheço. Você é...

O primeiro homem, alto, nariz aquilino e moreno, de trinta e poucos anos, respondeu:

— Marco Zabal. Xenobotânico. Estou indo a pedido da Dra. Lovat. Estou acostumado a montanhas. Fui criado no País Basco e participei de expedições ao Himalaia.

— É um prazer tê-lo conosco. - MacAran apertou a mão do homem. Ajudaria muito contar com alguém que conhecia montanhas. - E você?

— Lewis MacLeod. Zoólogo, especialista em veterinária.

— Tripulante ou colono?

— Colono. - MacLeod sorriu. Era baixo, gordo, a pele clara. - E antes que pergunte, não tenho nenhuma experiência formal de montanhismo. . . mas fui criado nas Terras Altas escocesas e até

hoje ainda é preciso se andar muito por lá para chegar a qualquer lugar, e há mais terreno vertical do que horizontal.

— Isso ajuda e muito - disse MacAran. - E agora que estamos todos prontos... Ewen, dê um beijo de despedida em sua namorada e vamos partir.

Heather soltou uma risada, virou-se e empurrou para trás o capuz do uniforme; era baixa, esguia e delicada, parecia ainda menor no uniforme de alguma mulher maior.

— Deixe disso, Rafe. Também vou. Sou microbióloga e estou encarregada de recolher amostras para o médico-chefe.

— Mas... - MacAran franziu o rosto, em confusão. Podia compreender por que Camilla devia participar da expedição, pois era mais qualificada para seu trabalho do que qualquer homem. E a presença da Dra. Lovat também era compreensível. - Pedi homens para esta" expedição. Será bastante difícil e árdua.

Ele olhou para Ewen em busca de apoio, mas o homem mais jovem limitou-se a rir.

— Preciso ler para você a Declaração de Direitos da Terra? Nenhuma lei será promulgada ou formulada para reduzir os direitos de qualquer ser humano ao trabalho igual, independente de origem racial, religião ou sexo. . .

— Ora, não me venha com o Artigo Quatro! - murmurou MacAran.

\_ Se Heather quer gastar o couro de seu sapato e você está disposto a deixá-la, quem sou eu para contestar?

Ele ainda desconfiava que fora Ewen quem tramara tudo. Era a pior maneira possível de iniciar uma expedição. Ali estava ele, apesar do objetivo sério da missão, excitado na verdade com a perspectiva de escalar uma montanha inexplorada... apenas para descobrir que tinha de levar não apenas uma mulher da tripulação — que pelo menos parecia resistente e com um bom preparo físico —, mas também a Dra. Lovat, que podia não ser velha, mas também não era mais jovem e vigorosa como seria de desejar, e ainda por cima Heather, que tinha uma aparência tão delicada. E MacAran acrescentou, torcendo para não parecer tão sombrio quanto se sentia:

— Muito bem, vamos embora.

MacAran assumiu a dianteira, pondo a Dra. Lovat e Heather logo atrás, junto com Ewen, a fim de poder verificar se o seu ritmo era muito puxado para as duas. Camilla vinha em seguida, junto com MacLeod, e Zabal, acostumado com montanhas, na retaguarda. Enquanto se afastavam da nave e do pequeno agrupamento de abrigos toscos, o enorme sol vermelho começou a se erguer acima das colinas distantes, como um olho gigantesco, inflamado, injetado. Havia um nevoeiro denso na depressão em que se encontrava a nave, mas foi se dissipando à medida que subiam pelo vale. Apesar de si mesmo, MacAran começou a recuperar o ânimo. Afinal, não era coisa pequena comandar uma expedição de exploração, talvez a única por muitos séculos, num planeta totalmente inexplorado.

Foram caminhando em silêncio; havia muita coisa para se ver. Ao chegar à orla do vale, MacAran parou e esperou que os outros o alcançassem.

— Não tenho muita experiência com planetas estranhos - ele disse. - Mas procurem evitar o contato com qualquer vegetação esquisita, vejam onde pisam, e acho que não preciso advertir que não devem tomar qualquer água ou comer qualquer coisa antes que a Dra. Lovat dê sua aprovação pessoal. Vocês dois são os especialistas. . . — MacAran acenou com a cabeça para Zabal e MacLeod. — Mais alguma coisa a acrescentar?

— Apenas uma cautela geral — respondeu MacLeod. — Por tudo o que sabemos, este planeta pode estar cheio de répteis e serpentes venenosas, mas os uniformes de superfície nos protegerão contra a maioria dos perigos que não podemos ver. Tenho uma arma para usar em emergências extremas. . . se um dinossauro ou um imenso carnívoro aparecer e nos atacar... mas de um modo geral seria melhor fugir do que atirar. Lembrem-se de que nosso objetivo é uma observação preliminar e não se deixem entusiasmar pela classificação e coleta de amostras... a próxima expedição que vier aqui é que cuidará disso.

— Se houver uma próxima expedição — murmurou Camilla.

Ela falou bem baixo, mas Rafael ouviu e fitou-a, irritado. Mas limitou-se a dizer:

— Quero que todo mundo verifique na bússola a direção do pico. Cada vez que acamparmos, devemos verificar de novo antes de partirmos, por causa do terreno irregular. Podemos ver o pico daqui, mas depois que nos embrenharmos mais pelos contrafortes é possível que só consigamos avistar a próxima colina ou as árvores.

A princípio a caminhada foi fácil e agradável, subindo-se por encostas suaves, entre coníferas altas e de raízes profundas, surpreendentemente pequenas no diâmetro para sua altura, com agulhas compridas de um verde-azulado nos galhos estreitos. A não ser pela obscuridade do sol vermelho, poderiam estar numa reserva florestal na Terra. De vez em quando Marco Zabal saía da fila para examinar alguma árvore, folha ou raiz; e houve um momento em que um animal pequeno saiu correndo pelo mato. Lewis MacLeod observou-o com uma expressão pesarosa e comentou para a Dra. Lovat:

— Uma coisa... há mamíferos peludos aqui. Provavelmente marsupiais, mas não tenho certeza.

— Pensei que ia recolher espécimes — ela comentou.

— E é o que farei, na volta. Não tenho como manter nenhum espécime vivo na ida. Como saberia com que alimentá-los? Mas se está preocupada com o suprimento de comida, devo dizer que até agora todos os mamíferos, em qualquer planeta, sem exceção, provaram ser comestíveis e saudáveis. Alguns não são muito saborosos, mas os animais que segregam leite são todos evidentemente iguais na química do corpo.

Judith Lovat notou que o pequeno e gordo zoólogo ofegava com o esforço, mas não disse nada. Podia compreender muito bem o fascínio de ser o primeiro a ver e classificar a vida selvagem de um planeta completamente estranho, um trabalho quase sempre entregue a equipes especializadas do Primeiro Desembarque, e calculou que MacAran não o teria escolhido para a expedição se ele não fosse apto nas condições físicas.

O mesmo pensamento ocorreu a Ewen Ross enquanto caminhava ao lado de Heather, nenhum dos dois desperdiçando o fôlego em conversa. Ele refletiu: Rafe não está impondo um ritmo muito puxado, mas mesmo assim não tenho certeza se as mulheres

conseguirão agüentar. Quando MacAran determinou uma parada, pouco mais de uma hora depois de partirem, ele afastou-se da jovem e foi falar com o chefe da expedição.

— Qual é a altura desse pico, Rafe?

— Não há como saber, pela distância em que o vi, mas calculo que deve ter entre cinco mil e seis mil metros.

— Acha que as mulheres conseguirão subir tudo isso?

— Camilla terá de subir, pois precisa fazer observações astronômicas. Zabal e eu poderemos ajudá-la, se for necessário. Os demais podem esperar num ponto qualquer da encosta, se não puderem continuar na escalada.

— Eu posso subir - garantiu Ewen. - Lembre-se de que o índice de oxigênio nesta atmosfera é superior ao que temos na Terra; a anoxia não ocorrerá tão depressa.

Ele olhou os homens e mulheres, descansando. Heather Stuart recolhia uma amostra do solo num dos seus tubos. Lewis MacLeod estava estendido no chão, respirando com dificuldade, os olhos fechados. Ewen observou-o com alguma apreensão, os olhos experientes reconhecendo o que nem mesmo Judith Lovat percebera, mas não disse nada. Não podia ordenar que homem fosse enviado àquela distância... não sozinho, de qualquer forma.

Pareceu ao jovem médico que MacAran estivera acompanhando seus pensamentos, pois ele disse abruptamente:

— Não acha que parece muito fácil, bom demais? Tem de haver um problema em algum lugar deste planeta. É como se fosse um piquenique numa reserva florestal.

Ewen pensou: E que piquenique, com cinqüenta e tantos mortos e mais de cem feridos no acidente. Mas ele não disse nada, recordando que Rafe perdera a irmã.

— Por que não, Rafe? Há alguma lei que diga que um planeta inexplorado deve ser perigoso? Talvez apenas estejamos tão condicionados a uma vida na Terra sem riscos que temos medo de dar um passo além de nossa boa e segura tecnologia. - Ele sorriu. - Não o ouvi se queixar de que na Terra todas as montanhas e até mesmo as encostas de esqui se tornaram de acesso tão fácil que

não existe mais qualquer senso de conquista pessoal? Não que isso me interesse... nunca me senti atraído pelos esportes perigosos.

— Talvez você tenha razão nesse ponto — comentou MacAran, mas ainda mantendo uma expressão sombria. — Mas se é esse o caso, por que se preocupam tanto com as equipes do Primeiro Desembarque num novo planeta?

— Não tenho a menor idéia. Mas não é possível que num planeta em que o homem não se desenvolveu, seus inimigos naturais também não tenham se desenvolvido?

O comentário deveria ter confortado MacAran, mas em vez disso ele sentiu um calafrio. Se o homem não pertencia àquele lugar, poderia sobreviver ali? Mas ele não disse nada.

— É melhor tornarmos a partir. Temos um longo caminho a percorrer, e eu gostaria de alcançar as encostas antes do escurecer.

Ele parou junto de MacLeod, enquanto o homem mais velho fazia um esforço para se levantar.

— Está se sentindo bem, Dr. MacLeod?

— Mac — murmurou o homem mais velho, com a insinuação de um sorriso. — Não estamos agora sob a disciplina da nave. Claro que estou bem.

— É o especialista em animais. Alguma teoria sobre o motivo pelo qual não avistamos nada maior do que um esquilo?

— Duas — respondeu MacLeod, o sorriso se alargando. — A primeira, obviamente, é a de que não existe nenhum. A segunda, a que prefiro, é a de que seis criaturas... não, sete... como nós, avançando pela mata desse jeito, fazem com que qualquer coisa com um cérebro maior do que o de um esquilo trate de se manter à distância.

MacAran soltou uma risada, enquanto revisava sua opinião a respeito do homenzinho gordo, elevando-a por alguns pontos.

— Deveríamos tentar fazer menos barulho?

— Não sei como conseguiríamos. Esta noite teremos um teste melhor. Carnívoros maiores... se ou ver alguma analogia com a Terra... estarão em ação, na esperança de encontrarem a presa natural dormindo.

— Nesse caso, devemos cuidar para não sermos mastigados por engano — comentou MacAran.

Mas enquanto observava os outros ajeitarem as mochilas e entrarem em formação, ele pensou que ali estava uma coisa que esquecera. Era verdade; a atenção extensa à segurança na Terra eliminara praticamente todos os perigos, a não ser os produzidos pelo próprio homem. Até os safáris na selva eram realizados em veículos com vidros blindados, e nunca lhe ocorreria que a noite poderia ser perigosa sob esse aspecto.

Caminharam por mais quarenta minutos, através de árvores cada vez mais grossas e um mato baixo mais denso, obrigando-os a empurrar galhos, quando Judith parou, esfregando os olhos, angustiada. Ao mesmo tempo, Heather levantou as mãos e fitou-as horrorizada; Ewen, ao seu lado, ficou alerta no mesmo instante.

— Qual é o problema?

— Minhas mãos. . .

Heather estendeu-as, o rosto muito pálido. Ewen gritou:

— Rafe! Espere um pouco!

A fileira irregular parou. Ele pegou os dedos esguios de Heather com todo cuidado e examinou-os, verificando que havia pequenos pontos verdes de erupções. Por trás, Camilla exclamou:

— Judy! Oh, Deus, olhe para o seu rosto!

Ewen virou-se para a Dra. Lovat. Ela tinha as faces e pálpebras cobertas pelos pontos esverdeados, que pareceram se espalhar, aumentar e inchar, enquanto os observava. Judith fechou os olhos, apertando com força. Camilla segurou suas mãos gentilmente no momento em que ela as levava ao rosto.

— Não toque em seu rosto, Judy... O que é isso, Dr. Ross?

— Como posso saber?

Ewen olhou ao redor, enquanto os outros se aproximavam.

— Mais alguém está ficando verde? - Uma pausa e ele acrescentou: — Muito bem. E para isso que estou aqui, e todos os outros devem se manter à distância até sabermos qual é o problema. Heather! — Ele sacudiu-a pelos ombros bruscamente. — Pare com isso! Não vai cair morta de repente. Até onde posso constatar, seus sinais vitais continuam em perfeitas condições.

A moça controlou-se com um esforço evidente.

— Desculpe.

— O que sente exatamente? Esses pontos doem?

— Não, mas coçam demais!

Ela estava afogueada, o rosto vermelho, os cabelos castanho-avermelhados caindo soltos pelos ombros; levantou a mão a fim de empurrá-los para trás. Ewen segurou-a pelo pulso, tomando cuidado para tocar apenas na manga do uniforme.

— Não toque em seu rosto - disse ele. - Foi o que a Dra. Lovat fez. Como está se sentindo, Dra. Lovat?

— Não muito bem — ela murmurou, com um esforço considerável. — O rosto arde e os olhos... pode ver como estão.

— Tem razão.

Ewen constatou que as pálpebras inchavam e se tornavam esverdeadas; sua aparência era grotesca.

Secretamente, Ewen especulou se parecia tão assustado quanto se sentia. Como todos os outros ali, fora criado com histórias de pragas exóticas encontradas em mundos estranhos. Mas era um médico e aquele era seu trabalho. E disse, imprimindo à voz tanta firmeza quanto podia:

— Muito bem, todos os outros devem se afastar, mas não entrem em pânico. Se for uma praga disseminada pelo ar, então todos nós já a contraímos, e provavelmente na noite em que pousamos no planeta. Mais algum sintoma, Dra. Lovat?

Judy respondeu, tentando sorrir:

— Nenhum... exceto que estou apavorada.

— Não vamos pensar nisso... por enquanto. - Tirando luvas de borracha de um pacote esterilizado em sua mochila, Ewen verificou a pulsação. - Não há taquicardia, a respiração não se alterou. E você, Heather?

— Estou bem, a não ser pela coceira.

Ewen examinou a pequena erupção meticulosamente. Era minúscula a princípio, mas cada pápula expandia-se depressa para se tornar uma vesícula.

— Vamos começar por um processo de eliminação - disse ele. - O que você e a Dra. Lovat fizeram que ninguém mais fez?



— Recolhi algumas amostras do solo - respondeu Heather -, procurando por bactérias e diatomáceas.

— E eu estudei algumas folhas - informou Judy -, tentando descobrir se possuíam um conteúdo de clorofila apropriado.

Marco Zabal puxou as mangas do uniforme.

— Bancarei o Sherlock Holmes. Aqui está a resposta. - Ele estendeu os pulsos, mostrando um ou outro ponto verde. — Srta. Stuart, teve de afastar algumas folhas para remover suas amostras?

— Tive, sim... umas folhas avermelhadas. Zabal balançou a cabeça.

— Essa é a resposta. Como qualquer bom xenobotânico, só mexo numa planta com luvas, até ter certeza do que é ou do que contém. Notei um óleo volátil na ocasião, mas não dei maior importância. Provavelmente um parente distante do sumagre... *Rhus toxicodendron*... hera venenosa para vocês. E meu palpite é de que, se surgiu tão depressa, não passa de dermatite de contato, não há efeitos colaterais mais graves.

Ele sorriu, uma expressão divertida no rosto comprido e estreito.

— Experimente uma pomada anti-histamínica, se tiver alguma, ou aplique uma injeção na Dra. Lovat, já que seus olhos ficaram tão inchados que será difícil para ela ver para onde vai. E daqui por diante não vamos admirar nenhuma folha bonita enquanto eu não a examinar, está bem?

Ewen seguiu suas instruções, com um alívio tão grande que era quase doloroso. Sentia-se totalmente incapaz de lidar com qualquer praga estranha. Uma injeção hipodérmica de anti-histamínico encolheu rapidamente as pálpebras inchadas de Judith ao tamanho normal, embora a cor verde persistisse. O basco mostrou-lhes todos os seis espécimes de folhas, numa caixa de amostras de plástico transparente.

— A ameaça vermelha que deixa as pessoas verdes — ele comentou secamente. - Aprendam a ficar longe das plantas desconhecidas, se puderem.

— Se todos estão bem, vamos continuar a viagem - decidiu MacAran.

Mas enquanto os membros da expedição recolhiam os equipamentos, ele sentiu-se aflito, de alívio e medo renovado. Que outros perigos podiam estar à espreita numa árvore ou flor de aparência inocente? E disse para Ewen, em voz meio alta:

— Eu sabia que este lugar era bom demais para ser verdadeiro. Zabal ouviu e soltou uma risada.

— Meu irmão integrava a equipe do Primeiro Desembarque na colônia de Coronis. Esse é o motivo pelo qual eu seguia para lá. E o único motivo para que eu saiba de tudo. A Força Expedicionária não gosta de divulgar como os planetas podem ser traiçoeiros, porque ninguém se atreveria então a deixar nossa boa e segura Terra. E é claro que na ocasião em que os grandes grupos de colonos chegam lá, como nós, as equipes tecnológicas já removeram os perigos óbvios e, digamos assim, deram um jeito nas coisas.

— Vamos embora - ordenou MacAran, sem responder.

Aquele era um planeta selvagem, mas o que ele podia fazer? Dissera que estava disposto a assumir riscos e agora tinha a sua oportunidade.

Prosseguiram sem incidentes, parando perto do meio-dia para comer de suas rações e permitir que Camilla Del Rey conferisse seu cronômetro e determinasse o mais próximo possível o momento exato do sol a pino. MacAran aproximou-se quando ela observava uma pequena estaca que fincara no chão.

— O que está fazendo?

— O momento em que a sombra se torna mais curta é o meio-dia exato. Anoto a extensão a cada dois minutos e quando começa a se alongar de novo, o meio-dia... o sol exatamente no meridiano... fica nesse período de dois minutos. É bastante próximo do verdadeiro meio-dia local para nossas medições. - Camilla virou-se para ele e perguntou em voz baixa: — Heather e Judy estão mesmo bem?

— Estão, sim. Ewen as examina em cada parada. Não sabemos quanto tempo vai levar para que a cor desapareça, mas elas estão bem.

— Quase entrei em pânico — murmurou Camilla. — Judy Lovat me faz sentir envergonhada de mim mesma. Ela se manteve tão

calma...

MacAran notou que o tratamento formal da nave, "Tenente Del Rey", "Dra. Lovat", "Dr. MacLeod", já desaparecera, dando lugar à intimidade de Camilla, Judy, Mac. Ele aprovava. Afinal, poderiam passar muito tempo ali. Fez um comentário a respeito e depois perguntou abruptamente:

— Tem alguma idéia do tempo em que ficaremos aqui para os reparos?

— Nenhuma. Mas o Comandante Leicester falou em seis semanas, se pudermos reparar a nave.

— Se?

— Claro que podemos repará-la. - Camilla falou em tom brusco e incisivo, virando-se no instante seguinte. - Temos de conseguir. Não podemos permanecer aqui.

MacAran não pôde deixar de especular se era fato ou otimismo, mas não insistiu no assunto. Quando tornou a falar, foi para fazer um comentário banal sobre a qualidade das rações que levavam e manifestar sua esperança de que Judy encontrasse fontes frescas de alimentação ali.

Enquanto o sol descia lentamente sobre as cordilheiras distantes, voltou a esfriar e um vento forte começou a soprar. Camilla olhou apreensiva para as nuvens que se acumulavam.

— Lá se vão as observações astronômicas - ela murmurou. - Será que chove todas as noites neste planeta miserável?

— É o que parece - respondeu MacAran. - Mas talvez seja um fenômeno sazonal. Mas tem acontecido todas as noites até agora, pelo menos nesta estação... calor ao meio-dia, esfria depressa, nuvens ao cair da tarde, chuva à noite, neve por volta de meia-noite. E nevoeiro ao amanhecer.

Franzindo as sobrancelhas, Camilla disse:

— Pelo que deduzi das mudanças do tempo... não que cinco dias possam nos dizer muita coisa... é primavera; de qualquer maneira, os dias estão se tornando mais longos, cerca de três minutos cada dia. O planeta parece ter mais inclinação do que a Terra, o que explicaria as bruscas mudanças do tempo. Mas talvez

depois que a neve parar e antes do nevoeiro subir, o céu clareie um pouco...

Ela ficou em silêncio, pensando. MacAran não a incomodou. Quando começou a cair uma chuva fina, ele passou a procurar um local para acamparem, antes que se transformasse num aguaceiro. Estavam descendo por uma encosta; lá embaixo estendia-se um extenso vale, quase sem árvores, mas aprazível e verdejante, prolongando-se por três ou quatro quilômetros para o sul. Era evidente que os contrafortes estavam entremeados de pequenos vales assim; por aquele corria um estreito curso de água... um rio? Um regato? Poderiam aproveitá-lo para reabastecer os suprimentos de água? Ele levantou a questão e MacLeod respondeu:

— Precisamos testar a água, é claro. Mas estaremos mais seguros se acamparmos aqui, no meio da floresta.

— Porquê?

MacLeod apontou em resposta e MacAran divisou algo que parecia ser um rebanho de animais. Era difícil divisar detalhes, mas pareciam ser do tamanho de pequenos pôneis.

— Lá está o motivo — disse MacLeod. — Por tudo o que sabemos, eles podem ser pacíficos... ou até mesmo domesticados. E, se estão pastando, não são carnívoros. Mas eu detestaria me encontrar no caminho se resolvessem promover um estouro à noite. No meio das árvores poderíamos ouvir sua aproximação.

Judy veio se postar ao lado dos dois.

— Eles podem ser bons para comer. E também podem ser domesticados, se alguém vier a colonizar este planeta algum dia... evitaria o problema de importar animais de corte e bestas de carga da Terra.

Observando o lento movimento da manada sobre a relva verde-cinza, MacAran refletiu que era uma tragédia que o homem só pudesse ver os animais em termos de suas próprias necessidades. Mas também gosto de um bom bife, tanto quanto qualquer outro. Quem sou eu para fazer sermões! E talvez partissem dentro de poucas semanas, e aqueles animais, o que quer que fossem, permaneceriam incólumes para sempre.

Eles armaram o acampamento na encosta, sob uma chuva fina, e Zabal empenhou-se em acender uma fogueira. Camilla disse:

— Preciso subir ao topo da colina ao pôr-do-sol e tentar determinar uma linha de direção com a nave. Eles vão acender luzes para nos orientar.

— Não poderia ver coisa alguma com esta chuva — protestou MacAran. - A visibilidade é de menos de um quilômetro agora. Nem mesmo uma luz forte seria visível. Entre logo no domo, pois está ficando encharcada!

Ela virou-se para ele, furiosa.

— Escute aqui, Senhor MacAran, preciso lembrá-lo de que não recebo ordens suas? Está no comando da expedição de exploração... mas eu estou aqui por conta da nave e tenho deveres a cumprir!

Ela virou as costas à pequena tenda em formato de domo, feita de plástico, começou a subir pela encosta. MacAran, praguejando contra as mulheres obstinadas e oficiais ainda por cima, foi em seu encalço.

— Pode voltar! - gritou Camilla. - Estou com meus instrumentos e cuidarei de tudo sozinha!

— Acabou de dizer que estou no comando da expedição. Pois muito bem, uma das minhas ordens é para que ninguém se afaste sozinho! Ninguém... e isso inclui a primeira oficial da nave!

Ela continuou a subir pela encosta, sem dizer mais nada, puxando o capuz do parka sobre o rosto, a fim de se proteger da chuva fria e do vento cortante. Esta foi se tornando mais forte enquanto escalavam a colina, e MacAran ouviu-a tropeçar e escorregar na vegetação rasteira, apesar da lanterna potente que ela empunhava. Alcançando-a, estendeu a mão forte para ampará-la. Camilla fez um movimento para se desvencilhar, mas ele disse asperamente:

— Não seja tola, Tenente! Se torcer um tornozelo, teremos de carregá-la... ou voltar! Talvez duas pessoas possam encontrar um ponto de apoio, onde uma sozinha não consegue. Vamos... apóie-se em meu braço.

Ela permaneceu rígida e MacAran acrescentou, irritado:

— Mas que droga! Se você fosse um homem, eu não pediria polidamente para me deixar ajudar... daria uma ordem!

Camilla soltou uma risada.

— Está bem.

Ela segurou o braço de MacAran e as duas lanternas iluminaram o chão, em busca de um caminho. Ele podia ouvi-la a bater os dentes de frio, mas Camilla não se queixou em momento algum. A encosta tornou-se mais íngreme e nos últimos metros MacAran teve de passar na frente e virar-se para puxá-la. Camilla olhou ao redor, procurando se orientar; apontou para um clarão fraco, através da cortina de chuva.

— Poderia ser aquilo? - ela murmurou, indecisa. - A direção da bússola parece correta.

— Se eles estão usando um laser, é bem possível, pode aparecer a essa distância, mesmo através da chuva.

A luz apagou, tornou a brilhar, sumiu de novo. MacAran praguejou baixinho.

— A chuva está se transformando em granizo... vamos descer logo, antes que tenhamos de escorregar... sobre o gelo!

O caminho parecia ainda mais íngreme e escorregadio, e houve um momento em que Camilla perdeu o equilíbrio no chão gelado e caiu, patinando até bater numa árvore e parar. Ficou ali, meio atordoada, até que MacAran, iluminando ao redor com a lanterna e chamando-a, focalizou-a no fecho. Camilla ofegava e soluçava com o frio, mas sacudiu a cabeça e levantou-se sozinha, quando ele estendeu a mão para ajudá-la.

— Posso cuidar de mim. — Uma pausa e ela acrescentou, relutante: — Mas obrigada.

Ela sentia-se exausta, totalmente humilhada. Fora treinada a pensar sempre que era seu dever trabalhar com os homens numa base de igualdade, e no mundo normal que conhecia, um mundo de botões para apertar e máquinas para dirigir, a força física não era um fator que jamais precisasse levar em consideração. Jamais deixara de refletir que em toda a sua vida nunca conhecera qualquer esforço físico maior do que a ginástica no ginásio da nave ou numa estação espacial; sentia agora que, por não ter conseguido sustentar

o próprio peso, falhara de alguma forma em suas responsabilidades. Como oficial de uma nave, deveria ser mais competente do que qualquer civil! Ela continuou a descer, esgotada, adiantando os pés com uma cautela obstinada. Podia sentir as lágrimas de cansaço congelarem em suas faces.

MacAran, seguindo lentamente, não estava a par de sua luta interior, mas podia perceber o cansaço de Camilla pelos ombros arqueados. Depois de um momento, ele passou o braço por sua cintura e disse gentilmente:

— Como eu falei antes, se você cair de novo e se machucar, teremos de carregá-la. Não faça isso conosco, Camilla. — E ele acrescentou, hesitante: — Deixaria Jenny ajudá-la, não é mesmo?

Ela não respondeu, mas apoiou-se nele. MacAran guiou seus passos trôpegos para a pequena claridade que brilhava através da tenda. Em algum lugar lá em cima, no meio das árvores, soou o grito áspero de um pássaro noturno, rompendo o barulho do granizo caindo; mas não houve outro som. Até mesmo seus passos soavam insólitos e estranhos ali.

Entrando na tenda, MacAran cedeu ao cansaço. Aceitou agradecido a xícara de plástico com chá quente que MacLeod lhe estendeu, avançou com cuidado para o lugar em que fora estendido seu saco de dormir, ao lado de Ewen. Tomou um gole do líquido escaldante, removendo o gelo das pálpebras, ouvindo Heather e Judy trocarem murmúrios preocupados pelo rosto gelado de Camilla, movimentando-se no alojamento apertado para servirem um chá quente, ajudarem-na a tirar o parka coberto de gelo e envolverem-na com um cobertor. Ewen perguntou:

— O que está havendo lá fora? Chuva? Granizo? Neve?

— Acho que uma mistura das três coisas. Parece que nos metemos no meio de uma tempestade equinocial. Mas não pode ser assim durante o ano inteiro.

— Conseguiram fazer os registros? — Ao aceno de cabeça afirmativo de MacAran, ele acrescentou: — Um de nós deveria ter ido. A tenente não tinha condições para uma escalada assim com esse tempo. O que será que a levou a tentar?

MacAran olhou para Camilla, encolhida sob um cobertor, com Judy enxugando seus cabelos molhados e emaranhados, enquanto ela tomava o chá quente. E murmurou, surpreendendo a si mesmo:

— Noblesse oblige. Ewen balançou a cabeça.

— Entendo o que está querendo dizer. E agora vou lhe arrumar um pouco de sopa. Judy fez maravilhas com as rações. É sempre bom contar com a presença de uma especialista em alimentos.

Estavam todos exaustos e pouco conversaram sobre o que haviam visto; de qualquer maneira, o uivo do vento e o barulho do granizo lá fora tornavam difícil qualquer conversa. Em meia hora terminaram de comer e se meteram nos sacos de dormir. Heather aconchegou-se contra Ewen, ajeitando a cabeça em seu ombro. MacAran contemplou seus corpos unidos com uma inveja vaga e indefinida. Parecia haver ali uma intimidade que pouco tinha a ver com sexualidade. Era evidente na maneira como mudavam de posição, quase inconscientemente, para aliviar e proporcionar mais conforto um ao outro. Contra sua vontade, ele pensou no momento em que Camilla apoiara-se nele, sorriu ironicamente no escuro. Entre todas as mulheres na nave, ela era a que tinha menos possibilidade de se interessar por ele e provavelmente a que mais lhe antipatizava. Mas também não podia deixar de admirá-la.

MacAran permaneceu acordado por algum tempo, escutando o ruído do vento nas árvores, o barulho de uma árvore se partindo e caindo estrondosamente em algum lugar, sob a tempestade — Santo Deus! Se caísse na tenda, estaríamos todos mortos! —, sons estranhos que poderiam ser animais deslocando-se pela vegetação. Depois de algum tempo acabou mergulhando num sono irrequieto, mas com um ouvido atento, escutando MacLeod ofegar e gemer no sono e um grito de pesadelo de Camilla. Perto do amanhecer a tempestade amainou e logo a chuva cessou, e ele dormiu como uma pedra, ouvindo apenas, através do sono, os sons de estranhas bestas e aves movimentando-se na floresta escura, pelas colinas desconhecidas.



## Capítulo Três

Pouco antes do amanhecer ele despertou, ouvindo Camilla se mexer. Através da tenda escura, percebeu que ela fazia um esforço para vestir o uniforme. Deixou seu saco de dormir sem fazer barulho e perguntou baixinho:

— O que foi?

— A chuva parou e o céu está claro. Quero fazer algumas observações do céu e obter registros espectrográficos antes que comece o nevoeiro.

— Está certo. Precisa de alguma ajuda?

— Não. Marco pode carregar os instrumentos.

MacAran já ia protestar, mas depois deu de ombros e voltou para seu saco de dormir. Não era problema seu. Camilla conhecia o seu trabalho e não precisava que ele a vigiasse atentamente. Ela deixara isso bem claro.

No entanto, uma vaga apreensão impediu-o de voltar a dormir; permaneceu num cochilo inquieto, ouvindo ao redor os ruídos da floresta a despertar. Aves gritavam de árvore para árvore, algumas estridentes e roucas, outras suaves e melodiosas. Havia pequenos grasnidos e movimentos na vegetação baixa, e em algum lugar um som distante, que não parecia muito diferente do latido de um cachorro.

E depois o silêncio foi abalado por um grito horrível - um berro de agonia indubitavelmente humana, um brado estridente de angústia, repetido duas vezes e se desmanchando num gemido trêmulo; depois o silêncio voltou.

MacAran levantou-se do saco de dormir e saiu da tenda, meio despido. Ewen se encontrava menos de um passo atrás dele e todos os outros os seguiram, sonolentos, atordoados, assustados. MacAran subiu correndo pela encosta na direção do som, ouvindo Camilla gritar por socorro.

Ela instalara os equipamentos numa clareira perto do cume, mas agora tudo fora derrubado. Marco Zabal estava caído no chão ali perto, contorcendo-se e gemendo incoerentemente. Estava

inchado e o rosto tinha uma horrível aparência congestionada. Camilla mexia freneticamente com as mãos enluvadas. Ewen ajoelhou-se ao lado do homem estrebuchando, perguntando a Camilla:

— Depressa... o que aconteceu?

— Coisas... como insetos.

Trêmula, ela estendeu a mão enluvada: havia na palma uma coisa esmagada, com menos de cinco centímetros de comprimento, uma cauda curva como a de um escorpião, uma presa ameaçadora na frente, a coloração laranja e verde.

— Ele saiu de trás daquela elevação ali, ouvi-o gritar e depois ele caiu...

Ewen já abria sua valise médica, as mãos se movimentavam sobre o coração de Zabal. Deu instruções rápidas a Heather, que se abaixara ao seu lado, para cortar as roupas do homem. O rosto de Zabal estava congestionado e escurecendo, os braços imensamente inchados. Encontrava-se inconsciente agora, gemendo em delírio.

Um potente veneno dos nervos, pensou Ewen; o coração perde o vigor e a respiração se torna difícil. Tudo o que podia fazer agora era aplicar um estimulante forte e se manter atento, para o caso de Zabal precisar de respiração artificial. Não podia sequer dar alguma coisa para aliviar a agonia, pois quase todos os narcóticos provocam depressão respiratória. Esperou ansioso, mal se atrevendo a respirar também, o estetoscópio no peito de Zabal, enquanto o coração vacilante começava a bater de um modo um pouco mais regular; levantou a cabeça por um momento e olhou para a elevação, perguntou a Camilla se fora mordida - não fora, embora dois dos insetos terríveis tivessem começado a subir por seu braço - e mandou que todos ficassem à distância da elevação, um formigueiro ou qualquer outra coisa assim. Foi pura sorte não termos acampado bem em cima deles na escuridão! MacAran e Camilla devem ter tropeçado justamente ali... ou talvez os insetos fiquem hibernando na neve!

O tempo foi passando lentamente. A respiração de Zabal tornou-se mais regular e ele já não gemia tanto, mas não recuperou

a consciência. O enorme sol vermelho, varando o nevoeiro, foi subindo devagar pelos contrafortes.

Ewen mandou Heather de volta à tenda para buscar o resto de seu equipamento médico; Judy e MacLeod começaram a preparar o desjejum. Camilla, estoicamente, calculou os poucos registros astronômicos que conseguira efetuar antes do ataque das formigas-escorpiões — MacLeod, depois de examinar o inseto morto, batizara-os assim temporariamente. MacAran aproximou-se do homem inconsciente e do jovem médico ajoelhado ao seu lado.

— Ele vai sobreviver?

— Não sei. Provavelmente. Nunca vi nada parecido desde que tratei de meu único caso de mordida de cascavel. Mas uma coisa é certa... ele não irá a qualquer lugar hoje e provavelmente nem amanhã.

— Não deveríamos carregá-lo para a tenda? - perguntou MacAran. - Não é possível que haja mais dessas coisas rastejando por aqui?

— Prefiro não transferi-lo agora. Talvez daqui a duas horas. MacAran ficou olhando para o homem inconsciente, consternado.

Não podiam se atrasar... mas o tamanho da expedição fora rigorosamente calculado e não podiam dispensar ninguém para buscar socorro na nave. Ele acabou dizendo:

— Precisamos continuar. Poderíamos transferir Marco para a tenda, onde é seguro, e você ficaria para cuidar dele. Os outros podem realizar seu trabalho de exploração aqui tanto quanto em qualquer outro lugar, colhendo amostras do solo, plantas e vida animal. Mas eu tenho de descobrir o que puder do pico e a Tenente Del Rey precisa fazer suas observações astronômicas do ponto mais alto possível. Seguiremos em frente, até onde pudermos. Se for impossível escalar o pico, não tentaremos. Vamos nos limitar a fazer os registros possíveis e depois voltaremos.

— Não seria melhor esperar um pouco para saber se poderemos acompanhá-los? Não sabemos que tipos de perigos existem nestas florestas.

— É uma questão de tempo - interveio Camilla, muito tensa. - Quanto mais depressa soubermos onde nos encontramos, mais

depressa teremos uma oportunidade...

Ela não concluiu a frase. MacAran disse:

— É verdade, não sabemos, mas os perigos podem ser os mesmos para uma expedição pequena ou até para uma única pessoa. Creio que não há outro jeito, teremos de fazer assim.

Ficou tudo acertado. Duas horas depois, como Zabal ainda não apresentasse sinais de recuperar a consciência, MacAran e os outros dois homens carregaram-no para a tenda, numa maca improvisada. Houve alguns protestos contra a divisão da expedição, mas ninguém a contestou com mais veemência. MacAran compreendeu que já se tornara o líder, cuja palavra era lei. Quando o sol vermelho se encontrava bem por cima, eles dividiram as mochilas e se preparam para partir, levando apenas a pequena tenda de emergência, rações para uns poucos dias e os instrumentos de Camilla.

Ficaram parados por um momento na tenda, olhando para Zabal. Ele começara a se mexer e a gemer, mas ainda não havia outros sinais de recuperação da consciência. MacAran sentia-se desesperadamente preocupado com ele, mas tinha de deixá-lo aos cuidados de Ewen. Afinal, o mais importante ali era a avaliação preliminar daquele planeta... e as observações de Camilla sobre o ponto da Galáxia em que se encontravam!

Mas algo o perturbava. Teria esquecido alguma coisa? Subitamente, Heather Stuart tirou a túnica de seu uniforme e a suéter que usava por baixo.

— Leve isto, por favor, Camilla - ela disse, em voz baixa. - É mais quente do que sua blusa. Neva por aqui, e vocês terão apenas o abrigo pequeno.

Camilla riu, sacudindo a cabeça.

— Aqui também haverá frio.

— Mas... - O rosto de Heather estava tenso e contraído. Ela mordeu o lábio e suplicou: - Por favor, Camilla. Pode me chamar de tola, se quiser. Diga que estou com uma premonição, mas por favor leve isto!

— Você também? - perguntou MacLeod, secamente. - É melhor levar, Tenente. Pensei que era apenas eu que estava com a aberração da segunda visão. Nunca levei a PES, a percepção extra-

sensorial, muito a sério, mas é possível que se transforme num requisito para a sobrevivência num planeta estranho. Além do mais, o que tem a perder se levar algum agasalho extra?

MacAran compreendeu que a coisa que o perturbava se relacionava de alguma forma com o tempo. E disse:

— Leve, Camilla, se for mais quente. Também levarei o parka de montanha de Zabal, se for mais grosso, deixando o meu para ele. E algumas suéteres extras, se houver. Vocês não devem se privar, mas é verdade que se nevar terão mais abrigo do que nós, e às vezes fica muito frio nas alturas.

Ele olhava para Heather e MacLeod com uma expressão curiosa; de um modo geral, não tinha fé no que já ouvira sobre a PES, mas se duas pessoas na expedição sentiam a mesma coisa e ele também tinha uma insinuação vaga... ora, talvez fosse apenas uma questão de percepções sensoriais inconscientes, algo que não podiam avaliar conscientemente. De qualquer forma, não era preciso PES para prever o mau tempo no alto de uma montanha num planeta estranho, com um clima aberrante!

— Vamos levar todas as roupas que os outros puderem dispensar e um cobertor a mais... temos de reserva - ele ordenou. - E vamos partir logo.

Enquanto Heather e Judy arrumavam as coisas, MacAran arrumou uma oportunidade para falar a sós com Ewen.

— Espere aqui por nós pelo menos durante oito dias. Daremos um sinal todos os dias, ao pôr-do-sol, se for possível. Se não houver notícias ou sinais dentro de oito dias, voltem para a nave. Se voltarmos, não há sentido em perturbar os outros com isso... mas se alguma coisa nos acontecer, você está no comando. Ewen relutava em deixá-lo partir.

— O que devo fazer se Zabal morrer?

— Enterre-o — respondeu MacAran bruscamente. — O que mais se poderia fazer?

Ele afastou-se, gesticulando para Camilla.

— Vamos embora, Tenente.

Deixaram a clareira sem olhar para trás, MacAran imprimindo um ritmo firme à marcha, não muito acelerado, não muito lento.

À medida que subiam, a paisagem foi mudando, a vegetação rasteira menos crescida, mais pedras, as árvores mais esparsas. A encosta não era muito íngreme. Ao se aproximarem da crista da colina em que haviam acampado, MacAran determinou uma parada para descansarem e comerem um pouco. Podiam avistar o pequeno quadrado laranja da tenda, era apenas uma mancha mínima lá de cima.

— Que distância percorremos, MacAran? - indagou Camilla, tornando a pôr na cabeça o capuz do casaco forrado de pele.

— Não tenho como determinar. Talvez uns nove ou dez quilômetros, uma altitude de cerca de seiscentos metros. Sente alguma dor de cabeça?

— Apenas um pouco — mentiu a jovem.

— É uma consequência da mudança de pressão do ar, logo estará acostumada. Ainda bem que a subida é gradual.

— É difícil pensar que foi ali que dormimos na noite passada... tão lá embaixo — murmurou Camilla, um pouco trêmula.

— Depois que passarmos pela crista, perderemos a tenda de vista. Se quer desistir, esta é a sua última oportunidade. Poderá descer até lá em uma hora, talvez duas no máximo.

Ela deu de ombros.

— Não me tente.

— Você está com medo?

— Claro. Não sou uma idiota. Mas não entrarei em pânico, se é isso o que quer saber.

MacAran levantou-se, engolindo a última porção da ração.

— Pois então vamos continuar. E tome cuidado onde pisa. . . há pedras soltas por aqui.

No entanto, para surpresa de MacAran ela subiu com passos firmes pelas pedras empilhadas nas proximidades da crista, e ele não precisou ajudá-la nem procurar por uma passagem mais fácil. Do alto da colina podiam avistar um amplo panorama por trás deles lá embaixo; o vale em que haviam acampado, com sua longa planície, o vale mais além, onde estava a nave estelar... embora MacAran, mesmo com seus potentes binóculos, só conseguisse divisar uma mancha escura que podia ser a nave. Era mais fácil

identificar a clareira irregular em que tinham cortado árvores para os abrigos. Passando o binóculo para Camilla ele comentou:

- A primeira marca do homem num mundo novo.
- E espero que seja a última.

MacAran sentiu vontade de perguntar, esclarecer a questão de uma vez por todas: a nave podia mesmo ser reparada? Mas aquele não era o momento para pensar nisso. E ele disse:

— Há córregos entre as rochas e Judy testou a água. Provavelmente poderemos encontrar toda a água de que vamos precisar para restabelecer os cantis e por isso não precisamos racionar demais.

— Sinto a garganta terrivelmente ressequida. É apenas a altitude?

— Provavelmente. Na terra não podemos subir muito alto oxigênio, mas esse planeta possui uma taxa muito maior de oxigênio na atmosfera.

MacAran deu uma última olhada na tenda laranja lá embaixo, guardou o binóculo na caixa e pendurou-a no ombro.

— O próximo pico será mais alto. Vamos embora. – Camilla olhava para algumas flores laranja que cresciam em fendas na rocha, e ele acrescentou: - É melhor não tocar. Quem sabe o que pode morder aqui?

Ela virou-se, com uma pequena flor laranja entre os dedos, murmurando com um sorriso:

— É tarde demais agora. Se vou cair morta ao colher uma flor, é melhor descobrir isso agora do que mais tarde. Não tenho certeza se quero continuar a viver num planeta em que não posso tocar em coisa alguma. – Uma pausa e ela acrescentou, mais séria: - Temos de assumir alguns riscos, Rafe... e mesmo assim, algo em que nunca pensamos pode nos matar. Parece-me que tudo o que podemos fazer é adotar as precauções óbvias... e depois aceitar os riscos.

Era a primeira vez desde o acidente que ela o chamava pelo primeiro nome, e MacAran abrandou, embora relutante.

— Tem toda razão. A não ser andando em trajes espaciais, não temos nenhuma proteção total; portanto, não há sentido em ficar paranóico. Se nós fizéssemos parte do Primeiro Grupo de

Colonizadores, saberíamos que riscos correr, mas como não é o caso, acho melhor só contarmos com a sorte. - Estava esquentando, e ele tirou sua camada exterior de roupa. - Até que ponto devemos dar atenção às premonições de mau tempo de Heather?

Eles começaram a descer pelo outro lado da colina. No meio da encosta, depois de duas ou três horas a procurarem por uma trilha, encontraram uma pequena fonte cristalina jorrando de uma abertura entre as rochas, e aproveitaram para encher os cantis. A água era pura e, por sugestão de MacAran, seguiram o seu curso na descida, pois com certeza seria o caminho mais curto.

Ao anoitecer, nuvens carregadas começaram a disparar pelo sol poente. Encontravam-se num vale, sem qualquer possibilidade de sinalizar para a nave ou para o outro acampamento da expedição. Enquanto armavam a pequena tenda e MacAran acendia uma fogueira para esquentar as rações, uma chuva fina começou a cair. Praguejando, ele transferiu a pequena fogueira para baixo da abertura da tenda, tentando protegê-la da chuva. Conseguiu amornar a água, mas não deixá-la quente, antes que o granizo apagasse o fogo. Desistiu e largou as rações secas na água morna.

— Aqui está. Não é um alimento saboroso, mas dá para comer... e espero que seja também nutritivo.

Camilla fez uma careta ao provar, mas não disse nada, o que o deixou aliviado. O granizo caía ao redor, e eles entraram na tenda e a fecharam. Mal havia espaço para que uma pessoa deitasse, enquanto a outra permanecia sentada, pois as tendas de emergência eram projetadas para uma única pessoa. MacAran já ia fazer um comentário irreverente sobre os alojamentos aconchegantes, mas olhou para o rosto contraído de Camilla e concluiu que era melhor não dizer nada. Limitou-se a dizer, enquanto tirava o parka de tempestade e a mochila, e desdobrava o saco de dormir:

— Espero que você não sofra de claustrofobia.

— Sou tripulante de espaçonave desde os dezessete anos. Como poderia agüentar se tivesse claustrofobia? - Ele imaginou-a a sorrir no escuro, enquanto Camilla acrescentava: — Ao contrário.

Nenhum dos dois tinha muito o que dizer depois disso. Mais tarde, ela perguntou:



— Como estará Marco?

Mas MacAran não tinha resposta para isso e não havia sentido em pensar como a viagem poderia ser melhor se contassem com os conhecimentos adquiridos por Marco Zabal no Himalaia. Ele também fez uma pergunta, pouco antes de adormecer:

— Quer levantar e tentar observar algumas estrelas antes do amanhecer?

— Não. Acho que esperarei até o pico... se conseguirmos chegar lá.

A respiração de Camilla foi se aquietando em suspiros suaves e exaustos, até que ele compreendeu que ela pegara no sono. MacAran permaneceu acordado mais um pouco, especulando sobre o que encontrariam pela frente. Lá fora a tempestade caía ruidosa e houve de repente um zunido intenso, que podia ter sido o vento ou algum animal disparando pelo mato. MacAran adormeceu, um sono leve, alerta a sons inesperados. Uma ou duas vezes Camilla gritou no sono e ele despertou, atento, escutando. Ela estaria com um princípio da doença da altitude? Com ou sem índice elevado de oxigênio, os picos eram bastante altos e cada escalada aumentava a altitude geral. Ora, ela acabaria se acostumando. Ou não. Por um instante, à beira do sono, MacAran refletiu que ali estava o tema para uma boa aventura dos meios de comunicação de massa, um homem a sós com uma linda mulher num planeta estranho, repleto de perigos. Ele estava consciente de que a desejava — afinal, era humano e do sexo masculino —, mas nas atuais circunstâncias nada estava mais longe de sua mente do que o sexo. Talvez eu seja civilizado demais. E com esse pensamento, exausto da escalada do dia, ele adormeceu.

Os três dias seguintes foram repetições daquele, só que no terceiro alcançaram uma passagem elevada ao crepúsculo e a chuva noturna ainda não começara. Camilla armou sua luneta e fez algumas observações. Ele não pôde deixar de perguntar, enquanto armava a tenda:

— Teve sorte? Sabe onde estamos?

— Não tenho certeza. Eu já sabia que este sol não é nenhum dos registrados e as únicas constelações que posso avistar, de

coordenadas centrais, estão deslocadas para a esquerda. Desconfio que estamos além da Ramificação Espiral da Galáxia... note como são poucas as estrelas, mesmo em comparação com a Terra, sem falar no planeta colonial de localização central. Estamos longe, muito longe, do lugar para onde deveríamos ir!

A voz estava tensa, e ao se aproximar, no escuro, MacAran percebeu que ela tinha lágrimas nas faces. Sentiu um impulso intenso de confortá-la.

— Mas pelo menos, quando tornarmos a partir, deixaremos para trás um novo planeta habitável. Talvez até recebamos uma parte da recompensa pela descoberta.

— Mas é tão longe... Podemos fazer contato com a nave?

— Podemos tentar. Estamos pelo menos dois mil e quinhentos metros mais alto do que eles, talvez até numa linha de visão direta. Pegue o binóculo, veja se consegue descobrir algum clarão. Mas é claro que eles podem estar por trás de algumas colinas.

MacAran passou o braço em torno dela, firmando o binóculo. Camilla não se esquivou.

— Tem a direção do local em que se encontra a nave?

Ele indicou. Camilla desviou ligeiramente o binóculo, com a bússola na mão.

— Vejo um clarão... não, acho que é um relâmpago. Ora, que diferença isso faz? - Impaciente, ela baixou o binóculo. MacAran podia senti-la a tremer. - Você gosta desses amplos espaços abertos, não é mesmo?

— É verdade - ele respondeu. - Sempre adorei as montanhas. Você não gosta?

Na escuridão, Camilla sacudiu a cabeça. Lá em cima, a pálida claridade violeta de uma das quatro luas pequenas proporcionava uma estranha tonalidade à escuridão. Ela murmurou:

— Não. Tenho medo delas.

— Medo?

— Sempre vivi num satélite ou numa nave de treinamento desde que fui escolhida para o serviço espacial, aos quinze anos. E, quando isso acontece, a gente acaba se tornando... - Ela hesitou. - ... agoráfoba.

— E mesmo assim se ofereceu como voluntária para esta missão! — exclamou MacAran.

Mas ela interpretou sua surpresa e admiração como crítica e disse bruscamente, antes de se virar e entrar na pequena tenda:

— Quem mais havia?

Mais uma vez, depois de engolirem a comida - quente naquela noite, pois não havia chuva para apagar o fogo -, MacAran permaneceu acordado por muito tempo depois que a jovem adormeceu. Geralmente havia à noite apenas o barulho da chuva caindo e de galhos rangendo; naquela noite, porém, a floresta parecia fervilhar de estranhos sons, como se toda a vida desconhecida aproveitasse a ausência rara de neve para entrar em atividade. Houve um uivo distante que parecia com uma gravação que MacAran ouvira uma ocasião na Terra, do extinto lobo cinzento americano; houve também um rosnado quase feminino, baixo e rouco, o grito aterrorizado de algum animal pequeno e depois o silêncio. Por volta de meia-noite soou um grito estridente e fantástico, uma espécie de gemido prolongado, fazendo com que MacAran sentisse o sangue congelar nas veias. Parecia tanto com o grito que Marco soltara quando atacado pelas formigas-escorpiões que por um instante, atordoado, abruptamente arrancado do sono, MacAran quase se levantou de um pulo; mas depois, enquanto Camilla sentava, assustada, despertada por seu movimento, o grito soou de novo e ele compreendeu que nada humano poderia emití-lo. Era um grito estridente, ululante, que se prolongava cada vez mais alto, para o que parecia ser ultra-sônico; MacAran teve a impressão de continuar a ouvi-lo muito depois que o som já cessara.

— O que é isso? - sussurrou Camilla, tremendo.

— Só Deus sabe. Deve ser alguma espécie de ave ou outro animal. Ficaram prestando atenção no silêncio e ouviram de novo o grito estridente. Ela chegou um pouco mais perto de MacAran e murmurou:

— Dá a impressão de que estava em agonia.

— Não seja imaginativa. Pode ser a sua voz normal, por tudo o que sabemos.

— Nada tem uma voz normal assim.

— Como podemos saber?

— E como você pode se manter tão indiferente? Ohhh... - Camilla encolheu-se, enquanto o grito estridente soava outra vez. - Parece deixar meu sangue congelado.

— Talvez a coisa use esse som para paralisar sua presa - sugeriu MacAran. - E devo admitir que também me assusta. Se eu estivesse na Terra... ora, minha família é irlandesa, e eu diria que o banshee, um espírito do nosso folclore, veio me buscar.

— Teremos de lhe dar o nome de banshee, quando descobirmos o que é - disse Camilla, sem rir.

O som terrível explodiu em seus ouvidos mais uma vez, e ela tampou-os, gritando:

— Pare! Pare!

MacAran esbofeteou-a, não com muita força.

— Pare você! Por tudo o que sabemos, pode estar rondando lá fora e ser bastante grande para devorar a nós dois e a tenda ao mesmo tempo! Vamos ficar quietos e esperar que se afaste!

— É mais fácil falar do que fazer — balbuciou Camilla.

Ela encolheu-se quando o grito assustador tornou a soar. Chegou mais perto de MacAran no espaço apertado da tenda e murmurou:

— Poderia... segurar minha mão?

Ele procurou pelos dedos de Camilla no escuro. Estavam frios e rígidos, e ele começou a massageá-los. Camilla aconchegou-se contra ele, que inclinou a cabeça e beijou-a na têmpora.

— Não tenha medo. A tenda é de plástico e duvido muito que tenhamos um cheiro apetitoso. Vamos torcer para que a coisa, o que quer que seja, um espírito, se quiser assim, encontre logo um bom jantar e se cale.

O uivo soou novamente, mais distante agora, já não tanto aterrador. MacAran sentiu que a jovem arriava em seu ombro, ajeitou-a, deixando-a aninhar a cabeça, enquanto murmurava gentilmente:

— É melhor você dormir um pouco... O sussurro dela soou quase inaudível:

— Obrigada, Rafe.

Ao constatar, pela respiração firme, que ela dormia de novo, MacAran inclinou-se e beijou-a. Era o pior momento para iniciar uma coisa assim, ele disse a si mesmo, furioso com as próprias reações, tinham uma missão a cumprir e não podia haver nada de pessoal. Ou não deveria haver. Mas, ainda assim, muito tempo transcorreu antes que ele também adormecesse.

Saíram da tenda pela manhã para um mundo transformado. O céu estava claro, não havia qualquer nuvem ou nevoeiro, a relva quase sem cor se tornara subitamente entremeada por flores coloridas, que desabrochavam depressa, expandiam-se depressa. Mesmo não sendo biólogo, MacAran já testemunhara espetáculos similares em desertos e outras áreas áridas; sabia que lugares com climas violentos muitas vezes desenvolviam formas de vida que podiam aproveitar as menores mudanças favoráveis na temperatura ou umidade, por mais breves que fossem. Camila ficou encantada com as flores multicores e com as criaturas semelhantes a abelhas que zumbiam entre elas, embora tomasse o cuidado de não incomodá-las.

MacAran ficou parado, observando o terreno à frente. No outro lado de mais um vale estreito, cortado por um pequeno córrego, erguiam-se as últimas encostas do alto pico que era seu destino.

— Com um pouco de sorte, deveremos estar perto do pico esta noite. E amanhã, por volta de meio-dia, poderemos fazer um levantamento. Conhece a teoria... triângule a distância daqui à nave, calcule o ângulo da sombra e com isso podemos avaliar o tamanho do planeta. Arquimedes ou alguém mais fez isso com a Terra, milhares de anos antes que alguém inventasse a matemática avançada. E se não chover esta noite, você poderá efetuar observações mais precisas lá de cima.

Camilla estava sorrindo.

— Não é maravilhoso o que uma pequena mudança no tempo consegue fazer? A escalada será muito difícil?

— Creio que não. Daqui parece que será possível subir reto pela encosta. . . obviamente, a linha das árvores neste planeta é mais alta que na maioria dos mundos. Há rocha nua, sem árvores,

nas proximidades do pico, mas existe vegetação apenas seiscentos metros abaixo. Ainda não alcançamos a linha da neve.

Nas encostas superiores, apesar de tudo, MacAran recuperou seu antigo entusiasmo. Podia ser um mundo estranho, mas ainda assim era uma montanha, o desafio de uma escalada. Uma escalada fácil, era verdade, sem paredões rochosos ou precipícios de gelo, mas isso simplesmente o liberava para apreciar o panorama da montanha no ar claro. Era apenas a presença de Camilla, o conhecimento de que ela temia as alturas abertas, que o mantinha em contato com a realidade. Esperara ressentir-se contra isso, a necessidade de ajudar uma amadora em trechos fáceis, pelos quais poderia subir com uma perna engessada, a espera por ela nos trechos mais íngremes de pedras soltas, mas em vez disso descobriu-se estranhamente em contato com seu medo, apreciando sua lenta conquista de cada nova altura. Ele parou a pouca distância do cume.

— Temos uma boa vista daqui e uma área plana para armar os equipamentos. Esperaremos aqui pelo meio-dia.

MacAran imaginava que ela demonstraria alívio, mas em vez disso Camilla fitou-o com alguma hesitação e murmurou:

— Pensei que gostaria de subir até o pico, Rafe. Pode ir, se quiser. Eu não me importo.

Ele já ia dizer que não seria nada divertido com uma amadora apavorada, mas depois compreendeu que isso não era mais verdade. Tirou a mochila dos ombros e sorriu, pondo a mão no braço de Camilla.

— Isso pode esperar. Não é uma viagem de prazer, Camilla. E este é o melhor lugar para o que precisamos fazer. Já ajustou seu cronômetro para que possamos conferir o meio-dia?

Ficaram descansando lado a lado na encosta, contemplando o panorama de florestas e colinas que se estendia por baixo. Lindo, pensou MacAran, um mundo para amar, um mundo para se viver. E ele indagou, pensativo:

— Será que a colônia de Coronis é tão bonita assim?

— Como vou saber? Nunca estive lá. De qualquer maneira, não sei muita coisa sobre planetas. Mas este é mesmo bonito. Nunca vi

um sol dessa cor e as sombras. . .

Ela ficou em silêncio, admirando os padrões de sombras verdes e violeta nos vales.

— Seria fácil se acostumar a um céu com essa cor — acrescentou MacAran, voltando a ficar em silêncio.

Não demorou muito para que as sombras encurtassem, indicando que o sol se aproximava do meridiano. Depois de todos os preparativos, pareceu um insólito anticlímax desdobrar a vareta de alumínio com trinta metros de altura para medir as sombras com exatidão, até a fração de milímetros. Quando acabou e estava dobrando a vareta, MacAran comentou, irônico:

— Sessenta quilômetros e uma escalada de mais de cinco mil metros para vinte segundos de medições.

Camilla deu de ombros.

— E só Deus sabe quantos anos-luz para chegar aqui. A ciência é assim mesmo, Rafe.

— E, agora, só nos resta esperar pela noite, a fim de que você possa realizar suas observações astronômicas.

Depois de guardar a vareta de alumínio, Rafe sentou numa pedra, desfrutando o calor raro do sol. Camilla circulou pelo acampamento durante algum tempo, depois foi sentar ao seu lado.

— Acha mesmo que pode determinar a posição deste planeta, Camilla?

— Espero que sim. Pelo menos quero tentar, vou procurar variáveis cefeídas conhecidas, efetuando observações por um período determinado. Se conseguir encontrar pelo menos três que possa identificar com segurança absoluta, será possível determinar onde nos encontramos, em relação ao centro da Galáxia.

— Pois então vamos rezar por mais algumas noites claras - murmurou Rafe, calando-se em seguida.

Depois de algum tempo, observando-o a estudar as rochas a menos de trinta metros acima, Camilla disse:

— Vá em frente, Rafe. Sei que quer continuar a escalada. Pode ir. Não me importo.

— Não se importa mesmo? Ficaria esperando aqui?

— Quem disse que ficarei esperando? Acho que posso subir também. E... - Ela sorriu. - Creio que estou tão curiosa quanto você. . . em contemplar o que existe além!

Ele se levantou na maior animação.

— Podemos deixar tudo aqui, menos os cantis. É uma escalada bastante fácil. . . não dá nem para chamar de escalada, é quase um passeio.

Rafe sentia-se exultante, numa alegria intensa por descobrir que ela partilhava seu ânimo. Seguiu na frente, procurando o percurso mais fácil, indicando onde ela devia se apoiar. O bom senso dizia-lhe que aquela escalada, baseada apenas na curiosidade em ver o que havia além e não nas necessidades da missão, era um tanto imprudente - quem podia se arriscar a um tornozelo torcido? — mas não podia se conter. Finalmente subiram os últimos metros e olharam além do pico. Camilla soltou uma exclamação de surpresa e alguma consternação. A montanha ocultara o que havia além, uma enorme cordilheira que parecia interminável, estendendo-se até onde a vista podia alcançar, coberta por neve eterna, irregular, com vastas geleiras e picos sob os quais pairavam nuvens claras. Rafe soltou um assovio.

— Santo Deus, isto faz com que o Himalaia pareça uma mera serra! — ele murmurou.

— Parece que se prolonga de modo interminável! Provavelmente não vimos antes porque o ar não estava tão claro, com as nuvens, nevoeiro e chuva, mas. . . - Camilla sacudiu a cabeça, espantada. - Parece uma muralha ao redor do mundo!

— Isso explica mais alguma coisa. A aberração do tempo. Com essa sucessão de geleiras, não é de admirar que haja uma chuva quase perpétua, nevoeiro, neve. . . e tudo o mais que quiser! E se aquelas montanhas são mesmo tão altas quanto parecem. . . Não sei dizer a que distância estão, mas num dia claro como este acho que podem muito bem se encontrar a uns cento e cinquenta quilômetros. . . Também explicaria a inclinação deste mundo sobre seu eixo. Chamam o Himalaia na Terra de terceiro eixo. Pois aqui temos um terceiro pólo de verdade! Uma autêntica calota polar!



— Prefiro olhar para o outro lado. - Camilla virou-se para a sucessão de vales e florestas verdes-violeta. - Prefiro meus planetas com árvores e flores. . . e sol, mesmo que a luz do sol tenha a cor de sangue.

— Vamos torcer para que nos mostre algumas estrelas esta noite. . . e algumas luas.

## Capítulo Quatro

— Não posso acreditar neste tempo — comentou Heather Stuart. Ewen, passando pela entrada da tenda, escarneceu gentilmente:

— O que me diz agora de suas predições de nevasca?

— Fico contente de ter me enganado — respondeu Heather, com firmeza. — Rafe e Camilla precisam de um tempo assim, lá no alto da montanha.

Uma expressão apreensiva surgiu em seu rosto e ela acrescentou:

— Mas não tenho certeza ainda se estava mesmo enganada. Há alguma coisa no tempo aqui que me deixa um pouco assustada. Parece completamente errado para este planeta.

Ewen soltou uma risada.

— Ainda defendendo a honra de sua velha avó das Terras Altas e sua segunda visão?

Heather não sorriu.

— Nunca acreditei em segunda visão. Nem mesmo nas Terras Altas. Mas agora já não tenho tanta certeza. . . Como está Marco?

— Não houve muita mudança, embora Judy conseguisse fazê-lo engolir um pouco de caldo. Ele parece estar melhorando, embora a pulsação ainda seja irregular demais. Por falar nisso, onde está Judy?

— Entrou na floresta com MacLeod. Mas eu a fiz prometer que não perderia a clareira de vista.

Um som no interior da tenda atraiu os dois; pela primeira vez em três dias, Zabal emitia alguma coisa além de gemidos inarticulados. Ele estava se mexendo, fazendo um esforço para sentar. E murmurou, a voz rouca e aturdida:

— Que pasó? O Dio, mi duele... duele tanto... Ewen inclinou-se para ele, dizendo gentilmente:

— Está tudo bem, Marco, estamos cuidando de você. Sente alguma dor?

Zabal murmurou mais alguma coisa em espanhol. Ewen, sem entender, olhou para Heather, que sacudiu a cabeça.

— Não falo espanhol. Camilla é que fala. Eu só conheço, algumas palavras.

Mas antes que ela pudesse dizer alguma, Zabal acrescentou em inglês:

— Dor? E que dor! O que eram aquelas coisas? Há quanto tempo... Onde está Rafe?

Ewen verificou a pulsação do homem antes de falar.

— Não tente sentar. Porei um travesseiro atrás de sua cabeça. Esteve muito doente e chegamos a pensar que não conseguiria sobreviver.

E ainda não tenho certeza se conseguirá, pensou Ewen, sombriamente, enquanto dobrava seu casaco extra para ajeitar sob a cabeça do paciente. Heather tentou encorajá-lo a tomar um pouco de sopa. Não, por favor, já houve mortes demais, suplicou Ewen. Mas sabia que isso não faria a menor diferença. Na Terra só os velhos morriam, como regra geral. Ali... ali era diferente. Muito diferente.

— Não desperdice seu fôlego falando, Marco. Guarde suas forças, enquanto lhe contamos tudo o que aconteceu.

\* \* \*

A noite caiu, ainda milagrosamente clara e sem nevoeiro ou chuva. Mesmo naquela altura, nenhum nevoeiro os envolveu. Rafe, armando a luneta e os outros instrumentos de Camilla no trecho plano do acampamento, viu pela primeira vez as estrelas surgirem por cima dos picos, claras e brilhantes, mas muito distantes. Não distinguia uma variável cefeída de uma constelação, muito do que Camilla tentava fazer era incompreensível para ele, mas com a ajuda de uma luz cuidadosamente protegida, a fim de não prejudicar a adaptação à escuridão dos olhos de Camilla, Rafe anotou a sucessão de dados e coordenadas que ela ditava. Depois do que pareceram horas, ela suspirou e esticou os músculos doloridos.

— Isso é tudo o que podemos fazer por enquanto. Poderei fazer mais registros pouco antes do amanhecer. Ainda não há qualquer sinal de chuva?

— Absolutamente nenhum, graças a Deus.

Ao redor, a fragrância das flores nas encostas mais baixas era intensa e inebriante, os arbustos desabrochando depressa, revigorados por dois dias de calor e seca. Os cheiros desconhecidos eram um pouco estonteantes. Uma lua enorme e brilhante flutuava sobre a montanha, com um brilho iridescente pálido; e poucos momentos depois outra lua seguiu a primeira, com um brilho violeta.

— Olhe só para a lua! — sussurrou Camila.

— Que lua? - Rafe sorriu na escuridão. - Os terráqueos acostumaram-se a dizer a lua. Imagino que algum dia alguém lhes dará nomes. . .

Ficaram sentados na relva seca e macia, observando as luas desprenderem-se das montanhas e subirem pelo céu. Rafe citou, baixinho:

— Se as estrelas brilhassem apenas uma noite em mil anos, ainda assim os homens haveriam de contemplar, admirar e adorar.

Ela balançou a cabeça.

— Mesmo depois de dez dias apenas, já me descubro a sentir sua falta.

Racionalmente, Rafe sabia que era uma loucura ficar sentado ali no escuro. Pensou se nada mais, aves ou bestas predadoras — talvez o banshee gritador das alturas que haviam ouvido na noite anterior - poderiam estar à espreita no escuro. Ele acabou fazendo esse comentário e Camilla, como se um encantamento fosse rompido, estremeceu e disse:

— Tem razão. E preciso acordar muito antes do amanhecer.

Rafe sentia alguma relutância em entrar para a escuridão abafada da tenda.

— Nos velhos tempos achava-se que era perigoso dormir ao luar... é daí que vem a palavra lunático. Seria quatro vezes mais perigoso dormir sob quatro luas?

— Não, mas seria... lunático - respondeu Camilla, rindo.

Ele parou, segurou-a pelos ombros com uma firmeza gentil. Por um momento, reprimindo um comentário irônico, Camilla pensou, com uma mistura de medo e expectativa, que ele ia beijá-la; mas depois Rafe largou-a, virou-se e murmurou:

— Quem quer ser são? Boa noite, Camilla. Voltaremos a nos falar uma hora antes do nascer do sol.

E ele afastou-se, deixando-a para entrar primeiro no abrigo. Uma noite clara, no planeta das quatro luas. Os banshees vagueavam pelas alturas, paralisando as presas de sangue quente com seus gritos, mas nunca descendo além da linha da neve; numa noite sem neve, qualquer criatura sobre rocha ou relva estava segura. Por cima dos vales, enormes aves de rapina voavam; bestas ainda desconhecidas dos terráqueos vagueavam nas profundezas da floresta, vivendo e morrendo, árvores estranhas caíam estrepitosamente. Ao luar, no calor e secura inesperados de um vento quente soprando das geleiras, as flores desabrochavam e se abriam, exalavam perfume e pólen. Um desabrochar noturno e estranho, com uma fragrância profunda e inebriante. . .

O sol vermelho elevou-se por um céu claro, sem nuvens, um amanhecer espetacular, o sol parecendo um gigantesco rubi num céu de granada. Rafe e Camilla, que há duas horas se concentravam na luneta, sentaram e contemplaram, com a fadiga agradável de um trabalho leve encerrado, pelo menos por algum tempo.

— Vamos começar a descer? - sugeriu Camilla. - O tempo está bom demais para durar. Já me acostumei à montanha com sol, mas não gostaria de descê-la com gelo.

— Tem toda razão. Guarde os instrumentos... sabe como arrumá-los melhor do que eu... enquanto providencio alguma coisa para comermos e desarmo a tenda. Vamos aproveitar enquanto o tempo se mantém assim... embora tudo indique que será um dia glorioso. Se continuar assim esta noite, poderemos acampar no alto de uma das colinas inferiores e você fará mais algumas observações.

Quarenta minutos depois eles estavam descendo. Rafe lançou um olhar ansioso para a gigantesca cordilheira desconhecida, antes de virar as costas. Era a sua cordilheira inexplorada e provavelmente nunca mais tornaria a vê-la.

Não tenha tanta certeza assim, murmurou uma voz em sua mente, mas ele ignorou-a. Não acreditava em premonição.

Ele farejou as fragrâncias das flores, meio apreciando, meio perturbado pela suavidade um pouco acre. As mais numerosas eram as pequenas flores laranja que Camilla colhera no dia anterior, mas havia também uma flor branca deslumbrante, no formato de uma estrela, com a corola dourada, e uma flor azul parecendo uma campânula, as hastes internas cobertas por um pó dourado tremeluzente. Camilla inclinou-se, aspirando a intensa fragrância. Rafe lembrou-se de adverti-la, depois de um momento:

— Já esqueceu como Heather e Judy ficaram verdes? Não aprendeu a lição?

Ela fitou-o, rindo.

— Se fosse me fazer mal, isso já teria acontecido... o ar está impregnado da fragrância, ou será que ainda não notou? Ah, como é lindo, tão lindo... sinto-me como uma flor também, como se pudesse me embriagar com o perfume das flores...

Ela ficou imóvel, extasiada, contemplando as lindas flores azuis em forma de campânulas, parecendo tremeluzir com o pó dourado. Embriagada, pensou Rafe, embriagada com as flores. Ele deixou a mochila deslizar dos ombros e rolar para longe.

— Você é uma flor - murmurou, com a voz rouca.

Ele pegou Camilla e beijou-a; ela ergueu os lábios para encontrá-lo, timidamente a princípio, depois com crescente paixão. Permaneceram abraçados no campo de flores ondulantes, até que Camilla desvencilhou-se e correu para o regato que descia pela encosta, rindo, abaixando-se para enfiar as mãos na água.

Rafe teve um pensamento, aturdido: O que aconteceu conosco? Mas o pensamento passou rápido por sua mente e desapareceu. O corpo esguio de Camilla parecia vibrar, entrava e saía de foco. Ela tirou as botas e as meias, mergulhou os pés na água.

Rafe inclinou-se e puxou-a para a relva macia.

\* \* \*

No acampamento lá embaixo Heather Stuart despertou lentamente, sentindo o sol quente através da seda laranja da tenda. Marco Zabal ainda cochilava em seu canto, o cobertor puxado por cima da cabeça; mas, enquanto ela olhava, ele começou a se mexer, baixou o cobertor e sorriu-lhe.

— Quer dizer que você também ainda dormia até agora?

— Os outros devem ter saído para a clareira - respondeu Heather. — Judy disse que queria testar as nozes de algumas árvores, à procura de carboidratos comestíveis... e seu equipamento de teste não está aqui. Como se sente agora, Marco?

— Melhor - ele murmurou, esticando-se. - Talvez eu deva me levantar por algum tempo hoje. Alguma coisa no ar e no sol me faz sentir bem.

— Está mesmo um dia maravilhoso.

Heather também podia sentir um bem-estar e euforia extras no ar perfumado. Deve ser o teor elevado de oxigênio.

Ela saiu para o ar claro, esticando-se toda, como um gato ao sol. Uma imagem nítida aflorou em sua mente, intensa e intrusa, estranhamente excitante; Rafe, puxando Camilla para seus braços...

— Lindo! - ela exclamou, respirando fundo, aspirando a fragrância estranha, parecendo dourada, que parecia impregnar o vento quente.

— O que é lindo? Você é! - disse Ewen, contornando a tenda e rindo. — Vamos dar um passeio pela floresta. . .

— Marco. . .

— Marco está melhor. Já pensou que com tanta gente ao redor mal pudemos conversar desde o acidente?

De mãos dadas, eles correram para as árvores; MacLeod, saindo da beira da floresta, as mãos cheias de frutos redondos, esverdeados, estendeu um punhado. O sumo pingava de seu lábios.

— Tomem aqui. São maravilhosos. . .

Rindo, Heather mordeu o globo redondo e macio. Estava repleto de um sumo doce e fragrante; ela comeu tudo, vorazmente, estendeu a mão para pegar outro. Ewen tentou impedi-la.

— Heather, você está louca! Esses frutos ainda não foram testados. . .

— Eu testei. - MacLeod soltou uma risada. - Comi meia dúzia como desjejum e me sinto muito bem! Podem dizer que sou adivinho, se quiserem. Não farão mal algum e contêm todas as vitaminas que existem na Terra e mais algumas que nem conhecemos! Posso garantir!

Seus olhos se encontraram com os de Ewen. O jovem médico, uma estranha percepção aflorando em sua mente, disse lentamente:

— Tem razão. É claro que sabe que são bons. Assim como aqueles cogumelos... — Ele apontou para alguns fungos cinza que cresciam numa árvore. - ... são saudáveis e contêm muita proteína, mas aquilo... — Ele apontou para uma noz dourada. — ...é venenoso. Duas mordidas o deixariam com uma tremenda dor de barriga e meia xícara mataria... como sei de tudo isso?

Ele esfregou a testa, sentindo por trás um estranho comichão, tirou um fruto de Heather.

— Pois então vamos ficar todos loucos juntos. Maravilhoso! Muito melhor que as rações... Onde está Judy?

— Ela está bem - respondeu MacLeod, rindo. - Vou procurar mais alguns frutos!

Marco Zabal estava deitado sozinho na tenda, os olhos fechados, meio sonhando, sentindo através das pálpebras o sol nas colinas bascas de sua infância. À distância, na floresta, tinha a impressão de ouvir uma música, um canto que parecia se prolongar interminável, alto, claro e melodioso. Levantou-se, sem se preocupar em vestir alguma coisa, ignorando as batidas fortes de advertência do coração. Uma incrível sensação de bem-estar e beleza parecia dominá-lo. O sol brilhava na clareira inclinada, as árvores pareciam se erguer escuras e protetoras como um teto aconchegante, as flores pareciam faiscar e cintilar com um brilho que era como ouro, laranja, azul; cores que nunca vira antes tremeluziam diante de seus olhos.

Do fundo da floresta vinha o som de canto, alto, estridente, incrivelmente melodioso; a flauta de Pã, a lira de Orfeu, o chamado das sereias. Sentiu que a fraqueza se desvanecia, a juventude era restaurada.



No outro lado da clareira avistou três de seus companheiros estendidos na relva, rindo, a moça chutando flores para o ar com os dedos dos pés descalços. Parou, extasiado, contemplando-a, envolvido por um momento nas teias da fantasia dela... sou uma mulher feita de flores... mas o canto distante o atraía; eles chamaram-no, mas Zabal sorriu, soprou um beijo para a moça, correu para a floresta como um jovem.

A distância podia divisar um brilho branco - Uma ave? Um corpo nu? -, nunca soube até onde correu, mal sentindo o coração disparado, dominado pela euforia gloriosa de liberdade da dor, seguindo o brilho branco da pessoa distante — ou ave? — chamando com uma mistura de êxtase e angústia:

— Espere, espere. . .

A canção tornou-se mais intensa, parecia preencher toda a sua cabeça e coração. Gentilmente, sem sofrimento, caiu na relva perfumada. O canto continuou, e ele viu se inclinando em sua direção um rosto claro, cabelos longos e incolores balançando em torno dos olhos, uma voz muito suave, tão suave que não podia ser humana, os cabelos se transformando em prata aos raios do sol que penetravam pelas árvores. E Marco Zabal chorou de felicidade, mergulhou alegremente com a mulher na escuridão, o rosto terno e desvairado impresso em seus olhos agonizantes.

\* \* \*

Rafe correu pela floresta, o coração disparado, escorregando e caindo no caminho Íngreme. E gritava enquanto corria:

— Camilla! Camilla!

O que acontecera? Num momento ela se encontrava em paz nos seus braços... e depois o terror total estampara-se em seu rosto e ela gritara, começara a balbuciar alguma coisa sobre rostos nos picos, rostos nas nuvens, vastos espaços abertos esperando para se abaterem sobre ela e esmagá-la, no instante seguinte desvencilhara-se e saía correndo entre as árvores, berrando desvairada.

As árvores pareciam balançar e cair diante de seus olhos, formar longas garras negras para agarrá-lo, fazendo-o tropeçar,

jogando-o em espinheiros, que deixavam seus braços arranhados, ardendo como se pegassem fogo. Um relâmpago surgiu, com a cor da dor em seu braço; sentiu um terror súbito e incontrolável, como se algum animal desconhecido abrisse impetuoso uma trilha na floresta, um estouro, cascos, batendo, batendo, esmagando-o... ele passou os braços em torno do tronco de uma árvore, agarrando-se com toda força, as batidas do coração expulsando todos os outros pensamentos. O tronco era liso e macio, como o pêlo de algum animal; encostou o rosto quente ali. E das árvores rostos o observavam, rostos, rostos...

— Camilla... - ele balbuciou, atordoado, resvalando para o chão, onde ficou estendido, inconsciente.

Nas alturas, as nuvens se acumularam; o nevoeiro começou a se formar. O vento morreu e uma chuva fina começou a cair, pouco a pouco se misturando com neve; primeiro nas alturas, depois no vale. As flores fecharam suas campânulas; as abelhas e insetos procuraram seus buracos nos troncos das árvores e nos arbustos; e o pólen espalhou-se no solo. . .

Camilla despertou, aturdida, na semi-escuridão. Nada se lembrava depois que saíra correndo, gritando, em pânico pela vastidão como se fosse o espaço interestelar, nada entre ela e as estrelas... não. Isso fora um delírio. Tudo teria sido um delírio? Ela explorou lentamente na escuridão, foi recompensada por um súbito brilho. . . a entrada de uma caverna. Foi até lá e estremeceu com o frio súbito. Usava apenas uma blusa fina de algodão e a calça, rasgada e desarrumada. . . não. Graças a Deus, o parka estava preso no pescoço pelas mangas. Rafe o pusera ali, enquanto estavam deitados juntos na margem do córrego.

Rafe... Onde ele estava? E já que pensava nisso, onde ela estava? Quanto dos sonhos incontroláveis e frenéticos fora real, quanto não passara de uma fantasia insana? Era evidente que fora dominada por alguma febre, alguma doença que se encontrava à espreita ali. Aquele planeta horrível! Aquele lugar horrível! Quanto tempo teria passado? Por que estava ali sozinha? Onde haviam ficado seus instrumentos científicos, sua mochila? E onde.... essa era a questão mais angustiante... onde se encontrava Rafe?

Ela fez um esforço para vestir o parka e levantou o zíper. Sentiu que o pior da tremedeira se desvanecera, mas ainda estava com fome, frio e náuseas, o corpo doía e latejava com uma centena de arranhões e equimoses. Rafe a deixara ali, no abrigo da caverna, enquanto partia em busca de socorro? Permanecera prostrada em febre e delírio por muito tempo? Não, ele teria deixado alguma mensagem, para o caso de ela recuperar a consciência antes de sua volta.

Camilla olhou através da neve caindo, tentando calcular onde poderia se encontrar. Uma encosta escura erguia-se por cima. Devia ter se metido na caverna no terror desvairado dos espaços abertos ao redor, procurando alguma escuridão e abrigo contra o medo que a dominava. Talvez MacAran vagueasse por aquele tempo terrível à sua procura, poderiam andar por horas no escuro, perdendo um ao outro por poucos passos, com toda aquela neve.

A lógica forçou-a a sentar e fazer uma análise da situação. Estava bem agasalhada agora, podia se abrigar na caverna até o amanhecer. Mas o que aconteceria se MacAran também estivesse perdido na encosta da colina? Ambos teriam sido atacados por aquele medo súbito, aquele pânico? E de onde viera, aquela alegria, o abandono... Não, devia deixar isso para depois, não podia pensar a respeito agora.

Onde MacAran a procuraria? A melhor coisa era subir, na direção do pico. Isso mesmo. Haviam deixado as mochilas ali; e era o único lugar de onde podiam se orientar, quando o sol subisse e a neve cessasse. Ela iria subir, assumindo o risco de que a lógica levaria MacAran a fazer a mesma coisa. Se não, se estivesse sozinha quando o dia raiasse, seguiria para o acampamento, onde os outros poderiam ajudar... ou para a nave.

Ela foi subindo pela escuridão, sob a neve caindo, tentando sempre seguir em linha reta. Depois de algum tempo adquiriu a impressão de que estava na mesma trilha pela qual haviam subido antes.

É isso mesmo. Era uma certeza interior, tão profunda que ela passou a avançar mais depressa na escuridão. Não demorou muito para que avistasse, sem surpresa, uma pequena luz balançando,

irradiando centelhas laranja contra os flocos de neve; e MacAran avançou em sua direção, e segurou-lhe as mãos.

— Como soube onde me procurar? — indagou Camilla.

— Pressentimento... ou alguma outra coisa. — À claridade mínima da lanterna, ela podia ver a neve aderindo nas sobrancelhas e pestanas de MacAran. - Eu apenas sabia. Camilla... não vamos desperdiçar nosso fôlego tentando descobrir agora como as coisas aconteceram. Ainda é uma longa subida para o lugar em que deixamos as mochilas e os equipamentos.

Contraindo os lábios em amargura à lembrança da maneira como se desfizera da mochila, ela indagou:

— Acha que ainda estão no lugar em que as deixamos? MacAran pôs a mão sobre a sua.

— Não se preocupe com isso. Vamos embora. Você precisa descansar. Conversaremos a respeito mais tarde.

Ela relaxou, deixando-o guiar seus passos na escuridão. MacAran explorava aquela nova certeza, especulando de onde tudo viera. Nunca, por um momento sequer, duvidara de que avançava diretamente para Camilla na escuridão, podia senti-la à sua frente, mas não havia como dizer isso sem parecer completamente maluco.

Encontraram a pequena tenda armada sob a proteção da rochas. Camilla entrou agradecida, satisfeita porque MacAran a poupou da luta na escuridão. MacAran sentia-se confuso; quando haviam armado a tenda? Não haviam desarmado e guardado tudo nas mochilas, antes de começarem a descer, naquela manhã? Fora antes ou depois de deitarem à margem do córrego? A preocupação angustiava-o, mas apressou-se em descartá-la. Afinal, ambos se encontravam fora do normal, poderiam ter feito qualquer coisa sem perceberem. Ele experimentou um alívio considerável ao descobrir que as mochilas estavam impecavelmente arrumadas lá dentro... Tivemos muita sorte, poderíamos ter perdido todos os cálculos...

— Quer que eu prepare alguma coisa para comer antes de deitar? Camilla sacudiu a cabeça.

— Eu não conseguiria comer. Tenho a sensação de que estive delirando. O que nos aconteceu, Rafe?

— Não tenho a menor idéia. — Ele sentia-se inexplicavelmente inibido. — Comeu alguma coisa na floresta... talvez um fruto?

— Não. Lembro que senti vontade, parecia muito saboroso, mas no último instante... bebi água.

— Esqueça. Água é água e Judy testou-a; assim, podemos excluí-la.

— Mas deve ter sido alguma coisa.

— Eis algo que não posso contestar. Mas prefiro não discutir o assunto esta noite. Poderíamos remoer por horas, sem sequer chegar perto de uma resposta. - Ele apagou a luz. - Tente dormir. Já perdemos um dia.

No escuro, Camilla murmurou:

— Resta-nos esperar que Heather tenha se enganado quanto à nevasca.

MacAran não disse nada. Mas pensou: ela disse nevasca ou apenas falou em tempo! O tempo aberrante poderia ter alguma relação com o que acontecera? Experimentou outra vez a estranha sensação de que estava perto de uma resposta e não conseguia percebê-la, o cansaço era tão grande que a solução se esquivava. Ainda procurando, ele acabou pegando no sono.

## Capítulo Cinco

Encontraram Marco Zabal depois de uma hora a procurá-lo e chamá-lo pela floresta, estendido ao lado do tronco acinzentado de uma árvore desconhecida, o corpo já rígido. A neve o cobrira com uma mortalha de um centímetro de espessura, e ao seu lado Judith Lovat se ajoelhava, tão pálida e imóvel sob os flocos caindo que a princípio pensaram, consternados, que ela também morrerá.

E depois ela se mexeu, fitou-os com olhos atordoados. Heather ajoelhou-se ao seu lado, ajeitou uma manta em torno de seus ombros, tentou obter sua atenção com palavras suaves. Judy não disse nada durante todo o tempo em que MacLeod e Ewen carregaram o corpo de Marco para a tenda. Heather teve de guiar seus passos, como se ela estivesse drogada ou em transe.

À medida que a pequena procissão fúnebre avançava sob a neve, Heather teve a impressão ou fantasiou que podia sentir os pensamentos dos outros turbilhonando em seu cérebro. O desespero sombrio de Ewen. . . que tipo de médico eu sou, fico rolando pela relva, me divertindo, enquanto meu paciente sai correndo enlouquecido e morre... A estranha confusão de MacLeod, misturando-se com sua própria fantasia, uma antiga lenda folclórica que ela ouvira na infância, o herói nunca deveria ter mulher ou esposa, de carne e osso ou da terra das fadas, por isso fizeram para ele uma mulher de flores. . . eu era a mulher de flores. . .

Ewen arriou dentro da tenda, olhando fixamente para a frente, sem se mexer. Mas Heather, extremamente nervosa com o persistente olhar vidrado de Judy, foi sacudi-lo.

— Ewen! Marco está morto, não há nada que possa fazer por ele agora. Mas Judy continua viva e você precisa dar um jeito de despertá-la.

Arrastando-se, exausto, os pensamentos parecem uma nuvem negra ao seu redor, pensou Heather, sacudindo a cabeça para desanuviá-la, Ewen foi inclinar-se para Judith Lovat, verificando o pulso, o coração. Iluminou os olhos dela com uma pequena lanterna e depois perguntou:

— Judy, foi você quem estendeu o corpo de Marco do jeito como o encontramos?

— Não, não fui eu - ela murmurou. - Era o belo, o belo. Pensei a princípio que era uma mulher, como um pássaro cantando, e seus olhos. . . seus olhos. . .

Ewen virou-se, desesperado, disse bruscamente:

— Ela ainda está delirando. Providencie alguma coisa para ela comer, Heather, tente fazê-la engolir. Todos precisamos de alimento. . . e muito. Desconfio que metade do nosso problema neste momento é uma baixa taxa de açúcar no sangue.

MacLeod sorriu, amargo.

— Houve uma ocasião em que tomei uma dose do suco da felicidade contrabandeado de Alfa. Senti mais ou menos a mesma coisa. O que nos aconteceu, Ewen? Você é o médico, deve nos dizer.

— Deus é testemunha de que não sei. Pensei a princípio que eram os frutos, mas só começamos a comê-los depois. E todos tomamos a água há três dias, não houve mal algum. De qualquer maneira, nem Judy nem Marco tocaram no fruto.

Heather pôs uma tigela de sopa quente em suas mãos, depois foi se ajoelhar junto de Judith, ajudando-a a tomar a sopa, ao mesmo tempo que tomava a sua. MacLeod disse:

— Não tenho a menor idéia do que aconteceu primeiro. Parecia como... não sei direito... subitamente era como se um vento frio soprasse por meus ossos, sacudindo-me... e abrindo-me de alguma forma. Foi quando eu soube que os frutos eram bons para comer e experimentei um. . .

— Uma temeridade - comentou Ewen.

Mas MacLeod, ainda com aquela abertura, compreendeu que o jovem médico estava apenas censurando a si mesmo por sua própria negligência.

— Por quê? Os frutos eram mesmo bons, ou estaríamos doentes agora.

Heather interveio, hesitante:

— Não posso deixar de pensar que foi alguma coisa relacionada com o tempo. Alguma alteração.

— Um vento psicodélico — escarneceu Ewen. — Um vento fantasma que nos deixou todos temporariamente insanos!

— Já aconteceram coisas mais estranhas — insistiu Heather. Habilmente, ela conseguiu introduzir outra colher de sopa na boca frouxa de Judy. A mulher mais velha piscou, atordoada, e murmurou:

— Heather? Como vim até aqui?

— Nós a trouxemos, querida. Você está bem agora.

— Marco. . . eu vi Marco. . .

— Ele está morto — informou Ewen, gentilmente. — Correu para a floresta quando todos enlouquecemos e não o vi mais. Deve ter forçado o coração a um ponto insuportável. . . eu o advertira para nem sequer tentar sentar.

— Quer dizer que foi o coração? Tem certeza?

— Tanta quanto é possível sem uma autópsia. — Ewen tomou o resto da sopa. A cabeça estava desanuviando, mas o sentimento de culpa persistia e sabia que nunca conseguiria se livrar por completo. - Devemos comparar as observações, enquanto os acontecimentos ainda estão frescos em nossas mentes. Deve haver algum fator comum, alguma coisa que todos fizemos, comemos ou bebemos. . .

— Ou respiramos - acrescentou Heather. - Só pode ter sido alguma coisa no ar, Ewen. Apenas nós três comemos os frutos. Você não comeu nada, não é mesmo, Judy?

— Comi, sim. . . uma coisa cinzenta na beira de uma árvore.

— Mas nós nem tocamos nisso — disse Ewen. — Só MacLeod. Nós três comemos os frutos, mas Marco e Judy não comeram. MacLeod comeu os fungos cinzentos, mas nenhum de nós comeu. Judy cheirava as flores e MacLeod as manuseava, mas nem Heather nem eu fizemos isso, até depois. Nós três deitamos na relva. . . - Ele viu que o rosto de Heather ficava vermelho, mas continuou assim mesmo. - . . . e nós dois fazíamos amor com ela, os três sofriam alucinações. Se Marco levantou e correu para a floresta, só posso presumir que ele também sofreu alucinações. Como começou no seu caso, Judy? Ela balançou a cabeça.



— Não sei. Só posso dizer. . . as flores pareciam mais brilhantes, o céu dava a impressão. . . de se abrir como um gigantesco arco-íris. Arco-íris e prismas. Ouvi um canto, deviam ser passarinhos, mas não tenho certeza. Fui para o lugar das sombras, eram de tonalidades púrpura, lilás e azul. E foi então que ele apareceu. . .

— Marco?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não. Ele era muito alto e tinha cabelos prateados. . . Ewen comentou, compadecido:

— Judy, você teve alucinações. Eu pensei que Heather era feita de flores.

— As quatro luas. . . pude vê-las, embora o céu estivesse claro - disse Judy. - Ele não falou coisa alguma, mas eu podia ouvi-lo pensando.

— Parece que todos nós tivemos essa ilusão - declarou MacLeod. - Se é que foi mesmo uma ilusão.

— Claro que foi - assegurou Ewen. - Não encontramos nenhum vestígio de qualquer outra forma de vida inteligente aqui. Esqueça, Judy, e trate de dormir. Quando voltarmos à nave. . . terá de haver um inquérito.

Negligência do dever, isso será o mínimo. Poderei alegar insanidade temporária?

Ele ficou observando Heather acomodar Judy no saco de dormir. Depois que a mulher mais velha finalmente dormiu, Ewen murmurou, exausto:

— Precisamos enterrar Marco. Detesto fazer isso sem uma autópsia, mas a alternativa seria carregá-lo de volta à nave.

— Vamos parecer muito idiotas se voltarmos e alegarmos que todos enlouquecemos ao mesmo tempo. — MacLeod não olhou para Ewen e Heather enquanto acrescentava, contrafeito: — Eu me sinto um idiota completo. . . sexo grupal nunca foi do meu agrado. . .

— Teremos todos de perdoar uns aos outros e esquecer — declarou Heather, firmemente. - Aconteceu, isso é tudo. E, por tudo o que sabemos, aconteceu com eles também. . . — Ela fez uma

pausa, atordoada com o pensamento terrível. — Imaginem esse tipo de coisa acontecendo com duzentos pessoas. . .

— Não gosto nem de pensar - murmurou MacLeod, estremecendo. Ewen comentou que a insanidade coletiva não era uma novidade.

— Aldeias inteiras. A dança da loucura na Idade Média. E ataques de ergotismo. . . de centeio estragado transformado em pão.

— Não creio que a coisa, o que quer que tenha sido, espalhou-se pela montanha abaixo - disse Heather.

— Imagino que é outro dos seus pressentimentos - murmurou Ewen, suavemente. - A esta altura, desconfio que estamos todos bem perto disso. Vamos parar de teorizar sem fatos e esperar até termos alguns fatos.

— Será que isto é um fato? - indagou Judy, sentando-se abruptamente. Todos pensavam que ela dormia. Judy tateou na blusa rasgada e tirou alguma coisa envolta em folhas. — Isto... ou isto.

Ela entregou a Ewen uma pequena pedra azul, como uma safira astéria.

— Linda... - ele murmurou. - Mas você a encontrou na floresta...

— Exatamente. E encontrei isto também.

Ela estendeu para Ewen e, por um momento, os três não puderam literalmente acreditar em seus olhos.

Tinha menos de quinze centímetros de comprimento. O cabo era feito de alguma coisa que parecia osso trabalhado, delicado, mas sem qualquer ornamentação. Quanto ao resto, não podia haver a menor dúvida.

Era uma pequena faca de pedra.

## Capítulo Seis

Nos dez dias de ausência da expedição de exploração, a clareira parecia ter aumentado. Mais duas ou três construções pequenas haviam sido erguidas em torno da nave; e numa beira da clareira havia uma área cercada, com uma pequena placa que proclamava **ÁREA DE TESTE AGRÍCOLA**.

— Isso deve ter alguma coisa a ver com a nossa comida - comentou MacLeod.

Mas Judith não disse nada e Ewen fitou-a atentamente. Ela se mantinha estranhamente apática desde Aquele Dia - era assim que todos pensavam a respeito —, deixando Ewen na maior preocupação. Não era um psicólogo, mas sabia que havia algo profundamente errado. Fiz tudo errado. Deixei Marco morrer, não fui capaz de trazer Judy de volta à realidade.

Chegaram ao acampamento quase despercebidos e por um instante MacAran sentiu uma pontada de apreensão. Onde estavam todos? Havia também enlouquecido naquele dia? A loucura dominara a todos ali também? Quando ele e Camilla alcançaram o acampamento inferior da expedição, para encontrar Heather, Ewen e MacLeod ainda conversando em voz rouca na tentativa de encontrar alguma explicação, fora um momento terrível. Se a loucura prevalecia naquele planeta, pronta a reclamar a todos, como poderiam sobreviver? Que coisas piores os aguardavam ali? Agora, correndo os olhos pela clareira vazia, MacAran experimentou outra vez uma pontada de medo; e depois avistou um pequeno grupo em uniforme médico saindo do hospital de campanha e mais adiante alguns tripulantes entrando na nave. Relaxou; tudo parecia normal.

Mas nós também parecemos. . .

— Qual é a primeira coisa a fazer? — ele indagou. — Devemos apresentar um relatório direto ao comandante?

— É o que pelo menos eu devo fazer - respondeu Camilla.

Ela parecia mais magra, quase encovada. MacAran sentiu vontade de pegar sua mão e confortá-la, embora não soubesse direito o motivo. Desde que haviam deitado enlaçados na montanha

que sentia uma fome intensa por ela, um sentimento de proteção exagerado; contudo, ela o evitava sistematicamente, retirando-se para sua auto-suficiência antiga e profunda. MacAran estava magoado e ressentido, um tanto perdido. Não se atrevia a tocá-la, e isso o deixava irritado.

— Espero que ele queira receber a todos nós — disse MacAran. — Temos de comunicar a morte de Marco e onde o enterramos. E também trouxemos muitas informações. Para não falar da faca de pedra.

— Tem razão. Se o planeta é habitado, isso cria outro problema — comentou MacLeod, mas sem discorrer a respeito.

O Comandante Leicester estava no interior da nave, mas um oficial lá fora informou aos membros da expedição que ele dera ordens para que o avisassem assim que eles voltassem. O oficial mandou chamá-lo, e eles ficaram esperando no domo pequeno, nenhum deles sabia o que iriam dizer.

O Comandante Leicester entrou no domo. Parecia um pouco mais velho, o rosto contraído, com novas rugas. Camilla levantou-se quando ele entrou, mas Leicester gesticulou para que ela tornasse a sentar.

— Esqueça o protocolo, tenente - disse ele, gentilmente. - Todos parecem cansados. Foi uma viagem árdua? Vejo que o Dr. Zabal não está com vocês.

— Ele morreu, senhor - respondeu Ewen. - Foi picado por insetos venenosos. Apresentarei um relatório completo mais tarde.

— Encaminhe-o para o médico-chefe — disse o comandante. — Não estou mesmo qualificado a compreender. Os outros podem apresentar seus relatórios na próxima reunião. . . que deverá ser esta noite. Sr. MacAran, conseguiu efetuar os cálculos que desejava?

MacAran acenou com a cabeça.

— Obtive, sim; até onde pudemos calcular, o planeta é um pouco maior do que a Terra, o que significa, com a gravidade menor, que sua massa deve ser inferior. Senhor, posso falar sobre tudo isso mais tarde. Neste momento, preciso fazer uma pergunta. Aconteceu alguma coisa excepcional aqui durante a nossa ausência?

O rosto vincado do comandante assumiu uma expressão contrariada.

— O que está querendo dizer com excepcional? Todo este planeta é excepcional, e não acontece nada aqui que possa ser classificado de rotina.

— Algo como uma doença ou insanidade coletiva, senhor - explicou Ewen.

Leicester franziu o rosto.

— Não posso imaginar do que estão falando. O que quer que seja, não houve relatórios do médico-chefe sobre qualquer doença.

— O que o Dr. Ross está querendo dizer é que todos nós sofremos um ataque de alguma coisa como um delírio — disse MacAran. — Foi no dia seguinte à segunda noite sem chuva. Foi bastante disseminado para atingir Camilla. . . Tenente Del Rey. . . e a mim no pico e alcançar o outro grupo, quase dois mil metros abaixo. Todos nos comportamos. . . de uma maneira irresponsável, senhor.

— Irresponsável?

Leicester franziu o rosto ainda mais, fitando-os com uma expressão furiosa.

— Isso mesmo, irresponsável. — Ewen enfrentou os olhos do comandante, com os punhos cerrados. — O Dr. Zabal estava se recuperando; corremos pela floresta e o deixamos sozinho. Ele se levantou em delírio, também saiu correndo e forçou o coração. . . e foi por isso que morreu. Nossa capacidade de julgamento estava prejudicada; comemos frutos e fungos não testados. Houve. . . vários processos de ilusão.

Judith Lovat interveio, a voz firme:

— Nem tudo foi ilusão.

Ewen olhou para ela e balançou a cabeça.

— Não creio que a Dra. Lovat esteja em condições de julgar, senhor. Seja como for, parece que todos tivemos ilusões sobre ler os pensamentos uns dos outros.

O comandante respirou fundo, mortificado.

— Isso terá de ser analisado pela equipe médica. Não tivemos nada assim por aqui. Sugiro que todos façam seus relatórios para os

respectivos chefes ou escrevam-nos para apresentar na reunião desta noite. Tenente Del Rey, quero ouvir o seu relatório pessoalmente. Falarei com os outros mais tarde.

— Mais uma coisa, senhor - acrescentou MacAran. - Este planeta é habitado.

Ele tirou a faca de pedra da mochila e estendeu-a. Mas o comandante mal a olhou.

— Leve-a para o Major Fraser; ele é o nosso antropólogo. Diga-lhe que vou querer um relatório esta noite. E agora, se os outros nos derem licença, por favor. . .

MacAran sentiu um estranho anticlímax ao deixarem o comandante e Camilla a sós. Enquanto procurava o antropólogo Fraser pelo acampamento, ele pouco a pouco identificou seu sentimento como ciúme. Como poderia competir com o Comandante Leicester? Ora, isso era um absurdo, o comandante tinha idade suficiente para ser pai de Camilla. Pensava mesmo que Camilla estava apaixonada pelo comandante?

Não. Mas ela está emocionalmente presa a ele, e isso é ainda pior.

Se ele ficara desapontado com a falta de reação do comandante à faca de pedra, a reação do Major Fraser nada deixou a desejar.

— Venho afirmando desde que pousamos que este mundo é habitável — disse ele, revirando a faca nas mãos. — E aqui está a prova de que é habitado. . . por alguma coisa inteligente, no mínimo.

— Humanóide? — indagou MacAran. Fraser deu de ombros.

— Como podemos saber? Já se constatou a presença de formas de vida inteligente em três ou quatro planetas, uma simiesca, outra felina e as demais inclassificáveis... a xenobiologia não é minha especialidade. Um artefato não nos revela muita coisa... com quantas formas se pode projetar uma faca? Mas ajusta-se muito bem a uma mão humana, embora seja pequena.

As refeições para tripulantes e passageiros eram servidas numa área enorme. Quando foi até lá, para a refeição do meio-dia, MacAran esperava encontrar Camilla; mas ela chegou mais tarde e

segiu direto para um grupo de tripulantes. MacAran não conseguiu atrair sua atenção e teve a nítida impressão de que ela o evitava. Enquanto comia apaticamente o prato de ração, Ewen aproximou-se.

— Rafe, querem a nossa presença numa reunião da equipe médica, se você não tem outra coisa para fazer. Estão tentando analisar o que nos aconteceu.

— Acha mesmo que adiantará alguma coisa, Ewen? Já falamos a respeito tantas vezes. . .

Ewen deu de ombros.

— Não me cabe argumentar. Você não está sob a autoridade do médico-chefe, é claro, mas mesmo assim. . .

— Eles foram muito duros com você por causa da morte de Zabal? — perguntou MacAran.

— Não muito. Heather e Judy testemunharam que estavam todos fora de si. Mas eles querem seu relatório e tudo o que puder dizer sobre Camilla.

MacAran deu de ombros e acompanhou-o.

A reunião da equipe médica foi realizada numa das extremidades da tenda-hospital, meio vazia agora - os feridos mais graves haviam morrido, os menos graves já haviam se recuperado e retornado ao serviço. Havia quatro médicos qualificados, meia dúzia de enfermeiras e alguns técnicos científicos para escutar os relatórios.

Depois de ouvir a todos, um de cada vez, o médico-chefe, um homem distinto, de cabeça branca, chamado Di Asturien, disse lentamente:

— Parece alguma forma de infecção propagada pelo ar. Possivelmente um vírus.

— Mas nada encontramos em amostras do ar - argumentou MacLeod. — E o efeito foi mais como o de uma droga.

— Uma droga transportada pelo ar? — disse Di Asturien. — Parece improvável. É verdade que o efeito afrodisíaco parece ter sido também considerável. Posso presumir corretamente que houve um estímulo sexual em todos vocês?

— Já mencionei isso, senhor - respondeu Ewen. - Afetou nós três... a Srta. Stuart, o Dr. MacLeod e eu. Não teve o mesmo efeito

no Dr. Zabal, ao que eu saiba, mas também ele se encontrava agonizante.

— Sr. MacAran?

Por algum estranho motivo, ele sentiu-se embaraçado, mas apressou-se em dizer, antes que os olhos penetrantes de Di Asturien percebessem sua reação:

— Também, senhor. Pode confirmar com a Tenente Del Rey, se quiser.

— Hum... Já soube, Dr. Ross, que neste momento está de qualquer forma ligado à Srta. Stuart, o que talvez nos permita descontar a reação. Mas o Sr. MacAran e a tenente. . .

— Estou interessado nela — ele declarou, a voz firme. — Mas, até onde posso saber, ela é completamente indiferente a mim. Até mesmo hostil. Exceto sob a influência de. . . do que nos aconteceu.

MacAran enfrentou a verdade nesse momento. Camilla não se virara para ele como uma mulher para um homem de quem gostava. Fora simplesmente afetada pelo vírus, droga ou qualquer outra coisa estranha que os levara à loucura. O que para ele fora amor, para ela não passara de loucura... e agora ela se ressentia. Para seu imenso alívio, o médico-chefe não insistiu no assunto.

— Doutora Lovat?

Judy não levantou os olhos.

— Não sei dizer. Não me lembro. O que acho que posso recordar pode ter sido apenas ilusão.

— Gostaria que cooperasse conosco, Dra. Lovat - insistiu Di Asturien.

— Prefiro não falar mais nada.

Judy ficou remexendo em alguma coisa no colo e não havia persuasão que pudesse forçá-la a acrescentar mais alguma coisa.

— Dentro de uma semana teremos de examinar as três por causa de uma possível gravidez — anunciou Di Austurien.

— Como pode ser necessário? - indagou Heather. - Eu pelo menos estou tomando aplicações regulares. Não tenho certeza quanto a Camilla, mas tenho a impressão de que os regulamentos exigem isso de qualquer tripulante entre vinte e quarenta e cinco anos de idade.



Di Asturien parecia perturbado.

— Isso é verdade, mas há algo muito estranho que descobrimos numa reunião da equipe ontem. Conte a eles, enfermeira Raimondi.

Margaret Raimondi disse:

— Estou encarregada de manter os registros e distribuir anticoncepcionais e suprimentos sanitários para todas as mulheres em idade menstrual, tanto tripulantes quanto passageiras. Conhecem o sistema; cada duas semanas, por ocasião da menstruação e no meio do intervalo, cada mulher se apresenta para uma injeção de hormônios ou, em alguns casos, para um teste que determinará a necessidade de injetar pequenas doses de hormônio na corrente sanguínea, a fim de suprimir a ovulação. Há cento e dezenove mulheres sobreviventes na faixa etária cor-reta, o que significa, com um ciclo arbitrário médio de trinta dias, que aproximadamente quatro mulheres deveriam se apresentar cada dia, para os suprimentos menstruais ou para a aplicação apropriada quatro dias depois do início da menstruação. Já se passaram dez dias desde o acidente, o que significa que cerca de um terço das mulheres deveria ter me procurado por um motivo ou outro. Digamos quarenta.

— E não se apresentaram — acrescentou o Dr. Di Asturien. — Quantas mulheres apareceram desde o acidente?

— Nove - respondeu a enfermeira Raimondi com uma expressão sombria. — Nove. Isso significa que dois terços das mulheres envolvidas tiveram seus ciclos biológicos afetados neste planeta... ou pela mudança na gravidade ou por alguma perturbação hormonal. E como o anticoncepcional padrão que usamos é inteiramente baseado no ciclo interno, não temos como saber se é ou não eficaz.

MacAran não precisava que alguém lhe explicasse como era séria a situação. Uma onda de gravidez poderia ser emocionalmente perturbadora. Bebês - ou até mesmo crianças pequenas - não suportariam a propulsão interestelar, mais rápida do que a luz; e desde a aceitação universal de anticoncepcionais confiáveis e as leis demográficas na Terra superpovoada, uma onda de sentimento

tornara o aborto completamente inconcebível. Crianças indesejáveis simplesmente não eram concebidas. Mas haveria uma alternativa naquele caso?

— É claro que em novos planetas as mulheres muitas vezes ficam estéreis por alguns meses, em grande parte por causa das mudanças no ar e na gravidade - disse o Dr. Di Asturien. - Mas não podemos contar com isso.

MacAran estava pensando: se Camilla estiver grávida, vai me odiar? A perspectiva de um filho dos dois ser destruído era assustadora. Ewen perguntou, muito sério:

— O que vamos fazer, Doutor? Não podemos exigir que duzentos homens e mulheres façam um voto de castidade!

— Claro que não. Seria pior para a saúde mental do que os outros perigos. Mas devemos alertar a todos que não temos mais certeza da eficácia de nosso programa anticoncepcional.

— É o único jeito. E a providência deve ser adotada o mais depressa possível.

— O comandante convocou uma reunião geral para esta noite, tripulantes e colonos - informou Di Asturien. - Talvez eu possa anunciar na ocasião. — Ele fez uma careta. — Não estou ansioso por essa reunião. O anúncio será extremamente impopular. Como se já não tivéssemos problemas suficientes...

A reunião geral foi realizada na tenda-hospital, o único lugar com espaço suficiente para caber tripulantes e passageiros. Começara a ficar nublado no meio da tarde e, quando a reunião começou, caía uma chuva fina e fria, e podiam-se ver relâmpagos distantes por cima dos picos das colinas. Os membros da expedição de exploração sentaram na frente, juntos, para o caso de serem chamados a apresentar um relatório. Camilla, no entanto, não ficou com eles. Entrou com o Comandante Leicester e os outros oficiais da tripulação, e MacAran notou que todos usavam o uniforme formal. Isso lhe pareceu um mau sinal. Por que precisavam enfatizar sua solidariedade e autoridade daquele jeito?

Os eletricitistas da tripulação haviam montado um palanque e um sistema de alto-falantes, o que permitia que a voz do

comandante, baixa e um tanto rouca, fosse ouvida por todo o vasto espaço.

— Pedi que todos viessem aqui esta noite — disse ele —, em vez de se apresentarem apenas a seus líderes, porque num grupo deste tamanho, apesar de todas as precauções, os rumores podem começar e também escapar ao controle. Em primeiro lugar, vou anunciar as boas notícias. Ao que melhor podemos saber e acreditar, o ar e a água neste planeta são capazes de sustentar a vida indefinidamente, sem danos para a saúde, o solo provavelmente aceitará colheitas da Terra para complementar nossos suprimentos alimentares durante o período em que formos obrigados a permanecer aqui. Devo agora transmitir as notícias que não são tão boas. As avarias das unidades de propulsão e computadores da nave são muito maiores do que calculamos inicialmente e não há possibilidade de reparos imediatos ou rápidos. Embora seja possível que venhamos a levantar vôo eventualmente, com a nossa disposição atual de pessoal e material não podemos efetuar os reparos.

Ele fez uma pausa e houve uma agitação de vozes, consternadas, apreensivas. O Comandante Leicester levantou a mão e acrescentou:

— Não estou dizendo que devemos perder as esperanças. Mas, em nossa situação atual, não podemos realizar os reparos. Para tirarmos a nave da superfície deste planeta teremos de promover profundas mudanças em nossa estrutura atual. Será um projeto a longo prazo, exigindo a cooperação total de cada homem e mulher presentes.

Silêncio, e MacAran especulou o que ele estaria querendo dizer com isso. O que exatamente o comandante insinuava? Os reparos podiam ou não podiam ser efetuados?

— Pode parecer uma declaração contraditória - continuou o comandante. - Não dispomos dos materiais indispensáveis para os reparos. Contudo, juntando todos nós, possuímos o conhecimento para fazer os reparos; e temos um planeta inexplorado à nossa disposição, onde certamente poderemos encontrar as matérias-primas e construir o material necessário.

MacAran franziu o rosto, especulando sobre o que exatamente isso significava. O Comandante Leicester passou a explicar:

— Muitas das pessoas que seguiam para as colônias possuem habilidades que serão úteis lá, mas de nada nos servem aqui. Dentro de um ou dois dias vamos instituir um departamento de pessoal para promover um levantamento de todas as habilidades conhecidas. Alguns de vocês registrados como agricultores ou artesãos ficarão sob o comando de nossos cientistas ou engenheiros a fim de serem treinados. Exijo um empenho total.

No fundo da tenda, Moray levantou-se e disse:

— Posso fazer uma pergunta, Comandante?

— Pode.

— Está querendo dizer que as duzentas pessoas aqui reunidas podem, num prazo de cinco a dez anos, desenvolver uma cultura tecnológica capaz de construir... ou reconstruir... uma nave estelar? Que podemos descobrir os metais, minerá-los, refiná-los, moldá-los e criar as máquinas necessárias?

O comandante declarou calmamente:

— Com a plena cooperação de todos, isso é possível. Calculo que levará de três a cinco anos.

Moray declarou, em tom incisivo:

— Você está louco! Pede-nos para desenvolver uma tecnologia inteira!

— O que o homem já fez, o homem pode fazer de novo - insistiu o Comandante Leicester, imperturbável. — Afinal, Sr. Moray, lembro que não temos alternativa.

— Claro que temos!

— Já chega! — disse o comandante, a voz firme. — Sente-se, por favor.

— Não! - exclamou Moray. - Se realmente acredita que tudo isso é possível, então só posso presumir que ficou completamente louco! Ou que a mente de um engenheiro ou um espaçonauta funciona de maneira tão diferente da mente de um homem são que não há a menor possibilidade de comunicação. Diz que isso levará de três a cinco anos. Posso respeitosamente lembrá-lo de que dispomos de alimentos e suprimentos médicos apenas para um

período de um ano a dezoito meses? Posso também lembrá-lo de que mesmo agora, quando nos aproximamos do verão, o clima é muito rigoroso e nossos abrigos são insuficientes? O inverno neste mundo, com sua exagerada inclinação no eixo, provavelmente é mais brutal do que qualquer coisa que qualquer terráqueo já experimentou.

— Isso não prova a necessidade de sairmos deste mundo o mais depressa possível?

— Não — respondeu Moray. — Prova a necessidade de encontrarmos fontes de alimentação e abrigos confiáveis. É nisso que precisamos de um empenho total! Esqueça a sua nave, Comandante. Não irá mais a lugar nenhum. Recupere o bom senso. Somos colonos, não cientistas. Temos tudo de que precisamos para sobreviver aqui. . . para nos instalarmos aqui. Mas não poderemos fazer isso se metade de nossas energias estiver devotada a um plano insensato de concentrar todos os recursos para consertar uma nave irremediavelmente avariada!

Houve um pequeno tumulto na assembléia, um turbilhão de gritos, perguntas, protestos indignados. O comandante repetidamente pediu ordem, e os gritos acabaram se desvanecendo para murmúrios. Moray declarou:

— Exijo uma votação!

O tumulto recomeçou. O comandante disse:

— Recuso-me a aceitar sua proposta, Sr. Moray. A questão não será submetida à votação. Posso lembrá-lo de que estou no momento no comando supremo da nave? Devo ordenar sua prisão?

— Prisão coisa nenhuma! — berrou Moray, desdenhoso. — Não está no espaço agora, Comandante. Não está na cabine de comando de sua nave. Não tem autoridade sobre nenhum de nós, Comandante... à exceção talvez de sua tripulação, se eles quiserem obedecer.

Leicester levantou-se, o rosto tão branco quanto a camisa, os olhos faiscando em fúria.

— Lembro a todos vocês que a expedição de MacAran, enviada para explorar, descobriu vestígios de vida inteligente neste planeta. A Força Expedicionária da Terra tem como política não instalar

colônias em planetas habitados. Se nos instalarmos aqui, provavelmente vamos provocar um choque cultural numa cultura da Idade da Pedra.

Outro tumulto. Moray gritou, também furioso:

— Acha que suas tentativas de desenvolver um tecnologia aqui para efetuar os seus reparos não fariam isso? Em nome de Deus, senhor, temos tudo de que precisamos para estabelecer uma colônia aqui. Se desviarmos todos os nossos recursos para o seu esforço insano de reparar a nave, é duvidoso até que consigamos sobreviver!

O Comandante Leicester fez um esforço evidente para se controlar, mas sua raiva era patente. E ele disse, asperamente:

— Está sugerindo que abandonemos o esforço... e mergulhemos no barbarismo?

Moray tornou-se de repente muito solene. Adiantou-se e foi parar ao lado do comandante. Quando falou, a voz estava calma, controlada:

— Espero que não, Comandante. E a mente de um homem que o transforma num bárbaro, não sua tecnologia. Talvez tenhamos de passar sem uma tecnologia de alto nível, pelo menos por algumas gerações, mas isso não significa que não possamos instituir aqui um mundo bom para nós e nossos filhos, um mundo civilizado. Já houve civilizações que existiram por séculos quase sem tecnologia. A ilusão de que a cultura do homem é apenas a história de suas tecnoestruturas não passa de propaganda dos engenheiros, senhor. Não tem a menor base na sociologia... ou na filosofia.

O Comandante protestou, em tom ríspido:

— Não estou interessado em suas teorias sociais, Sr. Moray. O Doutor Di Asturien levantou-se.

— Há uma coisa que deve ser levada em consideração, Comandante. Fizemos uma descoberta muito inquietante hoje...

Nesse momento uma violenta trovoadas sacudiu a tenda-hospital. As luzes montadas às pressas apagaram. E, da entrada, um dos homens da segurança gritou:

— Comandante! Comandante! A floresta está em chamas!

## Capítulo Sete

Todos mantiveram o controle. O Comandante Leicester gritou da plataforma:

— Providenciem algumas luzes! Segurança, quero uma iluminação aqui!

Um dos jovens da equipe médica encontrou uma lanterna para o comandante e um dos oficiais gritou:

— Permaneçam todos em seus lugares e esperem por ordens! Não há perigo aqui! Acendam as luzes o mais depressa possível!

MacAran estava bastante próximo da entrada para ver o clarão distante se elevando contra a escuridão. Em poucos minutos as lanternas estavam sendo distribuídas, e Moray disse da plataforma, em tom de urgência:

— Comandante, dispomos de equipamentos para derrubar árvores e deslocar terra. Deixe-me ordenar que uma equipe abra aceiros em torno do acampamento.

— Certo, Sr. Moray - disse Leicester, bruscamente. - Cuide disso. Quero todos os oficiais de comando reunidos aqui. Precisamos ir à nave e proteger todos os materiais inflamáveis ou explosivos.

Ele se encaminhou apressado para o fundo da tenda. Moray ordenou que todos os homens aptos se reunissem na clareira e requisitou todas as lanternas disponíveis que não estivessem em uso na nave.

— Formem os mesmos pelotões que tivemos para escavar as sepulturas - ele ordenou.

MacAran descobriu-se numa equipe com o Padre Valentine e oito estranhos, derrubando árvores, numa faixa de três metros, em torno da clareira. O fogo ainda era um rugido distante, numa encosta a muitos quilômetros, um clarão vermelho contra o céu, mas o ar recendia a fumaça, com um estranho cheiro acre. Alguém ao lado de MacAran comentou:

— Como a floresta pode pegar fogo depois de tanta chuva?

Ele recordou uma coisa que Marco Zabal dissera naquela primeira noite:

— As árvores são muito resinosas... praticamente um pavio. Algumas podem até arder mesmo molhadas... podemos fazer uma fogueira com lenha verde. Creio que um raio poderia provocar um incêndio quase que a qualquer momento.

Tivemos sorte, pensou MacAran, por termos acampado no meio da floresta e nunca pensarmos em incêndio ou na abertura de aceiros. E disse para o homem:

— Desconfio que precisaremos de um aceiro permanente ao redor de qualquer acampamento ou área de trabalho.

— Fala como se achasse que ficaremos aqui por muito tempo — interveio o Padre Valentine.

MacAran inclinou-se para sua serra e falou sem levantar os olhos:

— Não importa de que lado se esteja... do comandante ou de Moray, tudo indica que passaremos pelo menos alguns anos aqui.

Ele sentia-se muito cansado e inseguro com qualquer coisa naquele momento para decidir se tinha alguma preferência pessoal; e, de qualquer forma, tinha certeza de que ninguém o consultaria sobre sua opção. Lá no fundo, porém, sabia que lamentaria se algum dia deixassem aquele mundo. O Padre Valentine tocou em seu ombro.

— Acho que a tenente está à sua procura.

MacAran empertigou-se ao ver Camilla Del Rey se aproximando. Ela parecia exausta e abatida, os cabelos desgrenhados e o uniforme sujo. Ele sentiu vontade de tomá-la nos braços, mas em vez disso permaneceu imóvel, observando a tentativa de Camilla de não fitá-lo nos olhos enquanto dizia:

— Rafe, o comandante quer falar com você. Conhece a área melhor do que qualquer outro. Acha que o incêndio pode ser combatido ou contido?

— Não no escuro... e não sem equipamento pesado — respondeu MacAran.

Mas ele acompanhou-a de volta ao alojamento do comandante. Não podia deixar de admirar a eficiência com que fora montada a operação de prevenção de incêndio, os poucos equipamentos de combate ao fogo da nave sendo transferidos para o hospital. O



comandante teve bastante bom senso para usar Moray aqui. São de fato muito parecidos, seria ótimo se pudessem trabalhar pelos mesmos objetivos. Mas neste momento são a força irresistível e o objeto irremovível.

A chuva fina se transformava em chuva forte com neve quando eles alcançaram o domo. O espaço restrito estava apinhado e iluminado apenas por uma única lanterna, cuja pilha parecia já estar pifando. Moray dizia:

— ... nossas forças de energia já começam a se esgotar. Antes de podermos fazer mais alguma coisa, senhor, em seu plano ou no meu, é preciso encontrar algumas fontes de iluminação e calor. Temos equipamento para energia do vento e energia solar entre os materiais de colonização, mas tenho minhas dúvidas se este sol oferece suficiente luz e radiação para contarmos com um bom suprimento de energia solar. MacAran... - Ele virou-se. - Posso presumir que há córregos nas montanhas? São bastante grandes para serem represados?

— Não pelo que vimos nos poucos dias que passamos nas montanhas — respondeu MacAran. — Mas há muito vento.

— Isso nos dará um paliativo temporário - declarou o Comandante Leicester. — MacAran, sabe exatamente onde se localiza o incêndio?

— Está bem distante para não representar um perigo imediato para nós. Mas vamos precisar de aceiros daqui por diante, em qualquer lugar em que nos instalemos. Mas creio que este incêndio não será um perigo. A chuva começa a se transformar em neve e acho que vai abafá-lo.

— Se pode arder na chuva...

— A neve é mais tímida e mais pesada... — MacAran foi interrompido por uma rajada de tiros. -- O que é isso?

— Um estouro de animais... provavelmente fugindo do incêndio - explicou Moray. — Seus oficiais estão abatendo animais para alimento. Comandante, mais uma vez, sugiro que se poupe munição para emergências absolutas. Mesmo na Terra, os animais são agora caçados em condições recreativas, com arco e flecha. Há protótipos

no departamento de recreação e precisaremos usá-los para aumentar o suprimento de alimentos.

— Tem uma porção de idéias, não é mesmo? — resmungou Leicester.

Ao que Moray respondeu, tenso:

— Comandante, dirigir uma espaçonave é o seu ofício. O meu é instituir uma sociedade viável, com o aproveitamento mais econômico possível dos recursos disponíveis.

Os dois se fitaram por um momento à luz fraca, os outros no domo esquecidos. Camilla dera uma volta para se colocar atrás do comandante e MacAran teve a impressão de que ela o apoiava mentalmente, além de fisicamente. Havia lá fora todos os ruídos do acampamento e sempre o silvo da neve batendo no domo. E de repente houve uma rajada de vento mais forte, uma lufada de ar frio entrou no domo; Camilla foi fechar a passagem, lutando contra o vento, e não conseguiu. A porta bateu furiosamente, desprendeuse das dobradiças improvisadas e derrubou a jovem. MacAran correu para ajudá-la. O Comandante Leicester praguejou baixinho e começou a gritar por um dos seus ajudantes. Moray levantou a mão e disse calmamente:

— Precisamos de abrigos mais resistentes e mais permanentes, Comandante. Estes foram construídos para durar seis semanas. Posso ordenar para que sejam construídos abrigos que resistam por alguns anos?

O Comandante Leicester ficou em silêncio, e com sua nova e exagerada sensibilidade MacAran teve a impressão de que podia ouvir seus pensamentos. Isso seria uma cunha? Poderia aproveitar os talentos indubitáveis de Moray sem conceder muito poder aos colonos, o que diminuiria o seu? Quando o comandante falou, a voz era amargurada, mas ele cedeu cortesmente:

— Conhece os problemas de sobrevivência, Sr. Moray. Sou um cientista... e um espaçonauta. Eu o perei no comando do acampamento, numa base temporária. Determine as prioridades e requisite tudo o que precisar.

Leicester foi até a porta e parou ali, contemplando o turbilhão de neve.

— Nenhum incêndio pode resistir a isso. Chame os homens e alimente-os, antes que eles voltem a abrir os aceiros. Está no comando, Moray... por enquanto.

Ele se mantinha empertigado e indômito, mas a voz era cansada. Moray fez uma ligeira reverência. Não havia qualquer sinal de subserviência no gesto.

— Não pense que estou desistindo - advertiu Leicester. - A nave será consertada.

Moray deu de ombros.

— É bem possível. Mas não será possível repará-la se não sobrevivermos pelo tempo necessário para isso. E, no momento, isso é tudo o que me interessa.

Ele virou-se para Camilla e MacAran, ignorando o comandante ao acrescentar:

— MacAran, seu grupo conhece pelo menos um pouco da região. Quero um levantamento local de todos os recursos, inclusive em termos de alimentos... a Dra. Lovat pode cuidar disso. É uma navegadora, Tenete Del Rey, sabe como operar os instrumentos. Pode providenciar uma pesquisa do clima, a fim de podermos usá-la para previsões do tempo? — Ele fez uma pausa. - A madrugada não é a ocasião mais propícia para isso. Começaremos pela manhã.

Ele se encaminhou para a entrada, encontrou-a bloqueada pelo Comandante Leicester, parado ali, observando a neve. Tentou contorná-lo duas vezes, acabou batendo em seu ombro. O comandante estremeceu e deu um passo para o lado. Moray disse:

— A primeira providência é tirar aqueles pobres coitados da tempestade. Vai dar as ordens, Comandante, ou eu posso dar?

Leicester fitou-o nos olhos com uma hostilidade evidente, mas disse suavemente:

— Isso não tem importância. Não estou preocupado com qual de nós dá as ordens, e Deus o ajude se deseja apenas o poder para dá-las. Camilla, procure o Major Layton e diga-lhe para suspender todas as operações de prevenção de incêndio e providenciar para que todos sejam alimentados antes de se recolherem.

A jovem puxou o capuz sobre a cabeça e afastou-se apressada pela neve.

— Você pode ter os seus talentos, Moray - acrescentou o comandante. — E, se precisar, pode usar os meus. Mas gostaria que se lembrasse de um ditado antigo no serviço espacial. Quem intriga para conquistar o poder merece obtê-lo.

Ele saiu do domo, deixando o vento penetrar. MacAran, observando Moray, sentiu que de alguma forma vaga o comandante levara a melhor.

## Capítulo Oito

Os dias se alongavam, mas mesmo assim parecia nunca haver claridade ou tempo suficiente para todo o trabalho que precisava ser realizado no acampamento. Três dias depois do incêndio, aceiros com dez metros de largura haviam sido abertos em torno do acampamento e pelotões de bombeiros estavam organizados para emergências. Foi mais ou menos nessa ocasião que MacAxan partiu, com um grupo de colonos, para efetuar o levantamento pedido por Moray. Os únicos membros da expedição anterior que o acompanhavam agora eram Judith Lovat e MacLeod. Judy ainda se mantinha retraída e apartada, quase não falando. MacAran preocupava-se com ela, mas Judy trabalhava com a maior eficiência e parecia ser dotada de uma percepção quase psíquica dos locais onde pareciam encontrar tudo aquilo que procuravam. De um modo geral, aquela expedição de exploração pela floresta transcorreu sem incidentes. Determinaram trilhas para possíveis acessos ao vale em que haviam avistado pela primeira vez as manadas de animais estranhos, avaliaram os danos causados pelo incêndio — que não eram muito extensos — e mapearam os córregos e rios locais. MacAran recolheu amostras de rochas das colinas locais para se verificar o potencial de conteúdo de minérios.

Apenas um acontecimento mais significativo rompeu a monotonia um tanto agradável da expedição. Uma noite, quase ao pôr-do-sol, abriam uma trilha por um trecho excepcionalmente denso da floresta quando MacLeod, adiantado, parou de repente, virou-se com um dedo nos lábios para pedir silêncio e chamou MacAran.

Ele se adiantou, com Judy ao seu lado, na ponta dos pés. Ela parecia estranhamente excitada.

MacLeod apontou para cima, entre as árvores. Dois enormes troncos erguiam-se a uma altura incrível, sem galhos laterais pelo menos por vinte metros; e havia uma ponte entre eles. Não havia outra maneira de chamar a estrutura; uma ponte de um material

que parecia vime entrelaçado, construída com requinte, inclusive com corrimão.

MacLeod sussurrou:

— Aí está a prova de seus aborígenes. Será que são arbóreos? E por isso que não os vemos?

Judy disse bruscamente:

— Cale-se!

À distância, soou um grito pequeno, estridente, inarticulado; e depois, por cima deles, na ponte, surgiu uma criatura.

Todos puderam observá-la muito bem naquele momento. Tinha cerca de um metro e meio de altura, a pele clara ou coberta por um pêlo claro, segurando os corrimãos da ponte com mãos indubitáveis — ninguém teve a presença de espírito de contar os dedos -, um rosto liso, mas estranhamente humanóide, o nariz achatado e olhos vermelhos. Por quase dez segundos ficou imóvel na ponte, olhando para eles, parecendo quase tão surpreso quanto os exploradores; e depois, com um grito estridente que parecia com o de um pássaro, correu pela ponte, subiu entre as árvores e desapareceu.

MacAran deixou escapar um longo suspiro. Então aquele mundo era mesmo habitado, não desocupado e aberto à humanidade. MacLeod perguntou baixinho:

— Judy, foram essas as criaturas que você viu naquele dia? O que chamou de o belo?

Judy assumiu a estranha obstinação que qualquer menção àquele dia provocava.

— Não — ela respondeu, a voz suave, mas decidida. — Esses são os irmãozinhos, os pequenos que não são sábios.

E nada mais conseguiram arrancar e logo desistiram de interrogá-la. Mas MacLeod e o Major Fraser estavam na maior felicidade.

— Humanóides arbóreos. Noturnos, a julgar pelos olhos, provavelmente simiescos, embora sejam mais parecidos com társios do que com macacos. Obviamente sábios... usam ferramentas e produzem artefatos. Homo arborens. Homens vivendo em árvores.

Assim que MacLeod concluiu seus comentários, MacAran disse, hesitante:

— Se tivermos de ficar aqui... como duas espécies sábias podem sobreviver no mesmo planeta? Isso não acarreta invariavelmente uma guerra fatal pelo domínio?

— Se Deus quiser, não - respondeu Fraser. - Afinal, houve quatro espécies sábias na Terra por muito tempo. A humanidade... e os golfinhos, baleias e provavelmente os elefantes também. Apenas aconteceu que nós éramos a única espécie tecnológica. Eles habitam nas árvores, nós habitamos no solo. Não há conflito, até onde posso perceber... ou pelo menos nenhum conflito necessário.

MacAran não tinha tanta certeza, mas não manifestou suas reservas.

Por mais pacífica que fosse a expedição, ocorreram perigos inesperados. No vale com as manadas, a que deram o nome por conveniência de Planícies de Zabal, os animais eram espreitados por enormes predadores parecidos com felinos, que só eram mantidos à distância durante a noite por fogueiras. E nos picos MacAran avistou pela primeira vez os pássaros com a voz de banshee, a voz de espírito: eram imensos, sem asas, com garras terríveis, deslocando-se com tanta velocidade que somente um último recurso desesperado ao raio laser, que levavam para emergências, evitou que o Dr. Fraser fosse estripado por um golpe violento. MacLeod, dissecando o pássaro morto, descobriu que era completamente cego.

— Será que localiza a presa pela audição? Ou de que maneira então?

— Desconfio que sente o calor do corpo — respondeu MacAran. - Parecem viver apenas na neve.

Os terríveis pássaros receberam o nome de banshees ou pássaros-espíritos, e depois disso passaram a evitar os desfiladeiros, a não ser à luz do dia. Também encontraram os montes das formigas parecidas com escorpiões, cujas picadas haviam matado o Dr. Zabal, e debateram a conveniência de envenená-las. MacLeod foi contra, sob a alegação de que aquelas formigas podiam ser parte importante de uma corrente ecológica, que não podia ser afetada. Finalmente concordaram em exterminar apenas os formigueiros num

raio de cinco quilômetros da nave e alertar a todos para o perigo das picadas. Foi uma providência provisória, mas também tudo o que faziam naquele planeta era provisório.

— Se sairmos daqui — comentou o Dr. Fraser, a voz um pouco rouca -, deveremos deixar tudo praticamente da maneira como encontramos.

Quando voltaram ao acampamento, depois de três semanas de pesquisas, descobriram que dois prédios permanentes de madeira e pedra já haviam sido construídos: um salão de recreação comunitário e refeitório, e o outro para ser usado como laboratório. Foi a última vez que MacAran mediu qualquer coisa por semanas; ainda não conheciam a extensão do ano do planeta, mas por uma questão de conveniência e distribuição de serviços e turnos de trabalho, instituíram um ciclo arbitrário de dez dias, com um dia em cada dez de feriado geral. Vastas hortas haviam sido preparadas e as sementes já começavam a brotar, enquanto se realizava uma colheita cuidadosa de alguns frutos da floresta já examinados.

Um pequeno gerador de vento fora montado, mas a energia era rigorosamente racionada, e velas fabricadas com resinas das árvores eram usadas para a iluminação noturna. Os domos temporários ainda alojavam a maioria do pessoal, exceto os que ficavam no hospital; MacAran partilhava o seu com uma dúzia de outros homens solteiros. No dia seguinte ao retorno foi chamado ao hospital por Ewen Ross, junto com Judy.

— Perderam o anúncio do Dr. Di Asturien - disse ele. - Em suma, nossos anticoncepcionais hormonais são inúteis aqui. Ainda não se registrou nenhuma gravidez até agora, exceto um aborto prematuro bastante duvidoso, mas temos nos baseado nos hormônios há tanto tempo que ninguém mais conhece os métodos pré-históricos de prevenção. Também não dispomos do equipamento de teste de gravidez, já que ninguém precisa disso numa espaçonave. O que significa que, se ocorrer alguma gravidez, esta pode avançar demais para um aborto seguro antes que seja diagnosticada.

MacAran sorriu, amargurado.



— Pode poupar seu fôlego no que me diz respeito. A única mulher em que estou interessado no momento nem sabe que eu existo... ou pelo menos gostaria que eu não existisse.

Ele nem sequer vira Camilla desde que voltara. Ewen indagou:

— E você, Judy? Verifiquei a sua ficha médica. Está na idade em que a contracepção é voluntária, em vez de compulsória...

Ela sorriu.

— Por causa da minha idade, não é provável que me deixe arrebatado desprevenida pela emoção. Não tive qualquer atividade sexual nesta viagem... não há ninguém por quem me interesse. Por isso, não me dei ao trabalho de temer as aplicações.

— Mesmo assim, procure Margaret Raimondi... ela está fornecendo informações de emergência para qualquer eventualidade. O sexo é voluntário, Judy, mas a informação é compulsória. Pode optar pela abstenção... mas deve ter a liberdade de decidir em contrário. Assim, trate de conversar com Margaret e obtenha as informações.

Ela começou a rir, e ocorreu a MacAran que não vira Judith Lovat rir desde o dia da estranha loucura que atacara a todos. Mas o riso parecia ter um tom histérico, o que o deixou apreensivo. Só ficou aliviado quando ela disse finalmente:

— Está certo. Que mal pode fazer?

Judy retirou-se. Ewen ficou observando-a se afastar, também apreensivo.

— Estou preocupado com Judy. Ela parece ser a única permanentemente afetada pelo que nos aconteceu, mas não temos psiquiatras que possamos dispensar, e de qualquer maneira Judy continua em condições de realizar seu trabalho... o que é sempre uma definição legal de sanidade. Ainda assim, espero que ela se recupere. Seu comportamento foi normal durante a expedição?

MacAran acenou com a cabeça. E, depois de um momento, disse, pensativo:

— Talvez ela tivesse alguma experiência de que não nos falou. Parece se sentir à vontade aqui. Alguma coisa como o que você me contou sobre MacLeod saber que os frutos eram bons para comer.

Um choque emocional poderia desenvolver poderes psíquicos latentes?

Ewen balançou a cabeça.

— Só Deus sabe, e estamos muito ocupados para verificar. Além do mais, como se poderia conferir uma coisa assim? Enquanto ela se mantiver bastante normal para desempenhar suas funções, não posso interferir.

Deixando o hospital, MacAran circulou pelo acampamento. Tudo parecia tranqüilo, da pequena oficina em que se construía implementos agrícolas à área da nave, onde as máquinas estavam sendo retiradas e guardadas. Foi encontrar Camilla no domo avariado pelo vento na noite do incêndio; já fora reparado e reforçado, os controles de computador instalados no interior. Ela fitou-o com uma expressão que parecia de hostilidade declarada.

— O que você quer? Moray mandou-o aqui para me dar a ordem de transformar isto numa estação meteorológica ou qualquer coisa assim?

— Não, mas parece uma boa idéia — respondeu MacAran. — Outra nevasca como a que nos atingiu na noite do incêndio poderia ser desastrosa, se não estivermos alerta.

Ela adiantou-se e fitou-o nos olhos. Os braços estavam esticados ao longo do corpo, os punhos cerrados, o rosto contraído pela raiva.

— Acho que vocês todos devem ter ficado completamente loucos. Eu não esperava outra coisa dos colonos... são apenas civis e só se preocupam em organizar sua preciosa colônia. Mas você também, Rafe! Possui o treinamento de um cientista, devia compreender o que isso significa! Tudo o que temos é a esperança de reparar a nave... se desperdiçarmos nossos recursos em qualquer outra coisa, as chances se tornarão cada vez menores! - Ela parecia frenética. - E teremos de permanecer aqui para sempre!

— Lembre-se, Camilla, de que eu também era um dos colonos. Deixei a Terra para me juntar à colônia Coronis...

— Mas aquilo é uma colônia regular, com tudo organizado para convertê-la... para convertê-la numa parte da civilização! —

exclamou Camilla. - É uma coisa que posso entender. Suas habilidades e instrução valeriam alguma coisa!

MacAran inclinou-se e pôs as mãos nos ombros da jovem.

— Camilla...

Ele imprimiu todo o seu anseio à palavra. Ela não chegou a reagir, mas ficou imóvel entre suas mãos, fitando-o. Seu rosto estava contraído e angustiado.

— Camilla, quer me escutar por um momento? Estou com o comandante até o fim, disposto a fazer tudo o que for necessário para que a nave decole. Mas também penso que isso pode não acontecer, no final das contas, e quero fazer tudo o que for possível para conseguirmos sobreviver nesse caso.

— Sobreviver para quê? — disse Camilla, quase frenética. — Para reverter à selvageria, sobreviver como camponeses, bárbaros, sem nada que torne a vida digna de ser vivida? Seria melhor morrermos num último esforço!

— Não entendo por que diz isso, meu amor. Afinal, os primeiros humanos começaram com menos do que temos. Talvez o mundo deles tivesse um clima um pouco melhor, mas por outro lado nós contamos com dez ou doze mil anos de conhecimento humano. Um grupo de pessoas que o Comandante Leicester considera bastante capacitado a reparar uma nave estelar deve dispor de conhecimentos suficientes para organizar aqui uma boa sociedade, para si mesmo e seus filhos... e para todas as gerações subseqüentes.

Ele tentou atraí-la para seus braços, mas Camilla desvencilhou-se, pálida e furiosa.

— Prefiro morrer, como qualquer ser humano civilizado! — ela gritou. - Você é pior que o grupo das Novas Hébridas... o pessoal de Moray... aquele bando idiota de retorno à natureza, fazendo o jogo dele...

— Nada sei a respeito... Camilla, minha querida, não fique zangada comigo, por favor. Estou apenas tentando ver os dois lados do problema...

— Mas só há um lado! E se você não percebe isso, então é uma pessoa com quem nem vale a pena falar! Estou envergonhada.

. . envergonhada de mim mesma por ter pensado um dia que você poderia ser diferente!

As lágrimas escorriam por suas faces e ela removeu-as com as mãos, furiosa.

— Saia daqui e fique longe de mim! Saia daqui!

MacAran tinha o temperamento geralmente associado à cor de seus cabelos. Baixou as mãos como se tivesse se queimado e virou-se.

— Será um prazer! - disse ele, através dos dentes cerrados.

E saiu do domo, batendo a porta reforçada com tanta força que a fez tremer. Lá dentro, Camilla arriou num banco, com as mãos no rosto, e chorou desesperadamente, até que uma violenta onda de náusea a sacudiu, obrigando-a a cambalear para a área de latrina das mulheres. Finalmente saiu de lá, a cabeça latejando, o rosto afogueado, todos os nervos doloridos.

Ao retornar ao domo do computador, uma lembrança aflorou em sua mente. Aquilo já lhe acontecera três vezes agora. . . e num ímpeto de intenso medo e rejeição, ela levou as mãos à boca, mordendo as articulações com força.

— Oh, não! - ela sussurrou. - Oh, não, não. . .

A voz extinguiu-se em súplicas e imprecações balbuciadas, os olhos cinza arregalados em terror.

MacAran seguira para a área de recreação e refeitório, que num instante se tornara um centro para a comunidade numerosa e desordenada. Num quadro de avisos improvisado deparou com um comunicado sobre uma reunião da Comuna das Novas Hébridas. Ele já vira isso antes. Os colonos aceitos pela Força Expedicionária da Terra consistiam não apenas de indivíduos, como ele e Jenny, mas também de pequenos grupos ou comunas, famílias ampliadas, até mesmo de algumas empresas, que desejavam expandir suas operações ou abrir sucursais. Todos eram cuidadosamente examinados para determinar como se ajustariam no desenvolvimento equilibrado da nova colônia; afora isso, porém, constituíam uma turma bastante heterogênea. MacAran desconfiou que a Comuna das Novas Hébridas era uma das muitas pequenas comunidades neo-rurais que haviam se afastado da corrente social

na Terra, ressentidas com sua industrialização e organização. Muitas dessas comunidades haviam partido para as colônias nas estrelas; todos concordavam que podiam ser desajustados na Terra, mas eram excelentes colonos. Ele nunca lhes dispensara qualquer atenção antes, mas agora estava curioso, depois das palavras de Camilla. Será que a reunião estaria franqueada a pessoas de fora?

MacAran recordou vagamente que aquele grupo reservara algumas vezes uma das áreas de recreação da nave para suas reuniões. Pareciam ter uma vida comunitária muito coesa. Ora, na pior das hipóteses poderiam lhe pedir que se retirasse.

Encontrou-os no refeitório, vazio entre as refeições. A maioria sentava num círculo e tocava instrumentos musicais. Um jovem alto, de cabelos compridos e trançados, disse a MacAran:

— A reunião é apenas para os membros, amigo.

Mas uma moça de cabelos ruivos soltos, caindo até a cintura, interveio:

— Não, Alastair. Ele é MacAran e integrou a equipe de exploração, conhece muitas das respostas de que precisamos. Entre, homem. Seja bem-vindo.

Alastair soltou uma risada.

— Tem toda razão, Fiona. E com um nome como MacAran, ele deveria ser de qualquer maneira um membro honorário.

MacAran entrou. Com alguma surpresa, avistou no círculo a figura gorducha, de cabelos louros avermelhados, de Lewis MacLeod. Ele comentou:

— Não tive um contato maior com vocês na nave e não sei o que representam.

— Somos neo-ruralistas, construtores do mundo — respondeu Alastair. - Alguns representantes do sistema podem nos chamar de antitecnocratas, mas não somos os destruidores. Apenas procuramos por uma alternativa honrosa para a sociedade existente na Terra e geralmente somos tão bem-acolhidos nas colônias quanto eles ficam contentes ao nos verem deixar a Terra. E agora nos diga, MacAran: o que está acontecendo aqui? Quando poderemos partir para construir a nossa própria colônia?

— Sabem tanto quanto eu. O clima aqui é terrível, todos já sabem; se é assim no verão, deve ser muito pior no inverno.

Fiona riu.

— A maioria de nós foi criada nas Hébridas ou mesmo nas Orkneys, onde se encontra o pior clima da Terra. O frio não nos assusta, MacAran. Mas queremos nos estabelecer em vida comunitária, a fim de podermos instituir nossos hábitos e costumes, antes do inverno começar.

— Não tenho certeza se o Comandante Leicester permitirá que alguém deixe o acampamento - respondeu MacAran. - A prioridade ainda é reparar a nave, e creio que ele considera a todos nós como uma única comunidade. Se começarmos a nos dispersar. . .

— Não somos cientistas — protestou Alastair. — Não podemos passar cinco anos trabalhando numa nave estelar. É contra toda a nossa filosofia!

— A sobrevivência. . .

— Sobrevivência...! — MacAran compreendia muito pouco do gaélico de seus antepassados, mas calculou que Alastair dissera uma palavra obscena. — A sobrevivência significa para nós organizar uma colônia aqui, o mais depressa possível. Assinamos um contrato para irmos até Coronis. O Comandante Leicester cometeu um erro e trouxe-nos para cá. Mas é tudo a mesma coisa para nós. Para nossos propósitos, aqui é ainda melhor.

MacAran olhou para MacLeod, franzindo as sobrancelhas.

— Não sabia que você pertencia a este grupo.

— E eu não pertencia — respondeu MacLeod. — Sou apenas um agregado, mas concordo com eles. . . e quero ficar aqui.

— Pensei que eles não aprovavam os cientistas. Fiona explicou:

— Aceitamos os cientistas quando usam seus conhecimentos para servir e ajudar a humanidade... não para manipulá-la ou destruir sua força espiritual. Estamos felizes por contar com o Dr. MacLeod... Lewis, pois não usamos títulos... como um dos nossos, com seus conhecimentos de zoologia.

MacAran indagou, espantado:

— Estão pensando em promover um motim contra o Comandante Leicester?

— Motim? - interveio um rapaz que ele não conhecia. - Não somos seus tripulantes nem súditos. Queremos apenas viver como faríamos ao chegar ao novo mundo. Não podemos esperar três anos até que ele desista de sua idéia desvairada de reconstruir a nave. Até lá, já poderíamos ter uma comunidade funcional.

— E se ele conseguir reparar a nave e continuar a viagem para Coronis? Vocês ficariam aqui?

— Este é o nosso mundo — declarou Fiona, indo postar-se ao lado de Alastair, os olhos gentis, mas determinados. - Nossos filhos nascerão aqui.

MacAran ficou chocado.

— Está querendo dizer. . .

— Não sabemos, mas algumas de nossas mulheres podem já estar grávidas - respondeu Alastair. - É o sinal de nosso compromisso com este mundo, nosso sinal de rejeição da Terra e do mundo que o Comandante Leicester quer nos impor. E pode dizer isso a ele.

Enquanto MacAran se retirava, os instrumentos musicais soaram de novo e uma voz triste de mulher começou a entoar uma das antigas canções de eterna melancolia das ilhas, um lamento pelos mortos, saindo de um passado mais atormentado e abalado por guerras e exílios do que qualquer outro povo na Terra:

*Gaivota branca como a neve, diga,  
Oh, diga-me, por favor,  
Onde repousam nossos belos jovens.  
Onda sobre onda jazem,  
Não há suspiro  
Saindo de seus lábios frios;  
Algas marinhas são sua mortalha,  
O triste canto do mar os embala.*

A canção provocou um aperto na garganta de MacAran, as lágrimas comprimiram-se contra os olhos. Eles lamentam, pensou ele, mas sabem que a vida continua. Os escoceses foram exilados por séculos, por milênios. Este é apenas mais um exílio, um pouco

mais distante do que os anteriores, mas cantarão as antigas canções sob as novas estrelas e encontrarão novas montanhas e novos mares. . .

Deixando o refeitório, ele puxou o capuz sobre a cabeça. Àquela altura, deveria estar começando a chover. Mas não estava.



## Capítulo Nove

MacAran já testemunhara o que duas noites sem chuva e sem neve podiam causar naquele planeta. As áreas de horta explodiram em vegetação, muitas flores, principalmente as pequenas flores laranja, cobriram o chão em toda parte. As quatro luas apresentavam-se em sua glória antes mesmo do pôr-do-sol e permaneciam no céu até depois do amanhecer, com um fluxo de claridade lilás.

A floresta estava seca e começaram a se preocupar, mantendo uma equipe de vigilância contra incêndios. Moray teve a idéia de instalar pára-raios no alto de cada colina, presos em árvores enormes, a alguns quilômetros do acampamento. Podia não evitar um incêndio no caso de uma tempestade mais violenta, mas poderia diminuir um pouco os perigos.

E lá em cima, nas alturas, as enormes flores douradas em forma de campânulas se abriram, o pólen de doce fragrância espalhando-se pelas encostas superiores. Não alcançara o vale.

Ainda não. . .

Depois de uma semana de tardes sem neve, noites de luar e dias quentes — quentes pelos padrões daquele planeta, que fariam com que a Noruega parecesse um balneário de verão -, MacAran foi pedir o assentimento de Moray para outra excursão pelos contrafortes. Achava que deveria aproveitar o tempo excepcionalmente favorável para coletar mais espécimes geológicos e talvez localizar cavernas que pudessem servir como abrigos de emergência, em explorações posteriores. Moray ocupara uma pequena sala no canto da área de recreação como seu gabinete. Enquanto MacAran esperava do lado de fora, Heather Stuart entrou no prédio.

— O que acha desse tempo? — ele perguntou.

Era o antigo hábito da Terra prevalecendo. Quando em dúvida, fale sobre o tempo. E havia muito para se falar sobre o tempo naquele planeta, e tudo era ruim.

— Não me agrada — respondeu Heather, muito séria. — Não esqueci o que aconteceu na montanha quando tivemos uns poucos dias claros.

Você também!, pensou MacAran. Mas ele protestou:

— Como o tempo poderia ser responsável, Heather?

— Vírus transportado pelo ar. Pólen transportado pelo ar. Poeiras químicas transportadas pelo ar. Sou microbióloga, Rafe. Você ficaria surpreso se soubesse o que pode haver nuns poucos centímetros cúbicos de ar, água ou solo. Na sessão de informações Camilla disse que a última coisa de que se lembrava antes de iniciar o comportamento aberrante foi o fato de haver cheirado flores. Lembro também que o ar estava impregnado com a fragrância.

Ela fez um pausa, sorrindo contrafeita, antes de continuar: - É claro que a minha recordação pode não ser uma prova e peço a Deus para não ter de descobrir outra vez por experiência e erro. Acabei de constatar que não estou grávida e não quero passar por isso outra vez. Quando penso na maneira como as mulheres deviam viver antes da invenção de anticoncepcionais realmente seguros, nunca sabendo de um mês para outro... - Ela estremeceu. - Rafe, Camilla já tem certeza? Ela não fala mais comigo.

— Não sei — respondeu MacAran, um tanto sombrio. — Ela também não fala mais comigo.

O rosto sensível de Heather assumiu uma expressão de consternação.

— Oh, Rafe, sinto muito! Fiquei tão feliz por vocês dois, Ewen e eu esperávamos... Acho que Moray já vai poder recebê-lo.

A porta se abriu e o ruivo grandalhão chamado Alastair esbarrou neles ao sair, virando-se e meio gritando:

— A resposta ainda é não, Moray! Vamos embora... todos nós, a comunidade inteira! Imediatamente, esta noite!

Moray estava na porta agora.

— São muito egoístas, hem? Falam sobre comunidade, mas estão se referindo apenas a seu pequeno grupo... não à comunidade maior da humanidade neste planeta. Nunca lhe ocorreu que todos nós, as duzentas e tantas pessoas aqui, formamos uma comunidade compulsoriamente? Somos a humanidade aqui, somos a sociedade.

Onde está o seu senso de responsabilidade em relação ao semelhante, meu rapaz?

Alastair baixou a cabeça e murmurou:

— Vocês não defendem as mesmas coisas que nós.

— Todos queremos o bem comum e a sobrevivência - respondeu Moray, calmamente. - O comandante vai acabar concordando. Dê-me uma chance de conversar com os outros, pelo menos.

— Está apenas tentando nos manipular. . .

— Tem medo do que eu possa lhes dizer? Tem medo de que eles não aceitem o que você quer?

Alastair, acuado, explodiu:

— Está bem, fale com eles! Mas posso garantir que não vai adiantar!

Moray passou pela porta, dizendo a MacAran, enquanto avançava:

— O que quer que seja, meu rapaz, terá de esperar. Preciso conversar com aqueles jovens lunáticos, persuadi-os a considerar todos nós como uma grande família. . . não pensar apenas em sua pequena família!

Os trinta membros da comuna das Novas Hébridas estavam reunidos lá fora. MacAran notou que haviam tirado o uniforme de superfície distribuído pelo comando da nave, usavam trajes civis e carregavam mochilas. Moray adiantou-se e começou a falar. Do lugar em que se encontrava, na porta do salão de recreação, MacAran não podia ouvir suas palavras, mas houve muitos gritos e discussões. MacAran observou os pequenos turbilhões de poeira através do campo arado, o vento soprando nas árvores à beira da clareira como um murmúrio marinho que nunca cessava. Teve a impressão de que havia uma canção no vento. Olhou para Heather ao seu lado, o rosto dela parecia brilhar e faiscar ao sol, quase uma canção visível. E ela murmurou, a voz rouca:

— Música. . . música no vento. . .

— Por Deus, o que eles estão fazendo? - balbuciou MacAran. - Promovendo um baile?

Ele afastou-se de Heather, enquanto um grupo de guardas da Segurança, uniformizados, aproximava-se da nave. Um deles foi se postar diante de Alastair e Moray e começou a falar. MacAran chegou perto a tempo de ouvir o final:

— ... larguem as mochilas. Tenho ordens do comandante para levar todos sob custódia, por deserção numa emergência.

— Seu comandante não tem qualquer autoridade sobre nós, com ou sem emergência! — berrou o ruivo grandalhão.

Uma das moças pegou um punhado de terra e arremessou, provocando risos frenéticos nos outros. Moray suplicou angustiado aos homens da Segurança:

— Não façam nada! Não há necessidade disso! Deixem-me cuidar deles!

O oficial atingido pela terra que a moça arremessara sacou sua arma. MacAran, dominado pelo ímpeto de um medo que já conhecia, murmurou:

— Vai começar.

Ele correu, enquanto os rapazes e moças da comuna largavam as mochilas e atacavam, uivando e berrando como demônios.

Um homem da Segurança largou seu rifle e desatou em gargalhadas desvairadas. Jogou-se no chão e foi rolando, aos gritos. MacAran, com um resquício de percepção, recolheu a arma descartada, arrancou outra do segundo homem e correu para a nave, enquanto um terceiro guarda da Segurança, que tinha apenas uma pistola, disparava. No cérebro transtornado de MacAran o tiro ressoou como uma galeria infinita de ecos. Com um berro estridente, uma das moças caiu no chão, se contorcendo em agonia.

MacAran, carregando os rifles, irrompeu no domo do computador, onde se encontrava o comandante. Leicester franziu as sobrancelhas, exigindo uma explicação. MacAran observou as sobrancelhas rastejarem como lagartas, criarem asas e voarem pelo domo... não. NÃO! Lutando contra o ataque vertiginoso de irrealidade, ele balbuciou:

— Comandante, está acontecendo de novo! O que nos aconteceu nas encostas! Pelo amor de Deus, tranque as armas e a

munição antes que alguém seja morto! Uma das moças já foi baleada e...

— O quê? - A expressão de Leicester era de total incredulidade.  
- Com certeza está exagerando...

— Já passei por isso, Comandante!

MacAran fazia um esforço desesperado para reprimir o impulso de se jogar e rolar pelo chão, agarrar o comandante pela garganta e sacudi-lo até a morte. . .

— É real. É... conhece Ewen Ross. Sabe que ele tem um treinamento médico completo e meticuloso... mas ficou pela floresta se divertindo com Heather e MacLeod enquanto um paciente agonizante passava por ele e caía mais adiante com a aorta rompida. Camilla... a Tenente Del Rey... largou sua luneta e saiu correndo atrás de borboletas.

— E você acha que essa... essa epidemia vai atacar aqui?

— Comandante, eu tenho certeza! — suplicou MacAran. — Estou... estou lutando para resistir neste momento...

Leicester não se tornara comandante de uma nave estelar pela ausência de imaginação ou por se recusar a enfrentar emergências. Ao estampido de um segundo tiro no espaço antes da clareira, ele correu para a porta, apertando um botão de alarme na passagem. Como ninguém respondesse, ele gritou, correndo através da clareira.

MacAran, correndo atrás, avaliou a situação num relance. A moça alvejada pelo guarda ainda se encontrava no chão, contorcendo-se em dor; guardas e jovens da comuna se engalinhavam, berrando insultos. Um terceiro tiro soou; um dos guardas soltou um uivo de dor e caiu, segurando o joelho.

— Danforth! — gritou o comandante.

Danforth virou-se, a arma levantada. Por uma fração de segundo, MacAran pensou que ele ia puxar o gatilho outra vez, mas o hábito de muitos anos de obediência ao comandante fez o enlouquecido oficial hesitar. Apenas por um instante, mas a esta altura MacAran já dera um pulo e derrubou-o no chão, a arma escapando de sua mão. Leicester pegou-a no mesmo instante, abriu, tirou as balas e guardou no bolso.

Danforth lutava como um louco, as mãos em garras golpeando MacAran, tentando agarrar sua garganta. MacAran também sentia um impulso de raiva incontrolável querendo dominá-lo, manchas vermelhas turbilhonando diante de seus olhos. Tinha vontade de esfaquear, morder, arrancar os olhos do homem... com um tremendo esforço, recordando o que acontecera antes, retornou à realidade e deixou o homem levantar. Danforth olhou aturdido para o comandante e começou a chorar, limpando os olhos com os punhos cerrados, balbuciando palavras incoerentes. O Comandante Leiceste berrou:

— Vai pagar caro por isso, Danforth! Recolha-se aos alojamentos! Danforth engoliu em seco uma última vez. Relaxou e sorriu indolente para seu superior, depois murmurou ternamente:

— Comandante, alguém já lhe disse que tem enormes e lindos olhos azuis? Por que não vamos...

Sorrindo, inocente, na mais absoluta seriedade, ele fez uma proposta obscena, que levou Leicester a ofegar, ficar roxo de raiva, respirar fundo para gritar outra vez. MacAran segurou o braço do comandante.

— Não faça nada de que possa se arrepender depois, Comandante. Não percebe que ele não sabe o que faz ou diz?

Danforth já perdera o interesse e afastou-se, chutando seixos, distraído. Ao redor, a briga já perdera o ímpeto; metade dos combatentes sentara no chão, cantarolando, enquanto os outros se separavam em grupos de dois ou três. Alguns aflagavam uns aos outros com total absorção animal e uma completa ausência de inibição, estendidos na relva áspera; outros já se encaminhavam, sem qualquer discriminação - homem e mulher, mulher e mulher, homem e homem — para satisfações mais diretas e ativas. O Comandante Leicester ficou olhando para a orgia em plena luz do dia, com a mais profunda consternação, e começou a chorar.

Uma onda de repulsa aflorou em MacAran, extinguindo a preocupação inicial e a compaixão pelo homem. Ao mesmo tempo, ele se descobriu dividido entre emoções vertiginosas e conflitantes, um impulso crescente de luxúria, incutindo o desejo de se jogar no chão com os corpos entrelaçados, um último resquício de pesar pelo

comandante - ele não sabe o que está fazendo, nem mesmo tanto quanto eu... e uma onda de náusea cada vez mais intensa. Abruptamente ele se virou, um pânico doentio apagando tudo o mais, cambaleou e afastou-se correndo da cena.

Por trás dele, uma jovem de cabelos compridos, pouco mais que uma criança, aproximou-se do comandante, exortou-o a deitar, aninhou a cabeça em seu colo e ninou-o como um bebê, cantarolando suavemente em gaélico. . .

Ewen Ross viu e sentiu a primeira onda de irracionalidade crescente... atingiu-o como pânico... e ao mesmo tempo, no hospital, um paciente ainda envolto por ataduras e comatoso há dias levantou-se, arrancou as bandagens, abriu os ferimentos e sangrou até a morte, rindo, sob o olhar horrorizado de Ewen e uma enfermeira. A enfermeira jogou um enorme vidro de desinfetante no homem agonizante. Ewen, fazendo um esforço frenético para controlar as ondas de loucura que ameaçavam dominá-lo (o chão balançava num terremoto, uma vertigem incontrolável enchia de náusea suas entranhas e cabeça, cores insanas turbilhonavam diante de seus olhos...), saltou para a enfermeira e, depois de uma breve luta, arrancou o bisturi com que ela cortava os próprios pulsos. Resistiu aos braços da enfermeira que o envolviam (jogue-a na cama agora, arranque suas roupas...) e correu para o Dr. Di Asturien, balbuciando uma súplica apavorada para que trancasse todos os venenos, narcóticos e instrumentos cirúrgicos. Recrutando apressadamente a ajuda de Heather (afinal, ela tinha alguma lembrança de seu primeiro ataque), conseguiram guardar a maior parte e esconderam a chave em segurança, antes que o hospital inteiro enlouquecesse...

No fundo da floresta, o sol tão raro povoava a relva e as clareiras com flores, impregnava o ar com o pólen trazido das alturas pelo vento.

Insetos zumbiam de flor em flor, de folha em folha; pássaros acasalavam, construíam ninhos de pena, com seus ovos protegidos nas paredes isolantes de lama e palha, para chocar resguardados e alimentados com néctares e resinas armazenados até o próximo encantamento de calor. Gramíneas e cereais espalhavam suas

sementes, que as próximas nevascas fertilizariam e umedeceriam para brotar.

Nas planícies, os animais parecidos com veados corriam à solta, estourando, lutando, acasalando, enquanto os ventos impregnados de pólen lançavam as estranhas fragrâncias no fundo de seus cérebros. E nas árvores, nas encostas inferiores, os pequenos humanóides peludos estavam desvairados, arriscando-se até o chão - alguns pela única vez em suas vidas -, banquetecendo-se com frutos que amadureciam de um momento para outro, correndo pelas clareiras numa indiferença ensandecida aos animais à espreita. Gerações e milênios de memória, em seus genes e cérebros, ensinaram-lhes que desta vez até mesmo seus inimigos naturais eram incapazes de manter o longo esforço da caçada. A noite assentou sobre o mundo das quatro luas; o sol escuro mergulhou num estranho e claro crepúsculo, as raras estrelas apareceram. Uma depois da outra, as luas escalaram o céu; a enorme lua de brilho violeta, outra verde-clara, a terceira como um disco azul, a menor lembrando uma pérola branca. Na clareira em que se encontrava a imensa nave estelar, estranha àquele mundo, sinistra e ameaçadora, os homens da Terra respiravam o estranho vento e o pólen que o impregnava, impulsos insólitos irrompendo em seus cérebros.

O Padre Valentine e meia dúzia de tripulantes estavam estendidos no meio do mato, exaustos e saciados.

No hospital, pacientes febris gemiam sem qualquer assistência ou corriam desvairados para a clareira e a floresta, em busca de alguma coisa que não sabiam o que era. Um homem com a perna quebrada correu por mais de um quilômetro através da floresta antes que a perna cedesse. Ficou caído ali, rindo ao luar, enquanto um animal parecido com um tigre lambia seu rosto, carinhosamente.

Judith Lovat estava deitada em seu alojamento, balançando a enorme pedra azul na corrente em torno do pescoço; mantivera-a oculta sob as roupas durante todo aquele tempo. Tirara-a agora, como se os estranhos padrões estelares lá dentro exercessem alguma influência hipnótica. Lembranças turbilhonavam em sua mente, da estranha loucura sorridente que já a dominara antes. Depois de algum tempo, como se seguisse algum chamado



inaudível, ela se levantou, vestiu agasalhos, apropriando-se calmamente das roupas mais quentes de sua colega de alojamento (esta, uma jovem chamada Eloise, que fora oficial de comunicações na nave, sentava naquele momento sob uma árvore de folhas compridas, escutando os estranhos sons do vento na copa e cantando sem palavras). Judy atravessou a clareira e embrenhou-se pela floresta. Não sabia para onde seguia, mas tinha certeza de que seria orientada quando chegasse o momento. Por isso, foi subindo em linha reta, nunca se desviando, ouvindo a música no vento.

Frases escutadas em outro planeta ecoavam vagamente em sua mente, pela mulher gemendo por seu amante demônio...

Não, não um demônio, ela pensou, mas muito inteligente, estranho e belo para ser humano... Ela se ouviu soluçar enquanto andava, recordando a música, os ventos e flores tremeluzentes, os estranhos e luminosos olhos do ser meio lembrado, o medo que rapidamente se transformara em encantamento e depois em felicidade, um senso de intimidade mais intenso do que qualquer outra coisa que já conhecera.

Fora alguma coisa assim, como as antigas lendas da Terra, um peregrino atraído por uma criatura fantástica, o poeta que apregoara em seu encantamento:

*Uma dama na floresta conheci,  
Uma criança que era uma fada,  
Longos cabelos, suaves passos,  
E os olhos luminosos...*

Seria assim? Ou era... E o Filho de Deus contemplou as filhas dos homens e achou que eram belas...

Judy era uma cientista bastante disciplinada para ter consciência de que havia algo de loucura naquelas estranhas ações. Não tinha a menor dúvida de que algumas de suas lembranças estavam influenciadas e alteradas pelo estranho estado de percepção em que mergulhara. Contudo, a experiência e a comprovação da realidade também deviam ser levadas em consideração. Se havia um toque de loucura em tudo aquilo, por trás

da loucura também havia algo real; e era tão real quando o contato tangível em sua mente agora, que dizia: "Venha. Será conduzida e não sofrerá mal algum."

Ela ouviu o curioso farfalhar das folhas por cima da cabeça e parou, olhando, prendendo a respiração na expectativa. Tão profundo era o seu anseio e esperança de ver o rosto estranho e inesquecível que quase chorou ao constatar que era apenas um dos pequenos, as criaturas de olhos vermelhos, espiando-a, tímido e selvagem, através das folhas. Depois, desceu pelo tronco e postou-se à sua frente, trêmulo mas confiante, estendendo as mãos.

Judy não podia alcançar sua mente. Sabia que os pequenos eram muito menos desenvolvidos do que ela, e a barreira da linguagem era enorme. Mas, de alguma forma, eles se comunicavam. O pequeno homem-das-árvores sabia quem era ela, o que procurava e por quê; Judy sabia que ele fora enviado à sua procura e trazia uma mensagem que ela ansiava em ouvir. Ela divisou outros rostos estranhos e tímidos nas árvores, e um momento depois, quando se certificaram de sua boa disposição, desceram e a cercaram. Um deles deslizou a mão fria por seus dedos, outro enfeitou-a com folhas e flores. Tinham um comportamento quase reverente enquanto a conduziam, e Judy acompanhou-os sem protesto, sabendo que aquilo era apenas um prólogo para o verdadeiro encontro, que tanto desejava.

Houve uma tremenda explosão na nave avariada. O solo tremeu e os ecos ressoaram pela floresta, assustando os pássaros e levando-os a alçar vôo das árvores. Subiram numa nuvem que escureceu o sol por um instante, mas ninguém prestou atenção na clareira em que se encontravam os terráqueos. . .

Moray estava deitado no solo macio e arado da horta, escutando com um profundo conhecimento interior o suave crescimento das plantas fincadas na terra. Parecia-lhe, naqueles momentos de percepção expandida, que podia ouvir a relva e folhas crescendo, que algumas das plantas transplantadas da Terra se queixavam, choravam, agonizavam, enquanto outras, naquele solo estranho, vicejavam e mudavam, as células internas se alterando e transformando, como era necessário para se adaptarem e

sobreviverem. Ele não seria capaz de traduzir nada disso em palavras e, como um homem pragmático e materialista, jamais acreditaria racionalmente em PES. Contudo, com os centros desusados de seu cérebro estimulados pela estranha loucura do momento, ele não tentava racionalizar ou acreditar. Apenas sabia e aceitava o conhecimento, tinha certeza de que nunca mais o deixaria.

O Padre Valentine foi despertado pelo sol elevando-se sobre a clareira. A princípio, atordoado, ainda repleto com a estranha percepção, ficou sentado, contemplando admirado o sol e as quatro luas, que podia ver nitidamente, por um jogo de luz ou por causa dos sentidos tão aguçados, no amanhecer violeta: verde, violeta, pérola-alabastro e azul-pavão. E, depois, a memória envolveu-o. Horrorizado, viu os tripulantes espalhados ao seu redor, ainda em sono profundo, exaustos. Todo o horror insuportável do que fizera, naquelas últimas horas de escuridão e anseios animais, aflorou numa mente muito confusa e hiperestimulada para sequer ter consciência da própria loucura.

Um dos tripulantes tinha uma faca no cinto. O pequeno sacerdote, lágrimas escorrendo pelo rosto, pegou-a e começou a eliminar todas as testemunhas de seu pecado, murmurando para si mesmo as frases da extrema-unção enquanto observava o sangue jorrar...

Foi o vento, pensou MacAran. Heather estava certa; era alguma coisa no vento. Alguma substância, transportada pelo ar, poeira ou pólen, que causava aquela loucura. Já a conhecera antes e desta vez tinha alguma noção do que acontecia; o suficiente para trabalhar durante os estágios iniciais, arrebatado apenas pelos ataques recorrentes de súbito pânico ou euforia, trancando armas, munição, venenos do hospital ou do laboratório químico. Sabia que Heather e Ewen faziam a mesma coisa, numa extensão limitada, no hospital. Mesmo assim, sentia-se atordoado pelo horror do último dia e noite; e quando a noite caiu, sabendo racionalmente que um homem meio são poderia fazer muito pouco contra duzentos homens e mulheres completamente enlouquecidos, foi se esconder na floresta, apegando-se desesperado à sanidade, contra as ondas

recorrentes de loucura que o envolviam. Aquele planeta amaldiçoado! Aquele mundo amaldiçoado, com os ventos da loucura que sopravam das colinas altas, uma loucura voraz, que dominava tanto homens quanto animais. Um vento-fantasma, um vento-espírito, que a tudo dominava, semeando a loucura e o terror!

O comandante está certo. Temos de escapar deste mundo. Ninguém pode sobreviver aqui, nada humano, somos vulneráveis demais. . .

Ele sentiu uma ansiedade desesperada por Camilla. Naquela noite desvairada de estupro, assassinato, terror, pânico fora de controle, batalha brutal e destruição, onde ela estaria? Sua busca inicial por Camilla fora infrutífera, embora tentasse, consciente dos sentidos aguçados, "escutar" da estranha maneira que lhe permitira na montanha localizá-la infalivelmente, através da nevasca. Mas seu próprio medo agia como estática, turvando um receptor sensível; podia senti-la, mas onde? Ela teria se escondido, como ele depois de compreender a inutilidade da busca, apenas tentando escapar à loucura dos outros? Fora dominada pela luxúria e a frenética euforia sensual de alguns dos outros, envolvera-se em algum dos grupos que procuravam loucamente o prazer, indiferentes a tudo o mais? O pensamento era agonia para MacAran, mas também a alternativa mais segura. Era a única alternativa suportável — de outra forma o pensamento de que Camilla poderia ter encontrado algum tripulante enlouquecido e assassino antes que as armas estivessem trancadas, o pavor de que ela pudesse ter corrido para a floresta numa recorrência do pânico e ali fora atacada e morta por algum animal, poderia levá-lo à insanidade total.

Sua cabeça zumbia e ele cambaleava, enquanto atravessava a clareira. Junto de arbustos perto do córrego avistou corpos imóveis — mortos, feridos ou saciados, não dava para saber. Uma rápida verificação revelou que Camilla não estava ali, e ele continuou. O chão parecia se transformar em rocha sob seus pés, e precisava de toda a sua concentração para não sair correndo loucamente entre as árvores, procurando. . . procurando. . . ele fez um esforço para retornar à consciência de sua busca e seguiu em frente.

Não estava no centro de recreação, onde os membros da Comuna das Novas Hébridas esparramavam-se em sono exausto ou tocavam distraídos os instrumentos musicais. Não estava no hospital, onde uma nevasca de papel indicava o lugar em que alguém delirara com os registros médicos. . . abaixe, pegue um punhado de pedaços de papel, deixe escorrer entre os dedos como neve caindo, deixe turbilhonar ao vento. . . MacAran nunca soube quanto tempo ficou parado ali, escutando o vento e contemplando as nuvens de papel, antes que a onda de loucura tornasse a retroceder, como um maremoto, arrastando e sugando tudo que encontrava na praia. Mas o sol estava encoberto por nuvens rápidas e o vento era gelado quando ele se recuperou e começou, numa onda de pânico, a procurar em todos os cantos por Camilla.

Entrou finalmente no domo do computador, encontrando-o na escuridão. (O que acontecera com as luzes? Aquela explosão apagara todas, desligara todos os controles de energia da nave!). Pensou a princípio que estava deserto. E depois, à medida que os olhos se ajustaram à escuridão, divisou sombras indefinidas no canto; o Comandante Leicester e... isso mesmo, Camilla, ajoelhada ao lado, segurando sua mão.

Àquela altura, ele encarava como um fato corriqueiro que podia de fato ouvir os pensamentos do comandante. Por que eu nunca a vi realmente antes, Camilla! MacAran ficou espantado e, numa pequena parte sã de sua mente, envergonhado com a onda de emoção primitiva que o dominou, uma raiva incontrolável que aflorava nele e bradava: Esta mulher é minha!

Adiantou-se, erguendo-se na ponta dos pés, sentindo a garganta inchar, os lábios repuxados, os dentes à mostra, soltando um rosnado sem palavras. O Comandante Leicester levantou-se de um pulo e enfrentou-o, desafiador. Com aquela estranha sensibilidade aguçada, MacAran teve consciência do erro que o comandante cometia. . .

Outro louco, preciso proteger Camilla contra ele, ainda posso cumprir esse dever por minha tripulação... e o pensamento coerente foi sufocado por um ímpeto de raiva e desejo. O que deixou MacAran enlouquecido. Leicester agachou-se e pulou para ele, os dois caíram,

engalfinhados, rugindo do fundo de suas gargantas, num combate primitivo. MacAran ficou por cima e, num relance, viu que Camilla se recostava tranqüilamente na parede, os olhos dilatados e ansiosos. Compreendeu que ela estava excitada pela visão de homens brigando e aceitaria — passivamente, sem se importar — o que triunfasse na luta... E foi então que outra onda de sanidade invadiu MacAran. Desvencilhou-se do comandante, fazendo um esforço para levantar. E disse, em voz baixa, urgente:

— Senhor, isso é um absurdo. Se lutar, poderá resistir. Tente, senhor, faça um esforço para permanecer são. . .

Mas Leicester, rolando para um lado, livre agora, tratou de se levantar, rosnando de raiva, os lábios salpicados de espuma, os olhos desfocados e desvairados. Baixando a cabeça, ele arremeteu para MacAran com toda força. Bastante controlado agora, Rafe recuou. E disse, pesaroso:

— Sinto muito, Comandante.

Um único golpe, bem dirigido, acertou o queixo de Leicester, derrubando o homem enlouquecido, sem sentidos.

MacAran contemplou-o por um momento, a raiva se desvanecendo como água escoando pelo ralo. Aproximou-se de Camilla e ajoelhou ao seu lado. Ela fitou-o e sorriu, e de repente, de uma maneira que ele não podia mais duvidar, tornaram a fazer contato. MacAran murmurou, gentilmente:

— Por que não me disse que estava grávida, Camilla? Eu teria me preocupado, mas isso me deixaria feliz também.

Não sei. A princípio tive medo, não podia aceitar; mudaria demais a minha vida.

Mas não se importa agora? Ela disse em voz alta:

— Não, não me importo, não neste momento, mas as coisas estão muito diferentes agora. Posso mudar outra vez.

— Então não é uma ilusão — disse MacAran. — Estamos mesmo lendo as mentes um do outro.

— Claro. — Camilla estava imóvel, com um sorriso sereno. — Não sabia disso?

Era mesmo claro, pensou MacAran; é por isso que os ventos trazem a loucura.

O homem primitivo na Terra devia ter PES, toda a gama de poderes psíquicos, como uma força de sobrevivência de reserva. Não apenas explicaria a convicção persistente neles, contra as provas mais ínfimas, mas também explicaria a sobrevivência onde a mera sapiência não podia ser responsável. Um ser frágil, o homem primitivo não poderia sobreviver sem a capacidade de saber (com sua visão mais turva que a das aves, a audiência menos de um décimo que a de qualquer cão ou carnívoro) onde podia encontrar comida, água, abrigo; como evitar os inimigos naturais. Mas, à medida que desenvolveu a civilização e a tecnologia, esses poderes fora de uso se perderam. O homem que anda pouco perde a capacidade de correr e escalar; contudo, os músculos existem e podem ser desenvolvidos, como cada atleta e artista de circo aprende. O homem que confia em cadernos de anotações perde a capacidade dos velhos bardos, de memorizar longas epopéias e genealogias. Mas durante todos aqueles milênios os antigos poderes psíquicos permaneceram latentes em seus genes e cromossomos, em seu cérebro. . . e algum elemento químico no estranho vento (pólen? poeira? vírus?) os estimulara de novo.

Loucura, portanto. O homem, acostumado a usar apenas cinco dos seus sentidos, bombardeado por novos dados dos outros que não eram usados, o cérebro primitivo também estimulado ao máximo, não podia suportar e reagia - alguns pela perda total e terrível da inibição; alguns com êxtase; alguns com a recusa cega em encarar a verdade.

Se queremos sobreviver neste mundo, então devemos aprender a escutar; a encarar; a usar, não a combater.

Camilla pegou sua mão e disse em voz alta, suavemente:

— Escute, Rafe, o vento está cessando; choverá em breve e tudo isso acabará. Podemos mudar... eu posso mudar de novo com o vento, Rafe. Vamos aproveitar o fato de estarmos juntos agora... enquanto podemos.

A voz parecia tão triste que MacAran quase chorou. Em vez disso, porém, pegou a mão de Camilla e os dois deixaram o domo em silêncio. Ela parou na porta por um instante, retirou a mão gentilmente e voltou. Inclinou-se para o comandante, ajeitou o

blusão enrolado sob sua cabeça, ajoelhou-se ao seu lado, beijou-o no rosto. Depois se levantou e voltou para Rafe, agarrando-se a ele, tremendo suavemente com as lágrimas não derramadas, enquanto saíam do domo.

\* \* \*

As brumas se acumularam no alto das encostas e uma chuva fina começou a cair. As pequenas criaturas peludas de olhos vermelhos, como se despertassem de um longo sonho, olharam frenéticas ao redor e correram para a segurança de seus caminhos nas árvores e abrigos de galhos e vime entrelaçados. Os animais brincando nos vales gritaram suavemente em confusão e fome, abandonaram a diversão e corridas, voltaram a pastar calmamente ao longo dos córregos. E, como se despertassem de pesadelos longos e confusos, os homens da Terra, sentindo a chuva em seus rostos, os efeitos do vento se dissipando em suas mentes, despertaram e descobriram que, em muitos casos, o pesadelo era terrivelmente real.

O Comandante Leicester recuperou a consciência lentamente, no domo do computador deserto, ouvindo os ruídos da chuva cair na clareira lá fora. Os maxilares doíam; encontrou a maior dificuldade para se levantar, passou a mão pelo rosto, pesaroso, lutando para recuperar a memória dos estranhos e confusos pensamentos das últimas trinta e seis horas. O rosto estava com a barba por fazer, o uniforme sujo e amarfanhado. Memória? Ele sacudiu a cabeça, aturdido; sentiu dor e comprimiu as mãos contra as têmporas que latejavam.

Fragmentos afloraram em sua mente, meio reais, como um longo sonho. Tiros e uma briga; o rosto meigo de uma jovem ruiva, a lembrança inconfundível de seu corpo, nu e acolhedor... fora real ou apenas uma fantasia delirante? Uma explosão que sacudira a clareira... a nave? Sua mente ainda se encontrava muito nebulosa para saber o que fizera ou para onde fora depois disso, mas lembrava-se de ter voltado para aquele lugar e encontrado Camilla sozinha, claro que ela protegeria o computador, como a galinha



protege o pinto. Uma lembrança vaga de um longo tempo com Camilla, segurando sua mão, enquanto ocorria uma comunhão estranha e profunda, intensa e completa, íntima, mas de certa forma não sexual, embora houvesse isso também — ou essa parte era ilusão, memória confusa da moça ruiva cujo nome ignorava? — as estranhas canções que ela cantara, outro ímpeto de medo e sentimento protetor, uma explosão em sua mente, depois a escuridão e o sono.

A sanidade voltou, uma lenta ascensão, em recuo do pesadelo. O que acontecera com a nave, a tripulação, os outros, naquele tempo de loucura? Ele não sabia. Mas era melhor descobrir. Recordava vagamente que alguém fora baleado, antes que ele assumisse um comportamento aberrante... ou isso também seria parte da loucura? Apertou o botão pelo qual chamava os guardas da nave, mas não houve resposta. Percebeu que as luzes também não funcionavam. Então alguém desligara as fontes de energia, na loucura. Quais seriam os outros danos? Era melhor sair e verificar. Mas onde estava Camilla?

Naquele momento ela se desvencilhava de Rafe, relutante, dizendo gentilmente:

— Preciso ir embora para verificar que danos a nave sofreu, querido. E saber também o que aconteceu com o comandante. Não se esqueça de que ainda sou parte da tripulação. Nosso tempo acabou... pelo menos por enquanto. Haverá muita coisa para todos nós fazermos. Preciso procurar o comandante... eu sei, eu sei, mas também o amo, não como a você... estou aprendendo muita coisa sobre o amor, meu querido, e ele pode estar ferido.

Ela atravessou a clareira sob a chuva, que começava a se misturar com neve. Espero que alguém encontre algum tipo de animal peludo, pensou Camilla. As roupas projetadas para a Terra não agüentariam um inverno aqui. Era um pensamento bastante rotineiro, no fundo de sua mente, enquanto entrava no domo escuro.

— Onde esteve, tenente? - perguntou o comandante, a voz pastosa. — Tenho uma estranha impressão de que lhe devo uma desculpa, mas não consigo lembrar por quê.

Camilla correu os olhos pelo domo rapidamente, avaliando os danos.

— Não tem sentido me chamar de tenente aqui, pois antes me tratava por Camilla... antes de pousarmos aqui.

— Onde estão todos, Camilla? Posso supor que foi a mesma coisa que atingiu vocês nas montanhas?

— Acho que sim. Creio que muito em breve estaremos atolados até as orelhas nas conseqüências. - Ela estremeceu. - Estou assustada, Comandante. . .

Ela fez uma pausa, com um estranho sorriso, antes de acrescentar:

— Nem mesmo sei seu nome.

— É Harry - respondeu o Comandante Leicester, distraído, os olhos fixos no computador.

Soltando uma súbita exclamação, Camilla adiantou-se. Encontrou uma das velas de resina distribuídas para a iluminação e acendeu-a, levantando-a para examinar o painel de controle.

Os bancos principais de memória eram protegidos por placas contra poeira, avarias, apagamento acidental e interferência. Ela pegou uma ferramenta e começou a soltar as placas, com uma pressa frenética. O comandante aproximou-se, contagiado por sua atitude de urgência, e disse:

— Pode deixar que eu seguro a vela.

Depois que ele a pegou, Camilla passou a trabalhar ainda mais depressa, murmurando:

— Alguém mexeu nas placas, Comandante. Não gosto disso... Uma placa protetora se soltou, e ela ficou olhando atentamente, o rosto empalidecendo lentamente, as mãos baixando, em horror e consternação.

— Sabe o que aconteceu — ela balbuciou, a voz prendendo na garganta. — É o computador. Pelo menos metade dos programas... talvez mais... foi apagada. Eliminada. E sem o computador...

— Sem o computador — acrescentou o Comandante Leicester, lentamente - a nave não passa de algumas toneladas de ferro-velho. Estamos liquidados, Camilla. Encalhados aqui para sempre.

## Capítulo Dez

Muito acima da floresta, num abrigo de vime entrelaçado e folhas, a chuva caindo suavemente lá fora, Judy repousava numa espécie de estrado coberto por um tecido macio, absorvendo, não apenas com palavras, o que o belo alienígena de olhos prateados tentava lhe dizer.

A loucura também se abate sobre nós e me sinto profundamente pesaroso por ter me intrometido na vida de seu povo dessa maneira. Houve um tempo — não agora, mas perdido em nossa história — em que o nosso povo viajava, como o seu faz agora, pelas estrelas. É possível até que todos os homens tenham o mesmo sangue, remontando ao princípio dos tempos, e que vocês também sejam nossos irmãos, como o povo peludo das árvores. E na verdade tudo indica que assim é, já que nós dois nos encontramos sob a loucura do vento e agora você tem essa criança. Não é que eu lamente. . .

Um toque leve como uma pena em sua mão, não mais do que isso, mas Judy sentiu que jamais conhecera algo tão terno quanto os olhos tristes do alienígena.

Agora, sem a loucura em meu sangue, sinto apenas um profundo pesar por você, minha pequena. Nenhum dos nossos poderia gerar uma criança na solidão, mas você deve voltar para seu povo. Não poderíamos cuidar de você. Não suportaria o frio nos lugares em que habitamos mesmo no auge do verão e no inverno morreria com toda certeza, minha criança.

Todo o ser de Judy se projetou num grito de angústia: Nunca mais tornarei a vê-lo?

Só posso entrar em contato com você tão claramente em ocasiões como esta, veio a resposta, embora sua mente esteja mais aberta para mim do que antes. As mentes de seu povo são como portas parcialmente fechadas. Seria mais sensato para mim deixá-la partir agora, para você nunca recordar o tempo de loucura, mas... Um longo silêncio, um suspiro profundo. Não posso, não posso, como poderia deixá-la partir e nunca saber...

O estranho alienígena estendeu a mão, pegando e puxando a pedra pendurada no pescoço de Judy por uma corrente fina. Usamos essas pedras — às vezes — para o treinamento de nossas crianças. Adultos, não precisamos. Foi um presente de amor para você; talvez um ato de loucura, talvez insensato, meus superiores certamente diriam isso. Mas se sua mente permanecer bastante aberta para dominar a pedra, talvez eu possa entrar em contato com você às vezes, saber que está tudo bem com você e a criança.

Ela olhou para a pedra, que era azul, como uma safira astéria, com pequenas pintas de fogo internas, apenas por um instante; depois tornou a fixar o ser alienígena. Mais alto do que um humano, com enormes olhos cinza-claros, quase prateados, pele clara e feições delicadas, dedos compridos e esguios, pés descalços apesar do frio intenso, cabelos compridos, quase incolores, flutuando como seda leve pelos ombros; estranho e bizarro, mas belo, com uma beleza que impressionava a mulher a ponto de lhe causar angústia. Com infinita ternura e tristeza, o alienígena inclinou-se e comprimiu-a por um instante contra seu corpo delicado. Judy sentiu que isso era uma coisa excepcional, uma coisa estranha, uma concessão a seu desespero e solidão. Claro. Uma raça telepática teria pouco uso para manifestações assim.

E agora você deve partir, minha pobre pequena. Eu a levarei até a beira da floresta, o Povo Pequeno a guiará em seguida. (Temo o seu povo, eles são violentos e selvagens e suas mentes... suas mentes estão fechadas...)

Judy ficou olhando para o estranho, seu próprio pesar pela despedida se toldando na percepção do medo e angústia do outro.

— Eu compreendo — ela sussurrou.

O rosto do alienígena relaxou um pouco.

Tornarei a vê-lo?

Há muitas possibilidades, tanto para o bem quanto para o mal, criança. Só o tempo sabe, nada posso prometer. Com movimentos gentis, ele envolveu-a com o manto forrado de pele. Judy balançou a cabeça, tentando reprimir as lágrimas; só depois que ele desapareceu na floresta é que ela perdeu o controle e chorou,

seguindo o pequeno alienígena peludo que viera para conduzi-la pelas trilhas estranhas.

\* \* \*

— Você é o suspeito lógico - disse o Comandante Leicester, asperamente. — Jamais escondeu que não quer deixar este planeta e a sabotagem do computador significa que será feita a sua vontade, nunca mais poderemos partir.

— Não, Comandante, está completamente enganado. — Moray fitou-o nos olhos sem vacilar. - Eu sempre tive certeza de que nunca deixaríamos este planeta. Reconheço que me ocorreu, durante o... Como podemos chamar? Durante o delírio coletivo? Isso mesmo; ocorreu-me durante o delírio coletivo que talvez fosse uma boa coisa se o computador deixasse de funcionar, pois isso o obrigaria a parar de fingir que podíamos reparar a nave...

— Eu não estava fingindo — protestou o comandante, a voz fria. Moray deu de ombros.

— Palavras não têm mais importância. Muito bem, eu queria obrigá-lo a parar de se iludir a respeito e se empenhar no problema mais sério da sobrevivência. Mas não sou o culpado. Para ser franco, poderia ter feito, se me ocorresse, mas não sei distinguir um lado do computador de outro. . . não saberia como deixá-lo fora de ação. Imagino que poderia tê-lo explodido... sei que ouvi a explosão... mas acontece que nesse momento eu estava deitado na horta... Ele fez uma pausa, rindo subitamente.

— ... divertindo-me a valer com um pé de repolho ou coisa parecida.

Leicester franziu o rosto.

— Ninguém explodiu o computador ou deixou-o fora de ação. Apenas apagaram os programas. Qualquer pessoa instruída poderia fazer isso.

— Qualquer pessoa instruída e com conhecimentos de uma nave estelar, talvez - disse Moray. - Comandante, não sei como convencê-lo, mas sou um ecologista, não um técnico. Não sou capaz sequer de formular um programa de computador. Mas se o

computador não está pifado, por que tanta confusão? Não pode reprogramá-lo ou qualquer que seja a palavra que costumam usar? As fitas ou o que quer que seja usado são insubstituíveis?

Leicester ficou abruptamente convencido. Moray não sabia mesmo. E disse, secamente:

— Para sua informação, o computador continha cerca da metade da soma total de conhecimento humano sobre física e astronomia. Mesmo que em minha tripulação houvesse quatro dúzias de titulares do Real Colégio de Astronomia de Edinburgh, precisaríamos de trinta anos só para reprogramar os dados de navegação. E não estou nem contando os programas médicos... ainda não os verificamos... ou qualquer outro do material da biblioteca da nave. Considerando tudo, a sabotagem do computador é um vandalismo humano pior do que o incêndio da biblioteca de Alexandria.

— Só posso repetir que não fui eu e não sei quem foi. Procure por alguém em sua tripulação com os conhecimentos técnicos. — Moray soltou uma risada seca, em que não havia qualquer divertimento. — E alguém que fosse capaz de manter o controle por tempo suficiente. Os médicos já descobriram o que nos atingiu?

Leicester deu de ombros.

— O melhor palpite que ouvi até agora é de que era um pó transportado pelo ar, contendo algum violento alucinógeno. Ainda não foi identificado e provavelmente não será até que a situação no hospital se acalme um pouco.

Moray balançou a cabeça. Sabia que o comandante acreditava nele agora e, na verdade, não estava muito satisfeito com a destruição do computador. Enquanto todos os esforços de Leicester se concentrassem na tentativa de administrar os reparos da nave, era improvável que houvesse alguma interferência nas providências de Moray para garantir a sobrevivência da colônia. Agora, sendo um comandante sem uma nave, era bem possível que ele se intrometesse na maneira como enfrentavam um mundo novo. Pela primeira vez, Moray compreendeu a velha piada sobre a frota espacial:

"Não se pode aposentar um comandante de uma nave estelar. É preciso abatê-lo a tiros."

O pensamento provocou-lhe medos perigosos. Moray não era um homem violento, mas durante as trinta e seis horas do estranho vento descobrira profundezas suas angustiantes e de que não desconfiava. Talvez alguém mais pense nisso na próxima vez... o que me leva a ter tanta certeza de que haverá uma próxima vez? Ou talvez eu mesmo pense; como posso ter qualquer certeza agora?

Virando-se, como se assim pudesse escapar ao pensamento indesejável, ele perguntou:

— Já tem algum relatório sobre os danos?

— Dezenove mortos... não há relatórios médicos, mas pelo menos quatro pacientes no hospital morreram por negligência - respondeu Leicester, bruscamente. — Dois suicídios. Uma jovem cortou-se e sangrou até a morte usando um vidro quebrado, mas provavelmente foi acidente em vez de suicídio. E... imagino que já soube do Padre Valentine.

Moray fechou os olhos.

— Ouvi falar dos assassinatos. Não estou a par dos detalhes.

— Duvido que alguém vivo esteja — disse Leicester. — Ele próprio não sabe e provavelmente não saberá se o Chefe Di Asturien não quiser lhe dar um calmante ou algo parecido. Tudo o que sei é que de alguma forma ele envolveu-se com um grupo de tripulantes que estavam se divertindo... uma diversão sexual... lá na beira do rio. As coisas se tornaram desvairadas. Depois que a primeira onda se dissipou um pouco, ele compreendeu o que estivera fazendo, aposto que não foi capaz de enfrentar e começou a cortar gargantas.

— Quer dizer que ele foi um dos suicidas? Leicester sacudiu a cabeça.

— Não. Calculo que ele recuperou a consciência a tempo de compreender que o suicídio também seria um pecado mortal. Estranho... Acho que estou me tornando calejado para os horrores desse seu maravilhoso planeta paradisíaco... tudo o que posso pensar agora é que ele teria poupado muitos problemas se fosse em frente e consumasse o suicídio. Agora terei de julgá-lo por homicídio

e depois decidir ou fazer as pessoas decidirem se temos ou não a pena capital aqui. Moray sorriu, desolado.

— Por que se incomodar? Que outro veredicto poderia haver que não o de insanidade temporária!

— Por Deus, você tem toda razão! - exclamou Leicester, passando a mão pela testa.

— Vamos falar sério, Comandante. Podemos ter de enfrentar isso outra vez, muitas outras vezes. Pelo menos até descobrirmos a causa. Sugiro que desarme imediatamente os homens da Segurança; o primeiro sinal ocorreu quando um guarda atirou numa moça e depois num colega. Sugiro que, se tivermos outra noite sem chuva, que sejam trancadas todas as armas letais, facas de cozinha, instrumentos cirúrgicos e assim por diante. Provavelmente não evitará todos os problemas, já que não é possível guardar todas as pedras e pedaços de pau do planeta. Veja o que lhe aconteceu: alguém evidentemente esqueceu quem era e o agrediu.

Leicester coçou o queixo.

— Acreditaria que briguei por uma mulher, na minha idade?

Pela primeira vez os dois sorriram um para o outro, com os primórdios de uma simpatia mútua, que logo retrocedeu.

— Pensarei em suas sugestões — disse Leicester. — Não será fácil.

— Nada aqui será fácil, Comandante — respondeu Moray, sombriamente. — Mas tenho o pressentimento de que, se não iniciarmos uma campanha profunda por uma ética de não-violência... uma ética que resista mesmo sob uma pressão como o delírio coletivo... nenhum de nós conseguirá sobreviver ao verão.



## Capítulo Onze

Os dias do vento haviam poupado a horta, pensou MacAran. Talvez algum instinto de sobrevivência profundo dissesse aos colonos enlouquecidos que ali estava sua salvação.- Os reparos no hospital estavam sendo realizados e equipes recrutadas para trabalho manual retiravam coisas da nave. Moray deixara amargamente claro que por muitos anos aquela seria a única reserva de metal para ferramentas e implementos. Pouco a pouco, o interior da grande nave estelar ia sendo canibalizado; móveis dos alojamentos e áreas de recreação eram removidos e convertidos para uso nos prédios de dormitório e comunitário, ferramentas da oficina de reparos, utensílios da cozinha e até da ponte de comando eram inventariados por grupos de escriturários. MacAran sabia que Camilla andava ocupada, verificando o computador para descobrir que programas permaneciam intactos. Até os implementos menores, canetas esferográficas e cosméticos para as mulheres nos suprimentos da cantina, tudo era inventariado e racionado. Quando aqueles suprimentos da cultura da Terra, de orientação tecnológica, se esgotassem, não haveria mais, e Moray dissera que já se projetavam substitutos para uma transição ordenada.

A clareira exibia uma curiosa mistura, refletiu MacAran; os pequenos domos construídos com plástico e fibra, avariados na nevasca e consertados com madeiras locais mais resistentes; as pilhas de máquinas complexas, cuidadas e guardadas por tripulantes uniformizados, sob o comando do engenheiro-chefe Patrick; o pessoal da Comuna das Novas Hébridas trabalhando — por sua própria escolha, MacAran sabia — na horta e na floresta.

Ele tinha dois papéis na mão - o hábito antigo de despachar memorandos ainda persistia; calculava que a redução dos suprimentos de papel acabaria por eliminá-lo. Pelo que seriam substituídos? Sistemas de campainhas codificados para cada pessoa, como havia em algumas grandes lojas de departamentos para atrair a atenção de alguém em particular? Mensagens verbais? Ou conseguiriam descobrir alguma maneira de fabricar papel com

produtos locais e manteriam o apoio de muitos séculos nos memorandos escritos? Um dos papéis lhe dizia para se apresentar no hospital, a fim de fazer o que era classificado de exame de rotina; o outro pedia que se apresentasse no gabinete de Moray para análise de trabalho e distribuição de tarefas.

De um modo geral, o anúncio de que o computador estava inútil e a nave tinha de ser abandonada fora recebido sem muito clamor. Um ou outro tripulante murmurara que o responsável deveria ser linchado, mas no momento não havia como descobrir quem apagara as fitas de navegação do computador ou quem dinamitara uma das câmaras de propulsão com uma bomba improvisada. A suspeita da explosão recaía, como não podia deixar de ser, num tripulante que recentemente solicitara admissão na Comuna das Novas Hébridas e cujo corpo mutilado fora encontrado no interior da nave, perto do local; e todos se contentaram em parar as investigações por aí.

MacAran desconfiava que a tranqüilidade era temporária, uma conseqüência do choque; mais cedo ou mais tarde haveria novas tempestades, mas por enquanto todos aceitavam a necessidade urgente de união para reparar os danos e assegurar a sobrevivência contra os rigores insuspeitados do inverno desconhecido. O próprio MacAran não sabia direito como se sentia, mas de qualquer forma já se encontrava disposto para uma colônia e secretamente parecia-lhe que podia ser mais interessante colonizar um planeta "selvagem" do que outro já muito ajustado e reformado pela Força Expedicionária da Terra. Mas ele não estava preparado para ser isolado da civilização da Terra - não haveria naves estelares, nenhum contato ou comunicação com o resto da Galáxia, talvez por muitas gerações, talvez para sempre. E isso doía. Ele ainda não aceitara; sabia que podia nunca aceitar.

Ele entrou no prédio em que ficava o gabinete de Moray, leu o aviso na porta (NÃO BATA, ENTRE) e entrou para encontrar Moray conversando com uma jovem desconhecida que devia ser, pelos trajes, da Comuna das Novas Hébridas.

— Claro, claro, minha cara, sei que você quer ser designada para trabalhar na horta, mas sua ficha indica que trabalhou em arte

e cerâmica e precisaremos de seus conhecimentos nessa área. Sabia que o primeiro ofício desenvolvido em quase todas as civilizações é o de ceramista? Além do mais, não houve um relatório de que você está grávida?

— Houve, sim. A Cerimônia de Anúnciação para mim foi ontem. Mas nossa gente sempre trabalha quase até o parto.

Moray sorriu.

— Fico contente por saber que você se sente bastante bem para continuar a trabalhar. Mas as mulheres nas colônias nunca têm permissão para realizarem trabalhos manuais pesados.

— O Artigo Quatro. . .

— O Artigo Quatro foi projetado para a Terra, para as condições da Terra — interrompeu-a Moray, com uma expressão sombria. — Deve pensar melhor nas condições de vida em outros planetas, com outra gravidade, diferentes conteúdos de luz e oxigênio, Alarma. Este planeta é um dos privilegiados, com bastante oxigênio e pouca gravidade; assim, não haverá bebês com anoxia ou com a síndrome da pressão. Mas mesmo nos melhores planetas a simples mudança já é perigosa e constitui uma estatística terrível para uma população tão reduzida quanto a nossa. Metade das mulheres permanece estéril de cinco a dez anos, metade das mulheres férteis aborta por um período de cinco a dez anos. E metade das crianças que nascem vivas morre antes de completar um mês, num período de cinco a dez anos. As mulheres das colônias precisam ser mimadas, Alanna. Coopere ou será submetida a sedativos e internada no hospital. Se quer ser uma das afortunadas com um bebê vivo e saudável, em vez de morto, deve cooperar... e começar agora.

Depois que ela se retirou, com um memorando para o hospital, parecendo atordoada e chocada, MacAran tomou seu lugar por trás da mesa atravancada. Moray fez uma careta.

— Presumo que ouviu tudo. Gostaria de ter meu cargo. . . apavorar as moças grávidas?

— Não.

MacAran pensou em Camilla, também grávida. Portanto, ela não estava estéril. Mas havia uma possibilidade em duas de que

abortasse... e depois uma possibilidade de cinquenta por cento de que a criança morresse. Eram estatísticas sinistras e provocaram-lhe um calafrio de horror. Camilla teria sido avisada? Sabia de tudo? Estaria cooperando? Ele não tinha como saber; ela se mantinha trancada com o comandante, trabalhando com o computador, durante a metade dos últimos dez dias. Moray disse, franzindo o rosto:

— Desça das nuvens. Você é um dos afortunados, MacAran... não está tecnologicamente desempregado.

— Como?

— É um geólogo e precisamos que trabalhe naquilo para que foi treinado. Ouviu-me dizer a Alanna que uma das primeiras indústrias de que precisamos, o mais depressa possível, é a de cerâmica. E para a cerâmica precisamos de caulim ou um bom substituto. Também precisamos de pedras para construções confiáveis... precisamos de concreto ou cimento de alguma espécie... além de calcário ou alguma outra coisa com as mesmas propriedades; e também de silicatos para vidro, minérios diversos... em suma, o que precisamos é de um levantamento geológico desta parte do planeta, e tem de ser antes que o inverno comece. Você não é prioridade um, Mac... mas está na categoria dois ou três. Pode formular um plano para avaliação e exploração em um ou dois dias e me informar quantos homens vai precisar para a coleta e teste de amostras?

— Posso, sim, será relativamente fácil. Mas pensei que havia dito que não poderíamos tentar uma civilização tecnológica...

— E não podemos... ou pelo menos não como o Engenheiro Patrick usa a palavra. Não há indústria pesada. Não há transporte mecanizado. Mas não existe uma coisa que se possa chamar de civilização não-tecnológica. Até mesmo os homens das cavernas tinham tecnologia... fabricavam instrumentos de pedra, ou será que nunca viu um dos seus centros de produção? O homem é um usuário de ferramentas... um técnico. Nunca tive qualquer noção de que começaríamos como selvagens. A questão é outra: que tecnologias podemos absorver, especialmente durante as três ou quatro primeiras gerações?

— Planeja com tanta antecedência?

— Tenho de fazê-lo.

— Disse que meu trabalho não é a primeira prioridade. Qual é a primeira?

— Alimentos — respondeu Moray, realista. — Mais uma vez, estamos com sorte. O solo é arável aqui... embora eu desconfie que apenas precariamente, o que exigirá o uso de fertilizantes e adubo composto... e a agricultura é possível. Já conheci planetas em que a prioridade de obtenção de alimentos consumiria tanto tempo que até mesmo os ofícios mínimos teriam de ser adiados por duas ou três gerações. A Terra não os coloniza, mas poderíamos ter enalhado em algum. Pode até haver animais domesticáveis aqui; MacLeod já está cuidando disso. A segunda prioridade é providenciar abrigos... e, por falar nisso, verifique as encostas inferiores à procura de cavernas quando fizer sua pesquisa. Podem ser mais quentes do que qualquer coisa que seremos capazes de construir, pelo menos durante o inverno. Depois de alimento e abrigo, vêm os ofícios mais simples... os pequenos confortos da vida: tecelagem, cerâmica, combustível e iluminação, roupas, música, instrumentos agrícolas, móveis. Já tem uma noção do quadro geral, MacAran. Comece agora a planejar sua pesquisa e designarei homens suficientes para realizá-la.

Ele ofereceu outro dos seus sorrisos tristes e acrescentou:

— Como eu disse, você é um dos afortunados. Esta manhã terei de dizer a um especialista em comunicações no espaço profundo, sem qualquer outro ofício, que seus conhecimentos são absolutamente obsoletos pelo menos por dez gerações e oferecerei-lhe a escolha entre agricultor, carpinteiro e ferreiro.

Enquanto se retirava, MacAran não pôde deixar de pensar outra vez em Camilla. Seria algo assim que estaria reservado para ela? Não, claro que não, qualquer comunidade civilizada devia ter algum proveito para uma biblioteca de informações computadorizadas. Mas será que Moray, com suas prioridades sombrias, compreenderia isso?

Ele encaminhou-se para o hospital, ao meio-dia, sob as sombras violeta, o sol pairando alto e vermelho, como um olho

injetado. À distância, um vulto solitário trabalhava sobre as rochas, construindo uma cerca baixa. Era o Padre Valentine, cumprindo sua penitência. MacAran aceitava, em princípio, a teoria de que a colônia não podia dispensar nenhum par de mãos; que o Padre Valentine podia expiar seus crimes por um trabalho útil mais facilmente do que sendo pendurado pelo pescoço até a morte; e com a lembrança de sua própria loucura a oprimi-lo (como poderia ter matado o comandante sem qualquer hesitação em seu acesso de ciúme!), MacAran não podia sequer encontrar em seu coração o ânimo para esquivar-se ou sentir horror do padre. O julgamento do Comandante Leicester fora digno do Rei Salomão: o Padre Valentine estava obrigado a enterrar os mortos, os que ele matara e os outros, devendo criar um cemitério e construir uma cerca, contra os animais selvagens ou a profanação, erguer um memorial apropriado para a sepultura coletiva dos que haviam perecido no acidente. MacAran não tinha certeza de qual seria o propósito útil de um cemitério, a não ser talvez o de lembrar aos terráqueos como a morte estava próxima da vida e a loucura da sanidade. Mas aquele trabalho manteria o padre afastado dos outros, tripulantes e colonos, que podiam não ter a mesma consciência do quão próximos haviam estado de repetir seu crime, até que a memória misericordiosamente desvanecesse um pouco; e proporcionaria bastante trabalho árduo e penitência para satisfazer as necessidades de punição até do homem mais desesperado.

Por algum motivo, a visão do homem solitário e encurvado tirou de MacAran o ânimo para comparecer ao outro compromisso, no hospital. Ele se afastou na direção da floresta, passando pela horta, onde os colonos das Novas Hébridas cuidavam das longas fileiras de plantas brotando. Alastair, de joelhos, transplantava pequenas mudas verdes de um viveiro; retribuiu ao aceno de MacAran com um sorriso. Eles sentiam-se felizes pelo resultado, aquela vida lhes conviria perfeitamente. Alastair disse alguma coisa ao garoto que segurava a caixa com as mudas, levantou-se e encaminhou-se para MacAran.

— O padrón... Moray... me disse que você vai realizar um trabalho geológico. Quais são as possibilidades de encontrar

materiais para a fabricação de vidro?

— Não sei. Por que pergunta?

— Num clima como este vamos precisar de estufas — disse Alastair - "luz do sol concentrada". Algo para proteger as plantas novas contra as nevascas. Estou fazendo o que posso com folhas de plástico, refletores" de papel laminado e ultravioleta, mas não passa de uma improvisação temporária. Procure também fertilizantes naturais e nitratos. O solo aqui não é muito rico.

— Anotarei tudo — prometeu MacAran. — Você era agricultor por ofício na Terra?

— Não. Mecânico de veículos... especialista em trânsito. — Alastair fez uma careta. — O comandante estava falando em me converter num mecânico espacial para ajudar nos reparos. Acho que deveria rezar todas as noites para a pessoa que explodiu a nave.

— Está certo, tentarei descobrir seus silicatos.

MacAran não pôde deixar de especular em que lugar entraria, nas rigorosas prioridades de Moray, a fabricação de vidro. E o que dizer dos instrumentos musicais? Ele diria que isso era muito importante. Até mesmo os selvagens tinham música e ele não podia imaginar a vida sem instrumentos musical, muito menos, tinha certeza, aqueles membros de uma comunidade que gostava de cantar.

Se o inverno for tão terrível quanto é provável, a música pode nos manter a todos sadios; e aposto que Moray, como o filho da mãe esperto que é, já chegou a essa conclusão.

Como em resposta a seu pensamento, uma das moças trabalhando na horta alteou a voz numa canção lamentosa. Era uma voz profunda e rouca, tinha alguma semelhança com a de Camilla. Era uma canção antiga e triste das Hébridas:

*Minha Caristiona,  
Responderás ao meu chamado?  
Nenhuma resposta esta noite?  
Ah, tanto pesar...  
Ah, minha Caristiona...*

Camilla, por que você não vem para mim, por que não me responde? Responderás a meu chamado... ah, meu pesar...

*Lá no fundo meu coração lamenta,  
Dos olhos escorrem as lágrimas. . .  
Minha Caristiona, responderás a meu chamado?*

Sei que você se sente infeliz, Camilla, mas por que não vem até a mim?

Camilla entrou no hospital devagar e contrariada, segurando a ficha de exame. Era um resquício confortador da rotina da nave, mas ela franziu o rosto, irritada, quando em vez do rosto familiar do médico-chefe Di Asturien (pelo menos ele fala espanhol!) deparou com o jovem Ewen Ross.

— Onde está o Chefe? Você não tem autoridade para examinar o pessoal da nave!

— O Chefe está operando o homem que foi baleado no joelho durante o Vento Fantasma; de qualquer maneira, eu estou no comando dos exames de rotina, Camilla. Qual é o problema? - O rosto jovem e arredondado tinha uma expressão insinuante. — Será que eu não sirvo? Posso lhe garantir que minhas credenciais são maravilhosas. Além do mais, pensei que éramos amigos... companheiros de desgraça do primeiro vento! Não destrua meu amor-próprio!

Contra a sua vontade, ela não pôde conter o riso.

— Ewen, seu patife, você é insuportável. Mas é isso mesmo, creio que não passa de rotina. O Chefe anunciou o fracasso dos anticoncepcionais há dois meses, e parece que fui uma das vítimas. E apenas um caso de aborto.

Ewen assoviou baixinho.

— Lamento, Camilla — disse ele, gentilmente —, mas não será possível.

— Mas estou grávida!

— Então meus parabéns ou qualquer outra coisa. Talvez tenha a primeira criança nascida aqui, a menos que uma das moças da Comuna chegue na sua frente.



Camilla franziu o rosto, sem entender.

— Acho que, no final das contas, terei mesmo de falar com o Chefe. É evidente que você não conhece os regulamentos do Serviço Espacial.

Havia uma profunda compaixão nos olhos de Ewen; compreendia muito bem a situação.

— Di Asturien lhe daria a mesma resposta — ele disse gentilmente. — Tenho certeza de que sabe que nas colônias os abortos só são realizados para salvar uma vida ou evitar o nascimento de uma criança defeituosa demais. . . e nem mesmo tenho certeza se dispomos de instalações aqui para isso. Um alto índice de natalidade é absolutamente indispensável pelo menos nas três primeiras gerações... não sabia que as mulheres não são aceitas como voluntárias pela Força Expedicionária da Terra se não estiverem na idade de gerar e não assinarem um contrato para terem filhos?

— Eu estaria isenta, mesmo assim, embora não seja voluntária para colônia nenhuma — protestou Camilla. — Era da tripulação da nave. E você sabe tão bem quanto eu que as mulheres com formação científica avançada estão isentas... se não fosse assim, nenhuma mulher com uma carreira importante iria para as colônias. Vou lutar contra isso, Ewen! Não aceitarei um parto compulsório! Nenhuma mulher está obrigada a ter um filho!

Ewen sorriu pesaroso para a mulher furiosa.

— Sente-se, Camilla. Seja sensata. Em primeiro lugar, minha querida, o próprio fato de possuir uma formação científica avançada a torna muito preciosa para nós. Precisamos dos seus genes muito mais do que de sua competência. Não precisaremos de conhecimentos como os seus por meia dúzia de gerações... ou mais. Mas os genes de inteligência superior e capacidade matemática devem ser preservados. Não podemos correr o risco de sua extinção.

— Está tentando me dizer que serei obrigada a ter filhos? Como alguma selvagem, um útero ambulante dos planetas pré-históricos? — O rosto dela estava pálido de raiva. - Isso é totalmente inadmissível! Todas as mulheres da tripulação vão protestar quando souberem disso! Faremos uma greve!

Ewen deu de ombros.

— Duvido muito. Antes de mais nada, você interpretou a lei da maneira errada. As mulheres não podem se apresentar como voluntárias para as colônias se não tiverem os genes intactos, estiverem em idade de gerar e assinarem um contrato para terem filhos... mas as mulheres além dessa idade são ocasionalmente aceitas, se possuem formação médica ou científica. Afora isso, o fim de seus anos férteis significa o fim de sua possibilidade de ser aceita para uma colônia... e sabe qual é o tempo de espera para as colônias? Eu esperei quatro anos; os pais de Heather inscreveram-na quando ela tinha dez anos, está agora com vinte e três. As leis de superpopulação da Terra determinam que algumas mulheres permaneçam nas listas de espera por doze anos para terem um segundo filho.

— Não posso imaginar por que se dão a esse trabalho — murmurou Camilla, com evidente repulsa. — Uma criança já deve ser suficiente para qualquer mulher que tenha alguma coisa por cima do pescoço, a menos que seja uma autêntica neurótica, sem nenhum senso independente de amor-próprio.

— Camilla - disse Ewen, ainda mais gentilmente -, trata-se de um problema biológico. Já no século XX eles fizeram experiências com ratos, populações dos guetos e não sei mais o quê, e descobriram que uma das primeiras conseqüências da superpopulação era o colapso do comportamento maternal. É uma patologia. O homem é um animal racional, e por isso os sociólogos chamaram de "Liberação Feminina" e coisas assim; mas no fundo era uma reação patológica à superpopulação. Mulheres que não podiam ter filhos precisavam receber alguma outra incumbência, para resguardar sua saúde mental. Mas isso provoca um desgaste. Quando vão para as colônias, as mulheres assinam um contrato para terem um mínimo de dois filhos; mas a maioria, depois que deixa o aglomeramento da Terra, recupera a saúde mental e emocional, e a família colonial média é de quatro filhos... o que é o certo, em termos psicológicos. Quando a criança nascer, você provavelmente terá também os hormônios normais e será uma boa mãe. Se não,

pelo menos a criança terá seus genes e a entregaremos a alguma mulher estéril para criá-la. Confie em mim, Camilla.

— Está querendo me dizer que serei obrigada a ter esse filho de qualquer maneira?

— Exatamente. - A voz de Ewen tornou-se subitamente dura. — Da mesma forma que as outras. Isto é, desde que possa levar a gravidez até o fim. Há uma possibilidade em duas de que venha a abortar.

Firme, implacável, ele repetiu as estatísticas que MacAran ouvira de Moray naquele mesmo dia.

— Se tivermos sorte, Camilla, contamos agora com cinqüenta e nove mulheres férteis. Mesmo que todas engravidem este ano, teremos sorte se houver doze crianças vivas... e o nível viável para a sobrevivência desta comuna exige que sejamos pelo menos quatrocentas pessoas antes que as mulheres mais velhas comecem a perder a fertilidade. Será muito difícil, e tenho a impressão de que qualquer mulher que se recusar a ter tantos filhos quanto for capaz fisicamente vai se tornar muito impopular. Uma espécie de Inimiga Pública Número Um.

A voz de Ewen era dura, mas, com a sensibilidade aguçada que adquirira desde que o primeiro Vento o abrisse às emoções dos outros, ele absorveu as imagens terríveis que atravessavam a mente de Camilla:

não uma pessoa, apenas uma coisa, um útero ambulante, uma coisa usada para a procriação, minha mente ignorada, meus talentos inúteis... uma mera fêmea para a reprodução...

— Não será tão ruim assim — ele comentou, com profunda compaixão. — Haverá muita coisa para você fazer. Mas é assim que tem de ser, Camilla. Tenho certeza de que é pior para você do que para algumas outras, mas a mesma regra se aplica a todas. Nossa sobrevivência depende disso.

Ewen desviou os olhos; não podia suportar a agonia de Camilla. E ela murmurou, os lábios contraídos numa linha determinada:

— Talvez fosse melhor não sobreviver, em tais condições.

— Não discutirei isso com você enquanto não estiver se sentindo melhor. Não valeria a pena. Marcarei um exame pré-natal para você com Margaret...

— Não farei exame nenhum!

Ewen levantou-se rapidamente. Fez sinal para uma enfermeira por trás de Camilla e segurou seu pulso com firmeza, imobilizando-a. Uma agulha espetou o braço de Camilla; ela fitou-o com uma desconfiança furiosa, os olhos já começando a ficar vidrados.

— O que...

— Um sedativo inofensivo. Os suprimentos são escassos, mas ainda dispomos do suficiente para mantê-la calma. Quem é o pai, Camilla? MacAran?

— Não é da sua conta!

— Concordo, mas preciso saber, para os registros genéticos. O Comandante Leicester?

— MacAran.

Ela sentiu um ímpeto de raiva intensa e, subitamente, com uma angústia corrosiva, recordou... como haviam sido felizes durante os Ventos...

Ewen contemplou o corpo inerte de Camilla com um profundo pesar e disse à enfermeira:

— Chame Rafael MacAran. Ele deve estar presente quando ela despertar. Talvez possa lhe inculcar um pouco de bom senso.

— Como ela pode ser tão egoísta? — indagou a enfermeira, horrorizada.

— Ela foi criada num satélite espacial e na colônia Alfa — explicou Ewen. - Ingressou no Serviço Espacial aos quinze anos e durante toda a sua vida foi persuadida de que ter filhos era uma coisa pela qual não devia se interessar. Mas vai aprender. É apenas uma questão de tempo.

Mas, secretamente, ele especulou quantas mulheres da tripulação reagiriam da mesma maneira — a esterilidade também podia ser determinada por fatores psicológicos - e quanto tempo levaria para se superar aquele medo e aversão condicionados.

Seria mesmo possível, no momento oportuno, elevar os habitantes da colônia para um número viável, naquele mundo tão

rigoroso, brutal e inóspito?

## Capítulo Doze

MacAran sentou ao lado de Camilla adormecida, pensando na entrevista que acabara de ter com Ewen Ross. Depois de explicar a situação de Camilla, Ewen fizera-lhe só mais uma pergunta:

— Lembra-se de ter feito sexo com mais alguém durante o Vento? E quero que saiba que não estou perguntando por pura curiosidade. Algumas mulheres e alguns homens não conseguem se lembrar ou indicaram pelo menos meia dúzia. Juntando tudo o que todos se lembram, podemos eliminar determinadas pessoas; isto é, para os registros genéticos posteriores. Por exemplo, se alguma mulher indica três homens como possíveis responsáveis por sua gravidez, precisamos apenas fazer exames de sangue com os três para determinar... dentro de limites razoáveis, é claro... o pai verdadeiro.

— Só com Camilla — respondera MacAran. Ewen sorria.

— Pelo menos você é coerente. Espero que consiga meter um pouco de bom senso na cabeça daquela jovem.

— Não posso imaginar Camilla como uma grande mãe - comentara MacAran, sentindo-se desleal.

Ewen dera de ombros.

— Isso tem alguma importância? Teremos muitas mulheres querendo filhos e incapazes de tê-los, abortando durante a gravidez ou perdendo-os no parto. Se ela não desejar a criança depois que nascer, não nos faltarão mães adotivas!

Agora essa perspectiva provocou algum ressentimento em Rafael MacAran, enquanto observava a moça drogada. O amor entre os dois, mesmo nas melhores ocasiões, derivara da hostilidade, fora uma gangorra de ressentimento e desejo, e agora a ira escapara ao controle. Uma jovem mimada, ele pensou. Teve tudo como queria durante toda a sua vida e agora, ao primeiro sinal de que pode ter de ceder a outras considerações que não a sua própria conveniência, ela começa a criar a maior confusão! É demais!

Como se a violência de seus pensamentos irados penetrasse pelos véus tênues da droga, os olhos azuis de Camilla se abriram.

Ela olhou ao redor, num espanto momentâneo, para as paredes translúcidas do hospital e para MacAran ao seu lado.

— Rafe?

Uma expressão de angústia estampou-se em seu rosto, e MacAran pensou: Pelo menos ela não está mais me chamando de MacAran. Ele falou tão gentilmente quanto podia:

— Lamento que não esteja se sentindo bem, amor. Pediram-me que viesse ficar com você por algum tempo.

Ela contraiu o rosto quando a memória lhe voltou. MacAran pôde sentir sua raiva e angústia. Foi como um desespero a dominá-lo e desligou seu ressentimento, como se fosse um interruptor.

— Lamento sinceramente, Camilla. Sei que não queria isso. Pode me odiar, se tem de odiar alguém. A culpa é minha. Não agi de maneira responsável. Sei disso.

A gentileza e a disposição de assumir toda a culpa desarmaram-na.

— Não, Rafe, isso não é justo com você. Na ocasião em que aconteceu eu queria tanto quanto você. Portanto, não há sentido em culpá-lo. O problema é que perdemos o hábito de relacionar gravidez e sexo, assumimos agora uma atitude civilizada a respeito. E é claro que nenhum de nós podia imaginar que os anticoncepcionais regulares não estavam funcionando.

Rafe inclinou-se para pegar sua mão.

— Muito bem, partilharemos a culpa. Mas não pode tentar se lembrar de como nos sentimos durante o Vento? Fomos muito felizes naquele momento.

— Eu me encontrava insana na ocasião. E você também.

A amargura intensa na voz de Camilla fez com que ele se encolhesse de angústia, não apenas por si mesmo, mas também por ela. Camilla tentou retirar a mão, mas ele a manteve firmemente.

— Estou são agora... pelo menos acho que estou... e ainda amo você, Camilla. Não tenho palavras para expressar quanto.

— Pensei que me odiava.

— Eu não poderia odiá-la. Não estou feliz por você não querer essa criança. Se estivéssemos na Terra, provavelmente concordaria que você tem o direito de escolher... de não gerar essa criança, se

não quisesse. Mas isso também não me deixaria feliz, e você não pode esperar que eu lamente porque a criança terá uma oportunidade de viver.

— Então está contente porque serei obrigada a gerar essa criança? — ela indagou, furiosa.

— Como posso me sentir contente com uma coisa que a deixa tão infeliz? — perguntou MacAran, desesperado. — Pensa que encontro alguma satisfação em vê-la infeliz? Deixa-me angustiado, está me matando! Mas você está grávida e sofrendo, e se a faz sentir-se um pouco melhor dizer essas coisas... eu amo você, e o que posso fazer a respeito, a não ser escutar e desejar ser capaz de dizer alguma coisa útil? Só gostaria que você ficasse um pouco mais feliz com a situação, Camilla, que eu não me sentisse tão completamente desamparado.

Camilla podia sentir sua confusão e aflição como se fossem dela própria. Essa persistência de um efeito que associara apenas com o tempo dos ventos arrancou-a de sua ira e autocompaixão. Lentamente, sentou na cama e pegou a mão de MacAran.

— Não é culpa sua, Rafe - ela disse, gentilmente. - Se o faz tão infeliz o fato de eu me comportar assim, tentarei mudar. Não posso fingir que quero uma criança, mas se devo tê-la... e parece que é esse o caso... prefiro que seja sua que de qualquer outro. - Ela sorriu e acrescentou: - Suponho... pelo que aconteceu naquela ocasião... que poderia ser qualquer um, mas fico contente que tenha sido você.

Rafe MacAran descobriu-se incapaz de falar... e depois compreendeu que não precisava. Inclinou-se e beijou a mão de Camilla.

— Farei tudo o que puder para tornar as coisas mais fáceis para você, Camilla... e gostaria de poder fazer ainda mais.

Moray já distribuía as tarefas para a maioria dos colonos e tripulantes quando o engenheiro-chefe Laurence Patrick foi consultá-lo, como o Representante da Colônia, em companhia do Comandante Leicester. Patrick disse:

— Muito antes de ser um especialista em propulsão M-AM, Moray, eu era um especialista em pequenos veículos de superfície.



Há metal suficiente na nave para construir diversos veículos assim, e eles poderiam ser acionados por pequenas unidades propulsoras adaptadas. Seria uma tremenda ajuda para localizar e estruturar os recursos do planeta, e estou disposto a me encarregar da construção. Quando posso começar?

— Lamento, Patrick, mas isso não poderá acontecer durante a sua vida ou a minha - respondeu Moray.

— Não estou entendendo - protestou Patrick, irritado. — Não seria de grande ajuda na exploração e melhor aproveitamento dos recursos? Está querendo criar uma sociedade selvagem e bárbara? Por acaso a Força Expedicionária da Terra tornou-se um ninho de antitecnocratas e neo-ruralistas?

Moray sacudiu a cabeça, impassível.

— Claro que não. Minha primeira missão colonial foi um planeta em que projetei uma civilização altamente técnica, baseada no aproveitamento máximo da energia elétrica, da qual muito me orgulho. E tenciono... ou melhor dizendo, tencionava, tendo em vista a nossa catástrofe... ir para lá ao me aposentar e não sair mais até o final dos meus dias. Minha designação para a colônia de Coronis significava que eu projetava culturas tecnológicas. Mas pelo rumo dos acontecimentos aqui...

— Ainda é possível — interveio o Comandante Leicester. — Podemos legar uma herança tecnológica para nossos filhos e netos, Moray, e algum dia, mesmo que nós fiquemos retidos aqui pelo resto da vida, nossos descendentes poderão voltar. Não conhece a história, Moray? Da invenção do barco a vapor ao desembarque do homem na Lua foram menos de duzentos anos. De lá aos propulsores M-AM que nos levaram a Alfa Centauri foram menos de cem anos. Podemos todos morrer neste pedaço de rocha esquecido e provavelmente morreremos mesmo aqui. Mas se pudermos preservar intacta nossa tecnologia, o suficiente para levar nossos netos de volta ao fluxo principal da civilização humana, então não teremos morrido em vão.

Moray fitou-o com profunda compaixão.

— Será possível que ainda não entendeu? Pois deixe-me explicar-lhe, Comandante, e a você também, Patrick. Este planeta

não suportaria qualquer tecnologia avançada. Em vez de um núcleo de níquel e ferro, os principais metais são não-condutores de baixa densidade, o que explica a gravidade tão reduzida. A rocha, até onde podemos dizer sem equipamentos sofisticados de que não dispomos e não podemos construir, possui um elevado teor de silicatos, mas baixo em minérios metálicos. Os metais sempre serão raros por aqui... extremamente raros. O planeta de que falei, com um grande aproveitamento de energia elétrica, possui enormes depósitos de combustível fóssil e inúmeros rios descendo montanhas para conversão em energia... além de um sistema ecológico bastante resistente. Este planeta parece ter uma área agrícola mínima, pelo menos nesta região. A cobertura florestal é a única coisa que impede uma erosão maciça, e por isso devemos aproveitar a madeira com o maior cuidado. Temos de preservar as florestas como essenciais à vida. Além disso, não podemos dispensar a mão-de-obra necessária para construir os veículos de que falou, guarnece-los e mantê-los; e ainda seria necessário abrir estradas para que pudessem trafegar. Posso dar os dados e cifras exatos, se quiserem, mas vou resumir a situação: se insistirem numa tecnologia mecanizada, estarão assinando uma sentença de morte... se não para todos nós, pelo menos para nossos netos. Seria possível sobreviver por três gerações, porque com tão pouca gente poderíamos nos deslocar para outra parte do planeta, depois que esgotarmos uma. Mas não mais do que isso.

— Vale a pena sobreviver ou mesmo ter netos se eles viverão assim? - indagou Patrick, com grande amargura.

Moray deu de ombros.

— Não posso obrigá-los a ter netos. Mas tenho uma responsabilidade com as crianças que já estão a caminho, e há colônias sem tecnologia avançada que contam com uma lista de espera tão longa quanto as que existem para os planetas baseados no uso da eletricidade. Nossa linha vital aqui não são vocês, lamento dizer; não passam. . . permita-me ser um tanto brusco, Comandante... de peso morto. As pessoas de que precisamos neste mundo são as que integram a Comuna das Novas Hébridas... e

desconfio que, se sobrevivermos, será exclusivamente por causa delas.

— Bom, acho que isso nos diz qual é a situação. — O Comandante Leicester pensou por um momento. — Mas o que nós teremos pela frente, Moray?

Moray consultou os registros.

— A ficha pessoal informa que seu hobby na academia era a fabricação de instrumentos musicais. Não é uma das principais prioridades, mas no inverno poderemos tirar grande proveito das pessoas que sabem alguma coisa a respeito. Até lá, sabem alguma coisa sobre a produção de vidro, enfermagem prática, dietética ou ensino elementar?

— Ingressei no serviço como auxiliar do Corpo Médico, antes de fazer o curso de oficial - informou Patrick, surpreendentemente.

— Pois então vá falar com Di Asturien no hospital. Por enquanto, vou registrá-lo como servente, sujeito à convocação de todos os homens aptos para o programa de construção. Um engenheiro deve ser capaz de cuidar de problemas de arquitetura. No seu caso, Comandante...

Leicester protestou, irritado:

— É idiotice me chamar de Comandante. Afinal, comandante do quê?

— Muito bem, Harry. — Moray sorriu. — Desconfio que títulos e coisas assim vão desaparecer em três ou quatro anos. Mas não privarei ninguém, se quiser manter o seu.

— Considere que já esgotei o meu — declarou Leicester. — Vai me recrutar para trabalhar com uma enxada na horta? Agora que não tenho mais o comando de uma espaçonave, é a única coisa para que sirvo.

— Está enganado. Precisarei daquilo que o transformou num comandante. . . liderança, talvez.

— Alguma lei contra a preservação dos conhecimentos tecnológicos que possuímos? Programar tudo no computador, talvez para esses nossos netos hipotéticos?

— Não tão hipotéticos no seu caso — disse Moray. — Fiona MacMorair... ela foi registrada no hospital como um caso de "possível

gravidez"... indicou seu nome como o provável pai.

— Mas quem é neste mundo infernal essa tal de Fiona não sei o quê? - indagou Leicester, furioso. - Nunca ouvi falar dessa moça!

Moray soltou uma risada.

— E isso tem alguma importância? Por acaso passei a maior parte daquele vento fazendo amor com pés de repolho e mudas de soja, ou pelo menos escutando me contarem seus problemas, mas a maioria se dedicou a atividades um pouco menos... sérias, digamos assim. O Dr. Di Asturien vai lhe perguntar os nomes de quaisquer possíveis contatos femininos.

— Tive de lutar pela única de que me lembro e perdi. — Leicester esfregou a equimose se desvanecendo no queixo. - Não, espere um pouco... é uma jovem ruiva, do grupo da Comuna?

— Não conheço a jovem pessoalmente. Mas cerca de três quartos das pessoas das Novas Hébridas são ruivas... uma maioria de escoceses, com uns poucos irlandeses. Eu diria que tem uma possibilidade superior à média, a menos que a jovem aborte, de ter um filho ruivo daqui a nove ou dez meses. Sendo assim, Leicester, você também tem um interesse neste mundo.

Leicester corou, um rubor lento e furioso.

— Não quero que meus descendentes vivam em cavernas e escavem a terra em busca de alimentos. Quero que saibam de que tipo de mundo viemos.

Moray levou algum tempo para responder:

— Eu lhe pergunto com a maior seriedade... não precisa responder, pois não sou o guardião de sua consciência, mas peço que pense a respeito... não seria melhor deixar que nossos descendentes desenvolvam uma tecnologia típica deste mundo? Em vez de tentá-los com conhecimentos que poderiam destruir este planeta?

— Estou confiando que meus descendentes terão bom senso - respondeu Leicester.

— Muito bem, pode programar tudo no computador, se é isso o que quer. - Moray deu de ombros. - Talvez eles tenham bastante bom senso para nunca usá-lo.

Leicester virou-se para sair.

— Posso ter minha assistente de volta? Ou Camilla Del Rey foi designada para algo importante, como cozinhar ou fazer cortinas para o hospital?

Moray sacudiu a cabeça.

— Poderá tê-la de volta assim que ela sair do hospital. Mas Camilla está relacionada como grávida, deve ter apenas trabalhos leves, e eu pensava em lhe pedir para preparar alguns textos elementares de matemática. Mas o computador não exige muito esforço físico; se ela quiser voltar, não tenho objeções.

Ele olhou deliberadamente para os organogramas de trabalho que apinhavam a mesa; e Harry Leicester, ex-comandante de uma nave estelar, compreendeu que, para todos os propósitos práticos, fora dispensado.

## Capítulo Treze

Ewen Ross hesitou, olhando para as fichas genéticas, e tornou a fitar Judith Lovat.

— acredite, Judy, não estou querendo criar problemas para você, mas isso ajudaria muito em nossos registros. Quem foi o pai?

— Não acreditou quando eu lhe disse antes. Portanto, se conhece a resposta melhor do que eu, pode anotar o que quiser.

— Não sei como lhe responder, Judy. Não me lembro de estar com você, mas se disser que fui eu...

Ela balançou a cabeça, obstinada, e Ewen suspirou.

— A mesma história de um alienígena. Será que não percebe como isso é fantástico? Como é totalmente inacreditável? Está querendo dizer que os aborígenes deste mundo são bastante humanos para cruzarem com nossas mulheres? - Ele hesitou. - Não está por acaso tentando bancar a engraçada, Judy?

— Não estou querendo postular tese alguma, Ewen. Não sou uma geneticista, apenas uma especialista em dietética. Estou apenas lhe dizendo o que aconteceu.

— Durante um tempo em que estive insana. Duas vezes. Heather tocou de leve em seu braço.

— Ewen, Judy não está mentindo. Ela diz a verdade... ou o que acredita ser a verdade. Tenha calma.

— Mas suas crenças não constituem uma prova! — Ewen suspirou e deu de ombros. - Muito bem, Judy, seja como quiser. Mas deve ter sido MacLeod... ou Zabal. Ou eu. Deve ter sido qualquer coisa que você pensa que se lembra.

— Se você diz assim, então é claro que deve ter sido.

Judy levantou-se calmamente e retirou-se, sabendo sem precisar olhar o que Ewen estava escrevendo: Pai desconhecido; possível: MacLeod, Lewis; Zabal, Marco; Ross, Ewen. Heather comentou, depois que ela saiu e fechou a porta:

— Foi um pouco grosseiro com ela, querido.

— Acontece apenas que acho que não temos lugar para a fantasia num mundo tão inóspito como este. Afinal, Heather, fui

treinado para salvar vidas a qualquer custo... a qualquer custo! E já vi pessoas morrerem... deixei que morressem! Quando estamos sãos, temos que ser super sãos para compensar!

Heather pensou a respeito por um momento.

— Como pode julgar, Ewen? Talvez o que pareça sanidade na Terra possa ser tolice aqui. Por exemplo, sabe que o Chefe está treinando grupos de mulheres para cuidados pré-natais e para atuarem como parteiras... caso percamos pessoas demais neste inverno para a equipe médica cuidar. Ele também disse que não faz pessoalmente um parto desde que era interno... isso não é necessário no Serviço Espacial, é claro. E uma das primeiras coisas que ele nos disse foi o seguinte: se uma mulher está prestes a abortar, não precisam adotar quaisquer providências extraordinárias para evitar. Se fazer a mãe repousar e mantê-la aquecida não salvar a criança, nada mais poderá salvá-la; nem hormônios, nem drogas para fortalecer o feto, absolutamente nada!

— Mas isso é fantástico! — exclamou Ewen. — Quase criminoso!

— Mas foi o que o Dr. Di Asturien disse. Na Terra, seria mesmo criminoso. Mas aqui, ele argumentou, uma ameaça de aborto pode ser a maneira da natureza descartar um embrião que não será capaz de se adaptar ao ambiente... à diferente gravidade e assim por diante. É melhor deixar a mulher ter um aborto prematuro e começar de novo, em vez de desperdiçar seis meses com uma criança que morrerá ou crescerá defeituosa. Além disso, na Terra podemos nos dar ao luxo de salvar crianças defeituosas... genes letais, retardados mentais, deformidades congênitas, insultos fetais e assim por diante. Existem lá equipamentos sofisticados e estrutura médica para coisas como transfusões totais, transplantes de hormônios do crescimento, reabilitação e treinamento se a criança crescer defeituosa. Mas aqui, a menos que queiramos um dia adotar as medidas cruéis de expor ou matar os bebês defeituosos, seria melhor mantê-los num mínimo absoluto... e cerca de metade das crianças defeituosas nascidas na Terra... talvez noventa por cento, ninguém sabe com certeza, virou rotina agora na Terra impedir um aborto espontâneo a qualquer custo... são o resultado de salvar

crianças que deveriam ter morrido, nos erros da natureza. Num mundo como este, é uma questão de absoluta sobrevivência para nossa raça; não podemos permitir que genes letais e defeituosos sejam disseminados. Entende agora o que eu queria dizer? Insanidade na Terra... fatos concretos para a sobrevivência aqui. A seleção natural deve prevalecer... e isso significa que não podemos adotar métodos heróicos para evitar os abortos espontâneos, não deve haver métodos extremos para salvar os bebês moribundos ou lesionados no parto.

— E o que isso tem a ver com a história delirante de Judy sobre um alienígena como pai de seu filho?

— Só uma coisa, Ewen: precisamos aprender a pensar por novas maneiras... e não rejeitar coisas de imediato porque parecem fantásticas.

— Acredita mesmo que alguém alienígena não-humano... ora, Heather, essa não! Pelo amor de Deus!

— Que Deus? Todos os Deuses que conheço pertencem à Terra. Não sei quem foi o pai do bebê de Judy. Eu não estava lá. Mas ela estava, e na ausência de prova em contrário aceito a sua palavra. Judy não é uma mulher fantasiosa e, se diz que algum alienígena apareceu e fez amor com ela, deixando-a grávida, acreditarei nisso até prova em contrário. Pelo menos até ver o bebê. Se for sua imagem, de Zabal ou MacLeod, talvez então eu acredite que Judy teve uma crise. Mas durante o segundo Vento você se comportou de maneira racional, até certo ponto. MacAran se comportou de maneira racional, até certo ponto. Parece evidente que depois da primeira exposição mantemos um pouco de controle nas exposições subseqüentes à droga ou pólen. Judy apresentou um relato racional do que fez na segunda vez, e era coerente com o que aconteceu na primeira. Assim, por que não conceder a ela o benefício da dúvida?

Lentamente, Ewen riscou os nomes, deixando apenas pai desconhecido.

— Isso é tudo o que podemos dizer com certeza — ele finalmente comentou. - Deixaremos assim.



No prédio grande que ainda servia como refeitório, cozinha e área de recreação - embora uma cozinha coletiva separada estivesse em construção, feita com pedras nativas translúcidas — um grupo de mulheres da Comuna das Novas Hébridas, com suas saias de tartã e os casacos quentes do uniforme que usavam agora, preparava o jantar. Uma delas, uma jovem de compridos cabelos ruivos, cantava com uma voz de soprano:

*Quando o dia chega ao fim,  
Triste vagueio pela água,  
Onde um homem, do sol nascido,  
Cortejou a filha da fada,  
Por que devo sentar e suspirar,  
Puxando samambaias, uma a uma,  
Sempre sozinha e cansada?*

Ela parou de cantar quando Judy entrou.

— Está tudo pronto, Dra.Lovat. Eu disse que tinha ido ao hospital, e resolvemos começar sem esperá-la.

— Obrigada, Fiona. Diga-me uma coisa: o que estava cantando?

— Uma das canções de nossa ilha. Não fala gaélico? Achei que não... chama-se Canção de Amor da Fada... sobre uma fada que se apaixonou por um mortal e vagueia pelas colinas de Skye por toda a eternidade, ainda à sua procura, querendo saber por que ele nunca voltou. Fica mais bonito em gaélico.

— Pois então cante em gaélico - disse Judy. - Seria horrivelmente insípido se apenas uma língua sobrevivesse aqui. Diga-me outra coisa Fiona: o padre não come no refeitório, não é mesmo?

— Não. Alguém leva as refeições para ele.

— Posso levar hoje? Eu gostaria de conversar com ele. Fiona verificou uma escala de trabalho fixada na parede.

— Será que não teremos tarefas permanentes enquanto não soubermos quem está grávida e quem não está? Está certo, direi a Elsie que você cuidará disso. E um daqueles sacos ali.

Ela encontrou o Padre Valentine trabalhando no cemitério, cercado pelas enormes pedras que estava colocando no monumento. Ele pegou a comida, desembulhou-a e pôs numa pedra plana. Judy sentou ao seu lado e disse:

— Padre, preciso de sua ajuda. Não quer ouvir minha confissão? Ele sacudiu a cabeça lentamente.

— Não sou mais um padre, Dra. Lovat. Como eu poderia ter a insolência de passar julgamento em nome de Deus sobre os pecados de outra pessoa?

Ele sorriu. Era um homem baixo e franzino, não devia ter mais do que trinta anos, mas agora parecia abatido e velho.

— De qualquer forma, tenho muito tempo para pensar enquanto levanto pedras aqui. Como posso sinceramente pregar ou ensinar o Evangelho de Cristo num mundo em que Ele nunca pôs os pés? Se Deus quer que este mundo seja salvo, terá de enviar alguém para salvá-lo... o que quer que isso signifique.

Ele enfiou a colher na tigela de carne e cereal.

— Trouxe o seu almoço? Ainda bem. Em teoria, aceito o isolamento. Na prática, anseio pela companhia de meus semelhantes muito mais do que jamais pensei que poderia.

Suas palavras descartavam a questão da religião, mas Judy, em sua confusão interior, não se sentia disposta a desistir tão facilmente.

— Quer dizer que vai nos deixar sem ajuda pastoral de qualquer tipo, Padre?

— Creio que nunca fiz muita coisa nesse campo. E até me pergunto: será que algum padre jamais fez? Não é preciso dizer que farei qualquer coisa que puder por alguém como um amigo... é o mínimo que posso fazer; se empenhasse todo o resto da minha vida nisso, nem sequer começaria a compensar o que cometi, mas é melhor do que sentar num saco de aniagem murmurando orações de penitência.

— Posso compreender isso, eu acho. Mas está mesmo querendo dizer que não há lugar para a fé ou religião, Padre?

Ele fez um gesto de protesto.

— Gostaria que não me chamasse de "padre". Irmão, se quiser. Temos todos que ser irmãos e irmãs no infortúnio aqui. Não, eu não disse isso, Dra. Lovat... não sei o seu nome cristão... Judith? Eu não disse isso, Judith. Todo ser humano precisa acreditar na bondade de algum poder que o criou, não importa como o chame, precisa de uma estrutura religiosa ou ética. Mas não creio que precisamos de sacramentos ou sacerdócios de um mundo que é apenas uma lembrança e não será nem isso para nossos filhos e os filhos de nossos filhos. Ética, sim. Arte, sim. Música, ofícios, conhecimento, humanidade... sim. Mas não rituais que rapidamente se transformarão em superstições. E certamente não um código social ou um conjunto de atitudes de comportamento puramente arbitrárias que nada têm a ver com a sociedade em que vivemos agora.

— Mas não trabalharia dentro da estrutura da Igreja na colônia Coronis?

— Acho que sim. Não tinha pensado a respeito. Pertencço à Ordem de São Cristóvão de Centaurus, que foi organizada para levar a Igreja Católica Reformada às estrelas... Aceitei como uma missão meritória. Nunca pensei realmente a respeito... não é um pensamento sério, compenetrado, profundo. Mas aqui, na minha pilha de pedras, tenho muito tempo para pensar. - Ele sorriu. - Não é de admirar que costumassem pôr criminosos para quebrar pedras na Terra. Mantém as mãos ocupadas e proporciona todo o tempo para o pensamento.

— Então não acha que uma ética de comportamento seja absoluta? — murmurou Judy. — Não há nada de definido ou divinamente ordenado aqui?

— Como poderia haver? Sabe o que eu fiz, Judith. Se não tivesse sido criado com a noção de que certas coisas eram por si mesmas, por sua própria natureza, o suficiente para me mandarem direto para o inferno, eu poderia absorver quando despertei, depois do Vento. Talvez ficasse envergonhado, transtornado, com o estômago embrulhado, mas não teria a convicção, no fundo de minha mente, de que nenhum de nós merecia viver depois daquilo. Não havia no seminário gradações de certo e errado, apenas virtude

e pecado, nada intermediário. Os assassinatos não me perturbaram, em minha loucura, porque aprendera no seminário que a lascívia era um pecado pelo qual poderia ir para o inferno. Assim, como o assassinato poderia ser pior? Pode-se ir para o inferno apenas uma vez, e eu já estava condenado. Uma ética racional me diria que qualquer coisa que eu e aqueles pobres tripulantes, que Deus os guarde, fizemos durante aquela noite de loucura prejudicava apenas nossa dignidade e senso de decência, se é que isso importava. Estava a quilômetros, a galáxias de assassinato.

— Não sou uma teóloga... Pa... ahn... Valentine, mas alguém pode cometer um pecado mortal em estado de completa insanidade?

— Pode estar certa de que já revirei essa questão pelo avesso. Não ajuda saber que se eu fosse capaz de correr para meu confessor e obter seu perdão por todas as coisas que fiz em minha loucura... coisas horríveis por alguns padrões, mas essencialmente inofensivas... poderia me abster de matar aqueles pobres coitados. Tem de haver alguma coisa errada com um sistema que permite assumir e se livrar da culpa como um casaco. Quanto à loucura... nada pode aflorar na loucura que já não existisse antes. O que realmente não pude enfrentar, começo a compreender agora, não foi apenas o conhecimento de que na loucura fizera algumas coisas proibidas com outros homens, mas sim o conhecimento de que as fizera com satisfação e de bom grado, que não mais acreditava que eram erradas e que para sempre depois daquilo, quando visse aqueles homens, haveria de lembrar o tempo em que nossas mentes se abriram por completo uns para os outros, em que conhecemos as mentes, corações e corpos uns dos outros, no mais total amor e partilha que seres humanos poderiam conhecer. Eu sabia que nunca mais poderia esconder e por isso peguei o canivete e comecei a tentar esconder de mim mesmo!

Ele sorriu amargamente, um terrível sorriso de caveira, antes de acrescentar:

— Judith, Judith, perdoe-me. Veio me pedir ajuda, para ouvir sua confissão, mas acabou escutando a minha.

Judy disse gentilmente:

— Se você está certo, todos teremos de ser sacerdotes uns para os outros, pelo menos para escutar e prestar a ajuda que for possível. - Ela se impressionara com uma frase que ele dissera e repetiu-a em voz alta: Nossas mentes se abriram por completo... no mais total amor e partilha que seres humanos poderiam conhecer. Parece ser o que este mundo tem feito para nós. Em graus diferentes, é verdade... mas a todos nós, de um jeito ou de outro. Foi o que ele disse...

E devagar, procurando pela palavras apropriadas, Judy relatou a história do alienígena, o primeiro encontro na floresta, como ele a chamara durante o Vento, as estranhas coisas que lhe dissera, sem falar.

— Ele me disse... as mentes de nossa gente são como portas parcialmente fechadas. Mas compreendemos um ao outro, talvez mais porque houve essa... partilha total. Mas ninguém acredita em mim! — A voz de Judy era agora desesperada. — Pensam que estou louca ou mentindo!

— Tem alguma importância o que eles pensam? Pela incredulidade dos outros, você pode até protegê-lo. Disse-me que ele tinha medo de nós... de seu povo... e, se sua espécie é tão gentil, isso não me surpreende. Uma raça telepática sintonizada conosco durante o Vento Fantasma provavelmente concluiria que éramos um povo terrivelmente violento e assustador... e não seria um erro total, embora tenhamos um outro lado. Mas se eles começaram a acreditar em seu... o que foi mesmo que Fiona disse?... seu amante do reino das fadas, podem procurar seu povo e os resultados talvez não sejam muito bons. — Ele sorriu tristemente. - Nossa raça tem uma péssima reputação quando encontramos outras culturas que consideramos inferiores. Se se preocupa com o pai de seu filho, Judy, eu deixaria que continuassem a não acreditar nele.

— Para sempre?

— Enquanto for necessário. Este planeta já está nos mudando. Talvez algum dia nossos filhos e os dele encontrem alguma maneira de se encontrarem sem catástrofe, mas teremos de esperar para ver.

Judy puxou a corrente em seu pescoço, e ele perguntou:

— Não costumava usar uma cruz aí?

— Isso mesmo. Mas tirei-a. Perdoe-me.

— Por quê? Não significa coisa alguma aqui. Mas o que é isso? Era uma pedra azul, faiscando, com pequenos pontos prateados se movimentando no interior.

— Ele disse... usavam essas coisas para o treinamento de suas crianças; que, se eu pudesse controlar a pedra, poderia fazer contato com ele... fazê-lo saber que estava tudo bem comigo e com a criança.

— Deixe-me dar uma olhada...

Valentine estendeu a mão, mas Judy encolheu-se e recuou.

— O quê...?

— Não sei explicar. Não compreendo. Mas quando outra pessoa toca agora... dói, como se fosse parte de mim. Acha que estou louca?

O homem sacudiu a cabeça.

— O que é a loucura? Uma pedra para intensificar a telepatia... talvez tenha propriedades peculiares que ampliam os sinais elétricos transmitidos pelo cérebro... a telepatia não pode existir por si mesma, deve ter como base algum fenômeno natural. Talvez a pedra esteja sintonizada com o que existe em sua mente que faz com que você seja você. De qualquer modo, existe e... já entrou em contato com ele?

— Parece que algumas vezes — murmurou Judy, procurando pelas palavras apropriadas. — É como ouvir uma voz e saber de quem é pelo som... não, não é bem assim, mas acontece. Sinto... por um breve instante, mas é bem real... como se ele estivesse parado ao meu lado, tocando-me, depois a sensação desaparece. Um momento de tranquilização, um momento de... de amor, antes que se desvança. E tenho o estranho pressentimento de que é apenas um início, que haverá de chegar o dia em que saberei outras coisas a respeito...

Ele ficou observando, enquanto Judy tornava a guardar a pedra dentro do vestido. Finalmente ele sugeriu:

— Se eu fosse você, guardaria em segredo por algum tempo. Disse que este planeta está mudando a todos nós, mas talvez não

esteja mudando bastante depressa. Alguns cientistas gostariam de estudar essa coisa, operá-la, talvez mesmo tirá-la de você, experimentá-la, destruí-la, para descobrir como funciona. Talvez mesmo interrogar e testar você muitas e muitas vezes, para descobrir se está mentindo ou com alucinações. Mantenha em segredo, Judith. Use-a como ele disse. Pode chegar um dia em que será importante saber como funciona... a maneira como deve funcionar, não a maneira como os cientistas podem querer que funcione.

Valentine levantou-se, sacudindo do colo as migalhas da refeição.

— E agora voltarei à minha pilha de pedras. Judy ficou na ponta dos pés e beijou-o no rosto.

— Obrigada — ela murmurou. — Ajudou-me muito. O homem tocou em seu rosto.

— Fico contente que assim seja. É... um começo. Uma longa estrada de volta, mas é um começo. Seja abençoada, Judith.

Ele observou-a se afastar e um pensamento estranho, quase blasfemo, aflorou em sua mente: Como saber se Deus não está mandando uma Criança... uma estranha criança, que não é inteiramente um homem... para este mundo estranho? Ele descartou o pensamento, concluindo: Estou louco. Mas outro pensamento deixou-o arrepiado, com a memória confusa e consternado: Como saber se a Criança que idolatrei durante tantos anos não era o resultado de alguma estranha aliança desse tipo?

— Absurdo! — ele exclamou em voz alta, retornando à penitência auto-imposta.

## Capítulo Quatorze

— Nunca pensei que me descobriria a rezar pelo mau tempo - comentou Camilla.

Ela fechou a porta do pequeno domo reparado em que se encontrava o computador e aproximou-se de Harry Leicester.

— Estive pensando. Com os dados de que dispomos sobre a extensão dos dias, a inclinação do sol e assim por diante, não poderíamos descobrir a duração exata do ano deste planeta?

— Isso é bastante elementar - respondeu Leicester. - Formule seu programa e ponha-o no computador. Pode nos informar por quanto tempo se prolongará o verão e quanto esperar do inverno.

Camilla aproximou-se do painel. A gravidez começava a aparecer, embora ela ainda estivesse leve e graciosa. Leicester disse:

— Consegui salvar quase todas as informações sobre os propulsores de matéria-antimatéria. Algum dia... Moray comentou outro dia que do motor a vapor às estrelas transcorreram menos de trezentos anos. Algum dia nossos descendentes poderão voltar à Terra, Camilla.

— Presumindo que eles queiram voltar.

Ela sentou à sua mesa. Leicester fitou-a, indagando:

— Você duvida?

— Não estou duvidando de coisa alguma, apenas não quero presumir o que meus tatatatara. . . o que meus netos da nona geração vão querer. Afinal, os terráqueos viveram por gerações sem sequer desejarem inventar coisas que poderiam facilmente ser inventadas a qualquer momento depois que se fundiu o ferro pela primeira vez. Acha mesmo que a Terra partiria para o espaço sem a pressão demográfica e a poluição? Há muitos fatores sociais que devem ser considerados.

— E se Moray puder impor sua vontade, todos os nossos descendentes serão bárbaros — comentou Leicester. — Mas enquanto tivermos o computador e ele for preservado, os conhecimentos estarão aqui. Caberá a eles usá-los, quando sentirem a necessidade.



— Se for preservado. — Camilla deu de ombros. — Depois dos últimos meses não tenho a menor certeza se qualquer coisa que trouxemos para cá sobreviverá a esta geração.

Conscientemente, com algum esforço, Leicester lembrou a si mesmo: Ela está grávida, e é por isso que durante muitos anos acharam que as mulheres não tinham condições para serem cientistas — as mulheres grávidas têm estranhas idéias. Ele observou-a fazendo anotações no computador.

— Por que quer saber a duração do ano?

Que pergunta estúpida!, pensou Camilla. Mas depois se lembrou de que ele fora criado numa estação espacial, onde a passagem do tempo nada significava. Duvidava até que ele compreendesse a relação do tempo e do clima com as colheitas e a sobrevivência. Procurou explicar, gentilmente:

— Primeiro, queremos calcular a estação do crescimento e determinar quando nossas colheitas estão prontas. É mais simples do que pelo ensaio e erro. Se tivéssemos colonizado à maneira normal, alguém teria observado o planeta por vários ciclos anuais. Além disso, Fiona, Judy e... o resto de nós gostaríamos de saber quando nossos filhos nascerão e qual será o clima provável. Não estou fazendo minhas roupas de bebê, mas alguém tem de fazê-las... e saber quanto frio esperar!

— Já está planejando? - perguntou Leicester, curioso. - As possibilidades são de uma em duas de que leve a gravidez até o fim e as mesmas de que a criança não morra.

— Sei disso. Mas, por algum motivo, nunca duvidei de que o meu seria um dos que vão viver. Premonição, talvez; PES. — Camilla pensava enquanto falava. — Tive um pressentimento de que Ruth Fontana ia abortar e acabou acontecendo.

Ele estremeceu.

— Não é um dom dos mais agradáveis para se ter.

— Não, não é, mas parece que eu o tenho... e parece que está ajudando Moray e os outros com as colheitas. Para não mencionar o poço que Heather ajudou-os a escavar. É evidente que se trata apenas de um ressurgimento de um potencial humano latente e não

há nada de estranho nisso. Seja como for, parece que teremos de aprender a conviver com isso.

— Quando eu era estudante - disse Leicester -, todos os fatos conhecidos positivamente sobre PES foram fornecidos a um computador e a resposta foi de que a probabilidade era de mil contra uma de que tal coisa existisse... de que os poucos casos não total e conclusivamente refutados eram decorrentes de erro de investigação, não de PES humana.

Camilla sorriu.

— Isso serve para mostrar que um computador não é Deus. Leicester observou a jovem inclinar-se para trás e aliviar o corpo com câibras.

— Esses assentos da cabine de comando são horríveis. Não foram projetados para uso em condições de plena gravidade. Espero que móveis confortáveis tenham uma alta prioridade. O Júnior aqui não aprova que eu sente em cadeiras duras.

Ah, como eu amo essa mulher! Quem poderia imaginar na minha idade? A fim de lembrar a si mesmo a diferença entre os dois com mais vigor, Leicester perguntou:

— Planeja casar com MacAran, Camilla?

— Acho que não - ela respondeu, com a insinuação de um sorriso. - Não temos pensado nesses termos. Eu o amo... ficamos muito unidos durante o primeiro Vento, partilhamos tanto, sempre seremos parte um do outro. Vivemos juntos, quando ele está aqui... o que não acontece com freqüência... se é isso o que quer realmente saber. Acima de tudo porque ele me quer muito e quando se fica tão íntimo de alguém, quando se pode... - Ela hesitou, procurando pelas palavras apropriadas. - ...quando se pode sentir o quanto ele quer, não é possível virar-lhe as costas, não é possível deixá-lo... faminto e infeliz. Mas se vamos ou não construir um lar juntos, se queremos viver juntos pelo resto de nossas vidas... sinceramente não sei; acho que não. Somos muito diferentes.

Ela ofereceu um sorriso franco, que fez o coração de Leicester virar pelo avesso, e acrescentou:

— No fundo, eu seria mais feliz com você, a longo prazo. Somos muito mais parecidos. Rafe é muito gentil, muito terno, mas

você me compreende melhor.

— Está com um filho dele e é capaz de me dizer isso, Camilla?

— Isso o choca? - ela indagou, aflita. - Desculpe. Eu não gostaria de perturbá-lo por nada neste mundo. Isso mesmo, é o bebê de Rafe, e me sinto contente, de uma estranha maneira. Ele quer, e um dos pais deve querer um filho; para mim... não posso evitar, recebi uma lavagem cerebral... ainda é um acidente de biologia. Se fosse seu, por exemplo... e poderia ser, o mesmo tipo de acidente, assim como Fiona está com o seu filho e mal a conhece de vista... teria detestado, haveria de querer que eu lutasse contra tê-lo.

— Não tenho tanta certeza. Talvez não. Ou pelo menos não agora. Mas dizer essas coisas ainda me deixa perturbado. Chocado. Talvez eu seja velho demais.

Camilla sacudiu a cabeça.

— Temos de aprender a não nos escondermos uns dos outros. Numa sociedade em que nossos filhos crescerão sabendo que é um livro aberto tudo o que sentem, de que adiantaria continuar a manter máscaras para exhibir aos outros?

— É assustador.

— Um pouco. Mas provavelmente eles aceitarão como um fato corriqueiro.

Ela apoiou-se um pouco em Leicester, aliviando o peso nas costas contra seu peito. Estendeu a mão para trás e pegou a dele. E murmurou:

— Não fique tão chocado. Mas... se eu viver... se ambos vivermos... eu gostaria que meu próximo filho fosse seu.

Leicester inclinou-se e beijou-a na testa. Sentia-se comovido demais para falar. Camilla apertou sua mão e depois largou-a.

— Eu disse isso a MacAran - ela acrescentou, calmamente. - Por razões genéticas, será uma boa coisa as mulheres terem filhos de pais diferentes. Mas... como eu disse... minhas razões não são tão frias e desprovidas de emoção assim.

Seu rosto assumiu uma expressão distante — pareceu a Leicester que ela olhava para alguma coisa invisível através de um

véu — e por um momento contraiu-se em dor; mas ela respondeu à indagação rápida e preocupada de Leicester com um sorriso.

— Não, estou bem. Vamos ver o que podemos fazer para determinar a duração do ano. Quem sabe se este não pode ser o nosso primeiro feriado nacional?

Os moinhos de vento eram visíveis a vários quilômetros do acampamento agora, enormes construções com velas de madeira que forneciam energia para moer farinha (as nozes colhidas na floresta davam uma farinha fina, um pouco adocicada, que serviria até as primeiras colheitas de centeio e aveia) e também proporcionavam um pouco de eletricidade para o acampamento. Mas tal energia sempre teria um suprimento mínimo naquele mundo e era racionada cuidadosamente; usava-se apenas para iluminação no hospital, para se operar as máquinas essenciais nas pequenas oficinas e para a nova estufa. Além do acampamento, com seu próprio aceiro, ficava o que já haviam começado a chamar de Novo Acampamento, embora o pessoal da Comuna das Hébridas, que trabalhava ali, desse-lhe o nome de Nova Skye; era uma fazenda experimental, em que Lewis MacLeod e um grupo de assistentes cuidavam de animais que podiam ser domesticados.

Rafe MacAran, com sua equipe de assistentes, fez uma pausa para dar uma olhada, do pico da colina mais próxima, antes de se embrenhar pela floresta. Os dois acampamentos podiam ser vistos nitidamente lá de cima, e ao redor de ambos havia uma atividade intensa. Mas havia uma diferença indefinível de qualquer acampamento que ele já vira na Terra, e por um momento MacAran não pôde determinar o que era. E depois ele percebeu onde estava a diferença; era o silêncio. Ou será que não? Havia na verdade uma abundância de sons. Os enormes moinhos de vento rangiam ao vento forte. Havia sons distantes de martelos e serrotes dos homens construindo novos abrigos para o inverno. A fazenda também tinha seus ruídos, os sons ruidosos de animais, os berros dos mamíferos de chifres, os estranhos grunhidos, pios e guinchos de formas de vida insólitas. E finalmente Rafe descobriu o que era. Não havia sons que não fossem de origem natural. Nenhum tráfego. Nada de máquinas, exceto o zumbido suave das rodas de oleiro e o retinir

das ferramentas. Cada um desses sons tinha uma determinação humana imediata por trás. Quase não havia sons impessoais. Cada som parecia ter um propósito, e parecia estranho e solitário a Rafe. Durante toda a sua vida ele vivera nas grandes cidades da Terra, onde até mesmo nas montanhas os sons de veículos de superfície, trânsito motorizado, cabos de energia de alta tensão e aviões a jato proporcionavam um fundo confortador. Ali era quieto, assustadoramente quieto, porque qualquer som que rompia o barulho constante do vento tinha algum significado imediato. Não se podia desligar. Sempre que havia um som, era preciso escutá-lo. Não havia sons que pudessem ser ignorados por se saber que nada tinham a ver com você, como o ruído dos jatos passando lá em cima ou dos propulsores da nave estelar. Cada som naquela paisagem tinha uma relação imediata com o ouvinte, e Rafe mantinha-se tenso durante a maior parte do tempo, escutando.

Mas acabaria se acostumando, ele pensou. E passou a dar instruções ao grupo.

— Trabalharemos nas cristas rochosas inferiores hoje e especialmente nos leitos dos córregos. Queremos amostras de cada tipo diferente de terra.... isto é, de solo. Cada vez que a cor da argila mudar, recolham uma amostra e registrem a localização no mapa... você está trabalhando no mapeamento, Janice?

A moça acenou com a cabeça.

— Estou usando papel quadriculado. Poderemos anotar cada mudança no terreno.

O trabalho da manhã transcorreu relativamente rotineiro, exceto por uma descoberta que Rafe comentou quando se reuniram para acender uma fogueira e preparar a refeição do meio-dia — a massa da farinha de nozes para ser assada e "chá" de uma folha local, que tinha um gosto agradável, meio adocicado, parecido com açafraão. A fogueira foi acesa dentro de pedras rapidamente empilhadas — a lei mais rigorosa da colônia era nunca acender uma fogueira no chão sem aceiros ou armações de pedra ao redor — e, enquanto a madeira resinosa começava a arder depressa para se converter em brasas, uma segunda expedição de exploração desceu a encosta: três homens e duas mulheres.

— Podemos nos juntar a vocês para o almoço? - indagou Judy Lovat, depois de cumprimentá-los. — Isso nos pouparia o trabalho de fazer outra fogueira.

— A companhia de vocês é um prazer - disse MacAran. - Mas o que estava fazendo na floresta, Judy? Pensei que a esta altura já estivesse isenta do trabalho manual mais pesado.

— Para dizer a verdade, estou sendo tratada como excesso de bagagem. Não tenho permissão para levantar um dedo ou efetuar qualquer escalada de verdade, mas reduzirei a quantidade de amostras levadas de volta ao acampamento se eu puder fazer testes preliminares de campo em várias plantas. Foi assim que descobrimos a planta-corda. Ewen diz que o exercício me fará bem, se eu tomar cuidado para não me cansar demais nem ficar com muito frio.

Ela pegou seu chá e foi sentar ao lado de MacAran.

— Teve alguma sorte hoje? Ele balançou a cabeça.

— E já não era sem tempo. Nas últimas três semanas, todos os dias, tudo o que consegui encontrar foi apenas mais uma versão de quartzita ou calcita. Mas nosso último achado foi grafita.

— Grafita? E para que isso serve?

— Entre outras coisas, é a ponta de um lápis. E temos madeira em abundância para lápis, o que ajudará quando se esgotar o suprimento de outros instrumentos de escrita. Pode ser usada também na lubrificação de engrenagem, o que conservaria os suprimentos de gorduras animais e vegetais para propósitos alimentares.

— É curioso, a gente nunca pensa em coisas assim — comentou Judy. — Milhões de coisinhas de que precisa e nas quais nunca pensa.

— Tem toda razão — disse um dos homens de MacAran. — Sempre pensei em cosméticos como algo extra... algo que as pessoas podem dispensar numa emergência. Mareia Cameron me contou outro dia que estava trabalhando num programa de alta prioridade para creme facial. Perguntei por quê, e ela me lembrou que num planeta com tanta neve e gelo era uma necessidade urgente manter a pele macia e evitar rachaduras e infecções.

Judy riu.

— É verdade. E neste momento estamos fazendo o maior esforço na tentativa de encontrar um substituto para a farinha, a fim de fazer talco infantil. Os adultos podem usar o talco comum, de origem mineral, abundante por aqui, mas que causa problemas pulmonares às crianças que o respiram. Não conseguimos moer bastante fino nenhum dos cereais e nozes locais; a farinha é boa para comer, mas não bastante absorvente para a pele delicada das bundinhas infantis.

— Qual é a urgência agora, Judy? — perguntou MacAran.

Ela deu de ombros.

— Na Terra, ainda me faltariam cerca de dois meses e meio. Camilla e eu, assim como a namorada de Alastair, Alarma, estamos correndo juntas; a próxima turma deverá chegar um mês depois. Mas aqui... ninguém sabe com certeza. - Ela fez uma pausa. - Esperamos que o inverno comece antes disso. Mas você ia me falar sobre o que descobriu hoje.

— Greda de pisoeiro ou algo tão parecido que não posso perceber a diferença. — À expressão impassível de Judy, ele explicou: — É usada na fabricação de tecidos. Temos pequenos suprimentos de fibras animais, algo parecido com lã, dos coelhos-de-chifres. São abundantes e podem ser criados na fazenda, mas a greda de pisoeiro tornará o tecido mais fácil de manipular e encolher.

— Nunca ninguém pensa em pedir a um geólogo que encontre alguma coisa para a fabricação de tecidos — comentou Janice.

— Em última análise, todas as ciências estão relacionadas, embora na Terra tudo fosse tão especializado que perdemos isso de vista. - Judy tomou o resto de seu chá. — Vai voltar ao Acampamento Base, Rafe?

Ele sacudiu a cabeça.

— Não. Continuaremos na floresta, provavelmente visitaremos aquelas colinas em que fomos na primeira expedição. Pode haver córregos que desçam das colinas distantes e vamos procurá-los. E por isso que o Dr. Fraser está conosco... ele quer descobrir mais sinais do povo que avistamos na última viagem, obter uma noção mais acurada de seu nível cultural. Sabemos que constroem pontes

de uma árvore a outra... ainda não tentamos subir nelas. E evidente que eles são muito mais leves do que nós e não queremos quebrar seus artefatos ou assustá-los.

— Eu gostaria de poder ir junto - disse Judy, com uma expressão ansiosa. - Mas tenho ordens para nunca me afastar além de umas poucas horas do acampamento até o bebê nascer.

MacAran percebeu o anseio profundo e, com sua nova capacidade de captar emoções, disse gentilmente:

— Não se preocupe, Judy. Não vamos perturbar ninguém que encontrarmos, quer seja o povo pequeno que construiu as pontes ou... alguém mais. Se qualquer dos seres aqui fosse hostil a nós, já teríamos descoberto a esta altura. Não temos a intenção de incomodá-los. Um dos motivos de nossa expedição é verificar se não estamos inadvertidamente violando o espaço vital deles ou afetando qualquer coisa de que precisam para sua sobrevivência. Depois de sabermos onde eles estão assentados, saberemos onde não devemos assentar. Ela sorriu.

— Obrigada, Rafe. É bom saber disso. Se estamos pensando nesses termos, não preciso me preocupar.

Pouco depois os dois grupos se separaram, a turma de verificação dos alimentos retornou ao Acampamento Base, enquanto o pessoal de MacAran se embrenhava ainda mais pelas colinas.

Por duas vezes, nos dez dias seguintes, eles avistaram pequenos indícios dos alienígenas peludos de olhos grandes; uma vez, sobre um córrego na montanha, depararam com uma ponte construída com laços entrelaçados de junco, com escadas de cordas levando para os níveis inferiores das árvores. Sem tocá-la, o Dr. Fraser examinou o material que fora usado, comentando que a necessidade de fibras, cordões e cordas mais grossas era maior do que podia ser atendida pelos pequenos suprimentos de planta-corda. Cerca de cento e cinquenta quilômetros além do acampamento, pelas colinas, encontraram o que parecia ser um círculo de árvores plantadas assim de forma meticulosa, com várias escadas de corda pendentes; mas o local dava a impressão de estar abandonado e a plataforma construída entre as árvores, de algo semelhante a vime,



achava-se dilapidada e podia-se avistar o céu através dos buracos no fundo. Fraser olhou ansioso para o alto.

— Eu daria cinco anos de minha vida para dar uma olhada lá em cima. Eles usam móveis? É uma casa, um templo ou o quê? Mas não posso subir nessas árvores e as escadas de corda provavelmente não agüentariam sequer o peso de Janice, muito menos o meu. Pelo que me lembro, nenhum deles era maior do que uma criança de dez anos.

— Há tempo suficiente — disse MacAran. O lugar está abandonado, podemos voltar algum dia com escada de mão e explorar tudo. Pessoalmente, acho que é uma fazenda.

— Uma fazenda?

MacAran apontou. Nos troncos regularmente espaçados cresciam os deliciosos fungos cinzentos que MacLeod descobrira antes do primeiro Vento, em fileiras tão retas e a intervalos tão iguais como se tivessem sido fixados com a ajuda de uma régua.

— Dificilmente eles poderiam crescer de forma tão impecável - explicou MacAran. - Devem ter sido plantados. Talvez eles voltem aqui a intervalos de poucos meses para a colheita. A plataforma lá em cima pode ser qualquer coisa... um lugar para descanso, um celeiro, um acampamento noturno. Mas é claro que também pode ser uma plantação que eles abandonaram há anos.

— É bom saber que essas coisas podem ser cultivadas. - Fraser começou a fazer anotações meticulosas em seu caderno sobre o tipo exato de árvores em que os fungos cresciam, o espaçamento e a altura das fileiras. — Olhe só para aquilo! Tudo indica que é um sistema de irrigação simples para desviar a água do lugar em que os fungos crescem diretamente para as raízes das árvores!

Enquanto subiam pelas colinas, a localização da "fazenda" devidamente registrada no mapa de Janice, MacAran descobriu-se a pensar nos alienígenas. Podiam ser primitivos, mas que outro tipo de sociedade era possível naquele mundo? Seu nível de inteligência devia ser comparável ao de muitos homens, a julgar pela sofisticação de seus artefatos.

O comandante fala de um retorno à selvageria. Mas desconfio que não poderíamos voltar, mesmo que tentássemos. Em primeiro

lugar, formamos um grupo seleta, a metade com instrução nos níveis superiores, o resto tendo passado pelos rigorosos exames de seleção para as colônias. Chegamos aqui com os conhecimentos adquiridos em milhões de anos de evolução e umas poucas centenas de anos de tecnologia compulsória, pressionada por um mundo superpovoado e poluído. Podemos não ser capazes de transplantar toda a nossa cultura, este planeta não sobreviveria, provavelmente seria suicídio tentar. Mas ele não precisa se preocupar com a possibilidade de retorno a um nível primitivo. O que quer que acabemos fazendo com este mundo, creio que o resultado final não ficará abaixo do que tínhamos na Terra, em termos da mente humana tirando o melhor proveito do que encontra. Será diferente... provavelmente em algumas gerações nem mesmo eu poderia relacionar com a cultura da Terra. Mas os humanos não podem ser menos do que humanos, e a inteligência não funciona abaixo de seu próprio nível.

Aqueles pequenos alienígenas desenvolveram-se de acordo com as necessidades deste mundo; um povo da floresta, usando pêlo (MacAran, estremeando com a chuva gelada de uma noite de verão, desejou ter também), vivendo em simbiose com a vegetação. Mas, até onde ele podia julgar, aquelas construções eram indicativas de um nível elevado de refinamento e capacidade de adaptação.

Como Judy os chamara? Os irmãozinhos que não são sábios. E como eram os outros alienígenas? Era evidente que aquele planeta produzira duas raças totalmente sápias, e elas deviam coexistir em algum grau. Era um bom sinal para a humanidade e os outros. Mas o alienígena de Judy - era o único nome que ele tinha e mesmo agora ainda se descobria a duvidar de sua existência - devia estar bastante próximo do humano para gerar uma criança numa mulher da Terra. A possibilidade era estranhamente perturbadora.

No décimo quarto dia da expedição eles alcançaram as encostas inferiores da vasta geleira que Camilla batizara de A Muralha ao redor do Mundo. Erguia-se por cima deles a encobrir metade do céu, e MacAran sabia que era impossível de escalar, mesmo com aquele nível de oxigênio. Nada havia além daquelas encostas inferiores, a não ser rocha e gelo, fustigados pelos eternos

ventos gelados, de nada adiantaria continuar. Mas mesmo enquanto o grupo se afastava da enorme cordilheira, a mente de MacAran rejeitava aquele impossível de escalar. E ele pensou: Não, nada é impossível. Não podemos escalar agora. Talvez não em minha vida; certamente não daqui a dez ou vinte anos. Mas não está na natureza humana aceitar limitações desse tipo. Algum dia eu voltarei e farei a escalada. Ou meus filhos farão. Ou os filhos deles.

— Até agora, sempre seguimos na mesma direção — comentou o Dr. Fraser. - A próxima expedição deve ir na direção contrária. Por este lado só há floresta e mais floresta.

— Podemos aproveitar as florestas — respondeu MacAran. — Talvez no outro lado só haja um deserto. Ou um oceano. Ou, por tudo o que sabemos, vales férteis e até cidades. Só o tempo dirá.

Ele verificou os mapas que estavam fazendo, observando com satisfação as áreas preenchidas, mas compreendendo que ainda havia uma vida inteira para explorar. Acamparam naquela noite na base da geleira, e MacAran despertou antes do amanhecer, talvez pela interrupção da intensa nevasca noturna. Deixou a tenda e contemplou o céu escuro e as estrelas desconhecidas, três das quatro luas pairando como pingentes abaixo da crista da cordilheira, antes que os olhos e pensamentos voltassem ao vale. Seu povo lá estava, Camilla com seu filho no ventre. Para o leste havia uma claridade difusa, onde o vasto sol vermelho surgiria. MacAran sentiu-se subitamente dominado por um contentamento profundo e indescritível.

Nunca fora feliz na Terra. A colônia teria sido melhor, mas mesmo lá precisaria se ajustar a um mundo projetado por outros homens, não para gente como ele. Aqui poderia participar da projeção original de tudo, esculpir e criar o que quisesse para si mesmo e seus filhos, para os filhos de seus filhos. Tragédia e catástrofe os haviam trazido para aquele mundo, loucura e morte os assolara, mas MacAran sabia que era um dos afortunados. Encontrara seu próprio lugar, e era bom.

Levaram a maior parte daquele dia e do seguinte voltando pelo mesmo caminho que os levava à base da geleira, através de um céu cinzento e um acúmulo de nuvens carregadas. MacAran, que

desconfiava do bom tempo naquele planeta, mesmo assim sentiu o prurido agora familiar da inquietação. Perto do anoitecer do segundo dia a neve começou a cair, mais intensa do que qualquer coisa que ele já vira naquele mundo. Mesmo com as roupas quentes, os terráqueos congelavam e o senso de orientação logo desapareceu, num mundo que se convertera num turbilhão branco de insanidade, sem cor, forma ou lugar. Não ousavam parar, mas logo ficou patente que não poderiam continuar por muito mais tempo pelas camadas cada vez mais profundas de neve, nas quais afundavam e escorregavam, agarrando-se uns aos outros. Só podiam continuar a descer. Qualquer outra direção não fazia sentido. A situação tornou-se um pouco melhor sob as árvores, mas o vento uivando das alturas e os galhos rangendo e estalando, como velas sacudidas em algum navio além da imaginação, povoavam o crepúsculo com vozes fantásticas. Houve uma ocasião em que tentaram se abrigar sob uma árvore e começaram a armar a tenda, mas o vento a soprou para longe, saíram correndo em seu encalço através da neve, até que ela prendeu numa árvore e conseguiram recuperá-la. Mas era inútil como abrigo e foram sentindo cada vez mais frio, os blusões mantendo-os secos por dentro, mas quase nada fazendo para bloquear o frio penetrante. Fraser murmurou, batendo os dentes, enquanto se mantinham juntos por trás de uma árvore maior que as outras:

— Se é assim no verão, que tipo de tempestades teremos no inverno?

MacAran respondeu sombriamente:

— Desconfio que no inverno nenhum de nós deve deixar o Acampamento Base.

Ele pensou na tempestade depois do primeiro Vento, quando procurara Camilla através da nevasca ligeira. Pensara que era uma terrível tempestade. Quão pouco conhecia aquele mundo! Foi dominado por um medo intenso e um senso de pesar. Camilla. Ela está sã e salva no acampamento, mas será que algum de nós conseguirá voltar para lá? Ele pensou com uma pontada angustiante de autocompaixão que nunca veria o rosto do filho, mas tratou de descartar o pensamento, irritado. Ainda não precisavam desistir e

deitar para morrer, mas tinha de haver um abrigo em algum lugar. Se nada encontrassem, não poderiam sobreviver à noite. A tenda não mais adiantava coisa alguma, mas tinha de haver uma saída.

Pense. Gabou-se para si mesmo sobre o grupo seletivo e inteligente que constituímos. Use a sua inteligência ou será a mesma coisa que um aborígine australiano.

Talvez seja melhor ser assim. A sobrevivência é uma coisa em que eles são muito competentes. Mas você tem sido mimado durante toda a sua vida.

Sobreviva, de qualquer maneira.

Ele segurou o braço de Janice com uma das mãos, o Dr. Fraser pela outra; puxou também o jovem Domenick, o garoto da Comuna que vinha estudando geologia para o trabalho na colônia. E disse, gritando acima do vento uivante:

— Alguém pode ver onde ficam as árvores mais grossas? Como não é provável que haja uma caverna ou algum outro abrigo por aqui, temos de aproveitar da melhor forma possível os arbustos ou qualquer outra coisa que possa quebrar o vento e nos manter secos.

Janice respondeu, numa voz quase inaudível:

— É difícil ver qualquer coisa, mas tive a impressão de que há alguma coisa escura ali. As árvores devem ser tão grossas que não posso ver ali. É isso o que está procurando?

MacAran também tivera a mesma impressão; agora, com a confirmação, ele decidiu confiar. Fora levado direto para Camilla, na outra ocasião.

Psíquico? Era bem possível. E o que tinha a perder?

— Temos de ficar todos de mãos dadas — ele disse, mais com gestos do que com palavras. - Se nos perdermos uns dos outros, nunca mais tornaremos a nos encontrar com esta tempestade.

E foi assim, as mãos se segurando com toda firmeza, que se encaminharam para o lugar que não passava de uma mancha mais escura contra as árvores. A mão do Dr. Fraser apertou com mais força o braço de MacAran, ele inclinou o rosto e gritou:

— Talvez eu esteja perdendo o juízo, mas vi uma luz!

MacAran pensara que era uma ilusão de seus olhos fustigados pelo vento. O que pensava ter visto além era ainda mais improvável;

o vulto de um homem? Alto, com um brilho pálido e nu mesmo na tempestade... não, sumira, não passara de uma visão, mas ele tinha a impressão de que a criatura chamara da escuridão... eles avançaram na direção com o maior esforço. Janice murmurou:

— Você viu?

— Tive essa impressão.

Depois, quando se encontravam no abrigo das árvores entrelaçadas, eles compararam observações. Não haviam visto a mesma coisa. O Dr. Fraser vira apenas a luz. MacAran vira um homem nu, chamando. Janice vira apenas um rosto com uma estranha luminosidade, como se o rosto — foram as suas palavras — estivesse na verdade dentro de sua cabeça, desaparecendo como o gato de Cheshire da história quando contraía os olhos para ver melhor; e para Domenick fora um vulto alto e lustroso, como...

— Como um anjo — ele disse. — Ou uma mulher... uma mulher com cabelos compridos e lustrosos.

Mas, cambaleando atrás, encontraram árvores compactas que mal conseguiram passar; MacAran tivera de se abaixar para passar, levando os outros.

Dentro do arvoredo a neve era mínima e o vento uivante não podia alcançá-los. Ficaram bem juntos, cobertos pelas mantas, partilhando o calor do corpo, comendo rações frias. Depois, MacAran acendeu uma luz e descobriu que no tronco de uma árvore havia pedaços de madeira meticulosamente pregados. Uma escada na árvore...

Mesmo antes de começarem a subir, ele adivinhou que não era uma das casas do povo peludo. Os degraus eram bastante espaçados para criarem dificuldade até para MacAran; Janice, que era pequena, teve de ser puxada. O Dr. Fraser vacilou, mas MacAran não sentiu a menor hesitação.

— Se todos vimos alguma coisa diferente - ele disse -, então é evidente que fomos trazidos até aqui. Alguma coisa falou diretamente a nossas mentes. Pode-se dizer que fomos convidados. Se a criatura estava nua... e dois de nós a viram assim... é evidente que o frio não os incomoda, o que quer que sejam, mas sabem que

nos faz correr perigo. Sugiro que aceitemos o convite, com o devido respeito.

Tiveram de se espremer por uma porta estreita numa plataforma e entraram numa habitação de madeira bem construída. MacAran ia acender sua luz de novo, mas descobriu que não era necessário, pois havia uma claridade difusa no interior, proveniente de algum material fosforescente nas paredes. Lá fora o vento uivava e os galhos das árvores balançavam e rangiam. O chão macio da habitação tinha algum movimento, que não era desagradável, mas era um pouco inquietante. Havia um único cômodo, grande; o chão estava coberto por alguma coisa macia e esponjosa, como se musgo ou alguma relva de inverno crescesse ali. Os viajantes, exaustos e enregelados, deitaram agradecidos, relaxando no relativo calor, segura e abrigo, e não demoraram a pegar no sono.

Antes de adormecer, MacAran teve a impressão de ouvir à distância um som alto e suave, como canto, através da tempestade. Canto? Canto? Nada podia viver lá fora, naquela terrível nevasca! Contudo, a impressão persistiu; à beira do sono, palavras e imagens afloraram em sua mente.

Muito abaixo dali, nas colinas, desorientado e atordoado depois da primeira exposição ao Vento Fantasma, retornando à sanidade para encontrar a tenda armada, as mochilas e equipamentos científicos arrumados lá dentro. Camilla pensara que fora ele. E MacAran pensara que fora ela.

Alguém está velando por nós. Protegendo-nos.

Judy disse a verdade.

Por um instante, um rosto belo e sereno, que não era masculino nem feminino, flutuou em sua mente. "É verdade. Sabemos que vocês estão aqui. Não lhes queremos mal, mas nossos caminhos são separados. Mesmo assim, vamos ajudá-los da maneira como pudermos, apesar de só podermos fazer um contato mínimo, através das portas fechadas de suas mentes. É melhor que não cheguemos muito perto; mas esta noite durmam em segurança e partam em paz..."

Na mente de MacAran havia uma luminosidade em torno das lindas feições, os olhos prateados; e nem naquele momento nem

depois MacAran jamais soube se vira os olhos do alienígena ou as feições iluminadas, ou se a mente apenas os captara e formara uma imagem baseada em sonhos infantis de anjos, fadas ou santos com auréolas. Mas ao som do canto distante e do ruído embalador do vento ele adormeceu.



## Capítulo Quinze

—...e isso é tudo o que aconteceu. Permanecemos lá dentro durante cerca de trinta e seis horas, até que a nevasca cessou e o vento diminuiu. Não tivemos qualquer vislumbre de quem vivia ali. Desconfio que ele se manteve cuidadosamente oculto até irmos embora. Não foi para lá que ele a levou, Judy?

— Não foi tão longe assim. Nem muito perto. E não foi para a habitação de alguém de seu povo. Creio que era uma das cidades do povo pequeno, os homens das árvores, como ele os chamou. Mas não pude encontrar o lugar de novo e também não gostaria de encontrá-lo.

— Mas estou absolutamente convencido de que eles têm boa vontade em relação a nós — disse MacAran. — Não é possível que tenha sido o mesmo que você conheceu?

— Como posso saber? Mas é evidente que se trata de uma raça telepática; desconfio que qualquer coisa do conhecimento de um é transmitida para os outros... pelo menos para seus íntimos, sua família... se é que têm família.

— Talvez algum dia eles venham a compreender que não lhes queremos mal.

Judy sorriu tristemente.

— Tenho certeza que eles sabem que você... e eu... não lhes queremos mal; mas há alguns de nós que não conhecem, e desconfio que o tempo talvez não tenha tanta importância para eles quanto tem para nós. Isso nada tem de estranho, exceto para nós, europeus ocidentais... mesmo na Terra, os orientais muitas vezes fazem planos e pensam em termos de gerações, em vez de meses ou mesmo anos. Possivelmente eles pensam que há tempo para nos conhecermos num século qualquer.

MacAran riu.

— Seja como for, não iremos a parte alguma. Acho que há tempo suficiente. O Dr. Fraser está na maior felicidade, tem anotações antropológicas em quantidade suficiente para proporcionar a plena ocupação de todas as suas horas extras

durante três anos. Ele deve ter anotado tudo o que viu na habitação... espero que eles não se sintam ofendidos por Fraser ter esmiuçado tudo. Anotou inclusive tudo o que era usado como alimentação... se somos de uma espécie similar, parece evidente que poderemos comer tudo o que eles comem. Não tocamos em seus suprimentos, é claro, mas Fraser registrou tudo. Digo ele apenas por uma questão de conveniência. Domenick está convencido de que foi uma mulher que nos levou até lá. Além disso, a única peça de mobiliário existente no lugar... uma peça bastante grande... parecia um tear, com um novelo. Havia bolas de alguma fibra vegetal... parecia com o algodão-do-campo da Terra... encharcando, obviamente sendo preparada para o tear. Encontramos algumas amostras da planta na viagem de volta e entregamos a MacLeod na fazenda. Tudo indica que dará para fazer um bom tecido.

Judy disse, enquanto ele se levantava para sair:

— Deve compreender que ainda há muitas pessoas no acampamento que nem sequer acreditam que existam alienígenas neste planeta.

MacAran fitou-a nos olhos.

— Isso tem alguma importância, Judy? Nós sabemos. Talvez tenhamos de esperar e começar a pensar também em termos de gerações. Talvez todos os nossos filhos saberão.

O verão continuou no mundo do sol vermelho. Cada dia o sol subia um pouco mais alto no céu, houve um solstício, o ângulo passou a baixar; Camilla, que se fixara como tarefa organizar um calendário constatou que as mudanças diárias no sol e no céu indicavam que os dias, alongando-se durante os primeiros quatro meses que passaram naquele mundo, recomeçavam a encurtar, a caminho do inverno inimaginável. O computador, com todas as informações fornecidas, previra dias de escuridão, temperaturas no nível de zero grau centígrado e tempestades glaciais virtualmente constantes. Mas ela lembrou a si mesma que isso era apenas uma projeção matemática de probabilidades. Nada tinha a ver com fatos concretos.

Houve ocasiões, durante aquele segundo terço de sua gravidez, em que ficou espantada consigo mesma. Nunca antes lhe

ocorrera duvidar que a disciplina rigorosa da matemática e a ciência, seu mundo desde a infância, pudessem ter lacunas; ou que algum dia encontraria qualquer problema, exceto os estritamente pessoais, que essas disciplinas não pudessem resolver. Até onde ela podia constatar, as velhas disciplinas ainda eram válidas para seus companheiros de tripulação. Mesmo as evidências cada vez mais freqüentes de sua crescente capacidade de ler as mentes dos outros e contemplar o futuro de maneira fantástica, fazendo previsões desconcertantemente acuradas, baseadas apenas em rápidos vislumbres do que tinha de chamar de "pressentimento"... mesmo isso era ignorado e descartado com desdém. Contudo, Camilla sabia que outros também experimentavam a mesma coisa.

Foi Harry Leicester — secretamente, ela ainda pensava nele como Comandante Leicester — quem formulou a questão de maneira mais clara. Quando se encontrava em sua companhia, Camilla podia pensar quase como ele.

— Mantenha o que você conhece, Camilla. Isso é tudo o que pode fazer; é o que se chama de integridade intelectual. Se uma coisa é impossível, então é mesmo impossível.

— E se o impossível acontece? Como a PES?

— Nesse caso, você de alguma forma interpretou erroneamente os fatos ou está fazendo suposições baseadas em indicações subliminares. Não exagere nisso por causa de sua vontade de acreditar. Espere pelos fatos.

— E o que exatamente consideraria como uma prova? Leicester balançou a cabeça.

— Para ser franco, não há nada que eu pudesse considerar como prova. Se acontecesse comigo, haveria apenas de me considerar insano, e sem valor a experiência dos sentidos.

E Camilla pensou: O que me diz então da vontade de desacreditar? E como pode ter integridade intelectual quando rejeita todo um conjunto de fatos como impossíveis antes de sequer verificá-los? Mas ela amava o comandante e os velhos hábitos persistiam. Algum dia talvez houvesse uma confrontação, mas ela esperava, com um suave desespero, que não ocorresse tão cedo.

A chuva noturna continuava e não houve mais os assustadores ventos da loucura, mas as trágicas estatísticas que Ewen Ross previra se confirmaram, com uma terrível inevitabilidade. De cento e quatorze mulheres, oitenta ou noventa deveriam engravidar em cinco meses; quarenta e oito engravidaram e vinte e duas tiveram abortos espontâneos em dois meses. Camilla sabia que seria uma das afortunadas, e foi o que aconteceu; sua gravidez continuou tão tranqüila que havia ocasiões em que se esquecia por completo de seu estado. Judy também teve uma gravidez tranqüila; mas a moça da Comuna das Hébridas, Alarma, entrou em trabalho de parto no sexto mês de gravidez e deu a luz a gêmeos prematuros, que morreram segundos depois do nascimento. Camilla tinha pouco contato com as mulheres da Comuna - a maioria trabalhava em Nova Skye, exceto pelas grávidas, que ficavam no hospital - mas quando soube disso experimentou uma profunda angústia. Naquela noite procurou MacAran e ficou com ele por um longo tempo, abraçando-o numa agonia silenciosa, que ela não podia explicar nem compreender. E acabou perguntando:

— Rafe, você conhece uma jovem chamada Fiona?

— Conheço e muito bem. É uma bela ruiva de Nova Skye. Mas não precisa ter ciúme, querida, pois creio que ela está vivendo agora com Lewis MacLeod. Por quê?

— Conhece muita gente em Nova Skye, não é mesmo?

— É verdade. Tenho estado lá com bastante frequência ultimamente. Mas por que pergunta? Pensei que os considerava como selvagens repulsivos. - Rafe estava um pouco defensivo. - No fundo, são boas pessoas e gosto da maneira como vivem. Não estou lhe pedindo para se juntar a elas. Sei que você não aceitaria, e eles não me deixariam entrar sem uma mulher... tentam manter os sexos equilibrados, embora não casem... apesar de me tratarem como um dos seus.

Camilla disse com uma gentileza excepcional:

— Estou muito contente por isso, e pode ter certeza de que não sinto ciúmes. Mas gostaria de falar com Fiona, e não sei explicar o motivo. Poderia me levar a uma das reuniões?

— Não precisa explicar nada. Eles vão realizar um concerto... informal, é claro, mas é exatamente isso... esta noite. Qualquer um pode comparecer. Você pode até participar, se sentir vontade de cantar. Eu mesmo participo às vezes. Conhece algumas das antigas canções espanholas, não é mesmo? Há uma espécie de projeto informal de preservar tanta música quanto pudermos lembrar.

— Terei o maior prazer, em alguma outra ocasião. Estou muito sem fôlego agora para cantar. Talvez depois que o bebê nascer.

Ela pegou a mão de MacAran, que sentiu uma pontada de ciúme. Ela sabe que Fiona está com o filho do comandante e quer vê-la. E por isso que não sente ciúme de mim, não se importa...

Eu estou com ciúme. Mas gostaria que ela mentisse para mim? Ela me ama, está com meu filho, o que mais eu poderia querer?

Eles ouviram a música começar antes de chegarem ao novo Salão Comunitário na fazenda de Nova Skye. Camilla olhou para MacAran numa consternação espantada.

— Santo Deus, o que é essa barulheira infernal?

— Esqueci que não era uma escocesa, querida. Não gosta de gaita de foles? Moray, Domenick e mais dois as tocam, mas não precisa entrar até eles acabarem.

— Parece pior do que um banshee à solta - comentou Camilla.  
- Nem toda a música é assim, não é mesmo?

— Claro que não. Há harpas, guitarras, alaúdes, e não sei mais o quê. E estão construindo novos instrumentos musicais. — Ele apertou os dedos de Camilla enquanto as gaitas terminavam de tocar, e se encaminharam para o salão. — É uma tradição, mais nada. As gaitas. E os aparatos das Terras Altas... os kilts e espadas.

Surpreendentemente, Camilla sentiu uma leve pontada de inveja ao entrarem no salão, iluminado por velas e tochas; as mulheres usavam saias de tartã e os homens estavam resplandecentes em kilts e espadas. Muitos tinham os cabelos vermelhos. Uma pitoresca tradição. Eles a passam adiante, enquanto as nossas tradições... morrem. Ora, deixe disso, que tradições? O desfile anual da Academia Espacial? As tradições deles pelo menos cabem neste mundo estranho.

Dois homens, Moray e o ruivo alto chamado Alastair, estavam fazendo uma dança de espadas, pulando agilmente através das lâminas brilhantes, ao som de uma flauta. Por um instante Camilla teve uma estranha visão de espadas reluzentes, não usadas em diversões, mas em combates mortais; e depois a imagem se desvaneceu e ela também aplaudiu os dançarinos.

Houve outras danças e canções, a maioria desconhecida para Camilla, com uma cadência estranha e melancólica, um ritmo que a fazia pensar no mar. E o mar também aparecia em muitas letras. Estava um tanto escuro no salão, apesar das velas e tochas, e ela não avistou em parte alguma a moça de cabelos castanho-avermelhados que procurava. Depois de algum tempo esqueceu a urgência que a levara até ali, escutando as tristes canções de um mundo desaparecido de ilhas e mares:

*Ó Mhari, Mhari, minha amada,  
Seus olhos azuis da cor do mar  
Me atraem por encanto, ao largo da praia  
O vento sopra e meu coração chora de amor...*

O braço de MacAran apertava-a com firmeza e ela se apoiou nele por completo. E murmurou:

— Como é estranho, num mundo sem mares, que tantas canções do mar sejam mantidas...

— Dê-nos tempo. Encontraremos alguns mares para cantar e... Ele parou de falar, pois a canção acabara e alguém gritou:

— Fiona! Cante para nós, Fiona!

Outros apoiaram a exortação, e não demorou muito para que a jovem esguia de cabelos vermelhos, usando uma saia azul e verde que acentuava, quase ostensivamente, sua gravidez, avançou pela multidão e disse em voz suave:

— Não posso cantar muito agora, pois ando sem fôlego. O que gostariam de ouvir?

Alguém gritou em gaélico; ela sorriu e balançou a cabeça, depois pegou uma pequena harpa de outra moça e sentou num

banco de madeira. Os dedos se movimentaram em arpejos por um momento e depois ela se pôs a cantar:

*O vento da ilha traz canções de nosso pesar  
O grito das gaivotas e o suspiro dos regatos;  
Em todos os meus sonhos escuto as águas  
Que descem das montanhas na terra de nossos sonhos.*

A voz era baixa e melodiosa e, enquanto a moça cantava, Camilla captou imagens de colinas verdejantes, contornos familiares da infância, memórias de uma Terra que poucos podiam lembrar, mantidas vivas apenas nas canções assim; memórias de um tempo em que as colinas da Terra eram verdes, sob um sol dourado e um céu azul...

*Sobre para oeste, vento do mar, traga-nos algum murmúrio  
À deriva de nossa pátria da honra e da verdade;  
No sono e na vigília estou ouvindo as águas  
Que correm das colinas na terra de nossa juventude.*

Camilla sentiu um aperto na garganta com um meio soluço. A terra perdida, esquecida... pela primeira vez ela efetuou um esforço consciente para abrir os olhos da mente à percepção especial que conhecera desde o Primeiro Vento. Fixou os olhos e a mente, intensamente, com um ímpeto quase de amor arrebatado, na moça que cantava; e depois viu e relaxou.

Ela não vai morrer. Sua criança viverá.

Eu não poderia suportar que ele se extinguisse como se nunca tivesse existido...

O que há de errado comigo? Ele tem apenas uns poucos anos a mais do que Moray, não há motivo para que não sobreviva à maioria de nós... mas a angústia persistia, assim como o alívio intenso, enquanto a canção de Fiona chegava ao fim:

*Cantamos nesta terra distante as canções do exílio.  
Flautas e harpas são tão belas quanto antes;*

*Mas nunca haverá música mais doce do que as águas  
Que correm naquela terra que não mais veremos.*

Camilla descobriu que estava chorando; mas não era a única. Todos ao redor, no salão escuro, os exilados, lamentavam seu mundo perdido, incapaz de suportar por mais tempo, Camilla levantou-se e encaminhou-se às cegas para a porta, tateando através da multidão. Quando constataram que ela estava grávida, todos lhe deram passagem, cortesmente. MacAran foi atrás, mas ela não lhe deu atenção; só quando se encontravam lá fora é que Camilla virou-se para ele e o abraçou, chorando desesperadamente. Mas quando começou a ouvir as perguntas preocupadas de MacAran tratou de descartá-las. Não sabia como responder.

Rafe tentou confortá-la, mas de alguma forma foi contagiado por sua inquietação e por algum tempo não soube o motivo, até que lhe ocorreu abruptamente.

Lá em cima a noite era clara, sem nuvem ou sinal de chuva. Duas enormes luas, uma verde, outra azul, pairavam no céu violeta escurecendo. E os ventos aumentavam.

Dentro do salão da Comuna das Novas Hébridas a música mudou de ritmo quase imperceptivelmente e começou uma dança coletiva, com um crescente senso de união, amor e comunhão, com uma intimidade que nunca seria esquecida ou rompida. Em determinado momento, tarde da noite, quando as tochas flamejavam quase no fim, dois homens avançaram, numa explosão de ira violenta, as espadas faiscando nos trajes das Terras Altas, encontrando-se com o estrépito do aço. Moray, Alastair e Lewis MacLeod correram para os dois homens furiosos e os derrubaram, arrancando as espadas de suas mãos e sentando em cima deles - literalmente - até que a erupção de raiva terminasse. Depois, libertando-os gentilmente, despejaram uísque por suas gargantas (Os escoceses dão um jeito de fabricar uísque nos confins do universo, pensou Moray, não importa do que mais tenham de se privar), até que os dois brigões se abraçaram, embriagados, jurando amizade eterna. A festa continuou até que o sol nasceu, no céu claro, sem nuvens.



Judy despertou, sentindo a agitação do vento como uma lufada fria que penetrava até seus ossos, o estranho alerta em seu cérebro. Sentiu no mesmo instante, como se quisesse se tranquilizar, onde a criança se mexia, com uma vida estranha e forte. Está tudo bem, mas ela também sente os ventos da loucura.

Estava escuro no quarto em que deitava, e ela ficou escutando os sons da canção distante. Está começando, mas desta vez... desta vez sabem o que é, podem enfrentar sem medo ou estranheza? A própria Judy sentia uma calma absoluta, um silêncio no centro de seu ser. Sabia, sem surpresa, o que exatamente provocara a loucura a princípio; e sabia também que a loucura não voltaria, pelo menos para ela. Sempre haveria, na estação dos ventos, alguma estranheza, uma abertura e percepção maiores; os poderes latentes, durante tanto tempo adormecidos, sempre seriam mais fortes sob a influência do potente psicodélico trazido pelo vento. Mas ela sabia agora como lidar com os poderes, e haveria apenas a pequena loucura que acalma a mente e resguarda o cérebro irrequieto do estresse, deixando-o livre para enfrentar o estresse em outra ocasião. Judy deixou-se ficar à deriva agora, projetando os pensamentos para um contato meio sentido, que era como uma memória. Tinha a sensação de que girava, flutuava nos ventos que agitavam seus pensamentos. Por um instante os pensamentos se encontraram com o alienígena (mesmo agora não tinha um nome para ele, não precisava de nenhum, conheciam um ao outro como uma mãe conhece o rosto de seu filho ou como gêmeo reconhece gêmeo, estariam sempre unidos, mesmo que seus olhos nunca mais tornassem a contemplar o rosto dele), numa união breve e meio extasiada. E por mais breve que fosse o contato, ela não precisava nem desejava mais do que isso.

Ela pegou a pedra, o presente de amor que ele lhe dera. Teve a impressão de que luzia na escuridão com seu fogo interior, como brilhara na mão dele ao entregá-la na floresta, repetindo o estranho brilho azul-prateado de seus olhos. Tente dominar a pedra. Judy focalizou os olhos e pensamentos na pedra, empenhando-se em saber, com aquela insólita visão interior, o que significava.

Estava escuro no quarto, pois a noite seguia o seu curso e as luas mergulharam por trás da janela, a luz das estrelas era fraca. A pedra ainda na mão, Judy pegou uma vela de resina; o sono estava distante. Tateou na escuridão à procura de um acendedor, errou e ouviu o pequeno instrumento de ponta química cair no chão. Sussurrou uma imprecação irritada, agora teria de sair da cama para encontrar o acendedor. Olhou fixamente para a vela de resina, de certa forma olhando através da pedra em sua mão.

Acenda!

A vela de resina na ponta de madeira subitamente pegou fogo, uma chama brilhante. Judy, ofegando e sentindo o coração disparar, rapidamente apagou a chama; outra vez concentrou os pensamentos na pedra e na chama, a vela tornou a se acender.

Então é isso...

Pode ser perigoso. Esconderei até que chegue o momento oportuno. Naquele momento ela compreendeu que fizera uma descoberta que poderia um dia transpor o abismo entre o conhecimento transplantado da Terra e o conhecimento antigo daquele mundo estranho; mas também compreendeu que não falaria a respeito por um longo tempo, se é que algum dia. Quando chegar o momento e suas mentes estiverem fortes e preparadas, então... então talvez eles mereçam confiança para saber. Se eu revelar agora, metade não vai acreditar... e os outros começarão a tramar como usar. Agora não é possível.

Desde a destruição da nave estelar e a aceitação de que se encontravam encalhados ali (Por toda uma vida? Para sempre? Para sempre pelo menos no meu caso), o Comandante Leicester só tivera uma esperança, uma vida de trabalho, algo que proporcionasse uma motivação à sua existência e algum vislumbre de otimismo a seu desespero.

Moray podia estruturar uma sociedade que os ligaria ao solo daquele mundo, enraizando-os como porcos em busca da alimentação cotidiana. Isso era problema de Moray; talvez isso fosse necessário, por enquanto, para desenvolver uma sociedade estável que pudesse garantir a sobrevivência. Mas a sobrevivência nada significava se fosse apenas sobrevivência, e ele compreendia agora

que podia ser mais. Algum dia levaria seus filhos de volta às estrelas. Ele tinha o computador; e possuía uma tripulação tecnicamente treinada e uma vida inteira de conhecimento. Durante os últimos três meses retirara sistematicamente todos os equipamentos da nave, programara tudo o que aprendera, tudo o que sabia, no computador, com a ajuda de Camilla e três outros técnicos. Transferira para o computador cada livro remanescente da biblioteca, de astronomia a zoologia, de medicina a engenharia eletrônica; convocara cada tripulante sobrevivente, um a um, ajudara-os a transferir todos os seus conhecimentos para o computador. Nada era pequeno demais para não ser programado no computador, da construção e reparos de um sintetizador de alimentos à fabricação e conserto de um zíper do uniforme.

Ele pensava, triunfante: há uma tecnologia inteira aqui, toda uma herança, preservada para nossos descendentes. Provavelmente, isso não será possível durante a minha vida ou a de Moray, talvez nem durante a vida de nossos filhos. Mas quando ultrapassarmos as pequenas lutas pela sobrevivência cotidiana, o conhecimento estará aqui, a nossa herança. Estará tudo aqui, a partir de agora, tanto o conhecimento para curar um tumor cerebral quanto a técnica para fazer uma tigela de vidro; e quando Moray deparar com problemas em sua sociedade estruturada, como vai inevitavelmente acontecer, as respostas estarão aqui. Toda a história do mundo de onde viemos; podemos passar por todos os becos sem saída da sociedade e seguir direto para uma tecnologia que nos levará de volta às estrelas um dia... para retornarmos à grande comunidade do homem civilizado, não tendo que rastejar num único planeta, mas podendo se espalhar como uma enorme árvore de muitas ramificações, de estrela para estrela, de um universo para outro.

Podemos todos morrer, mas a coisa que nos fez humanos sobreviverá - intacta - e algum dia voltaremos. Algum dia reivindicaremos nossa herança.

Ele estava deitado, escutando o canto distante no salão de Nova Skye, no domo que se tornara toda a sua vida. Ocorreu-lhe vagamente que deveria levantar; ir para o salão, juntar-se a eles. Afinal, eles também tinham uma coisa a preservar. Ele pensou na

adorável moça de cabelos castanho-avermelhados que conhecera por tão breve instante e que, espantosamente, levava seu filho no ventre.

Ela ficaria contente em vê-lo, e sem dúvida ele tinha uma responsabilidade, embora tivesse concebido a criança meio sem saber, como uma besta enlouquecida no cio... e encolheu-se ao ter esse pensamento. Ainda assim, a moça fora gentil e compreensiva, e ele devia-lhe alguma coisa, alguma gentileza, por tê-la usado e esquecido. Como era mesmo o seu estranho e lindo nome? Fiona! Um nome gaélico, com certeza. Leicester levantou, procurando por suas roupas, depois hesitou, parado na porta do domo e olhando para o céu claro e brilhante. As luas haviam se posto e o falso amanhecer começava a projetar uma tênue claridade a leste, um arco-íris como uma aurora, que ele calculou ser um reflexo da geleira distante, que nunca vira; e nunca se interessara em ver.

Aspirou o vento e ao absorvê-lo nos pulmões foi invadido por uma estranha e furiosa suspeita. Na última vez eles haviam destruído a nave; desta vez destruiriam a ele e seu trabalho. Bateu a porta do domo e trancou-a; trancou também o cadeado que exigira de Moray. Desta vez ninguém se aproximaria do computador, nem mesmo as pessoas em quem mais confiava. Nem mesmo Patrick. Nem mesmo Camilla.

— Fique tranqüila, meu amor - murmurou Rafe. - Olhe, as luas já se puseram, em breve estará amanhecendo. Como é quente sob as estrelas, ao vento... Por que está chorando, Camilla? Ela sorriu na escuridão.

— Não estou chorando, mas pensando que algum dia encontraremos um oceano... e ilhas... para as canções que ouvimos esta noite... e um dia nossos filhos as cantarão lá.

— Aprendeu a amar este mundo como eu, Camilla?

— Amar? Não sei... mas é o nosso mundo. Não temos de amá-lo. Precisamos apenas aprender a conviver com ele, de alguma forma. Não em nossos termos, mas nos termos dele.

Em todo o Acampamento Base as mentes dos terráqueos explodiram em loucura, alegria ou medo inexplicáveis; mulheres choraram sem saber por que ou riram numa alegria súbita que não

podiam explicar. O Padre Valentine, adormecido em seu abrigo isolado, despertou e desceu a colina, entrou despercebido no salão de Nova Skye, misturando-se com os outros, em amor e completa aceitação. Depois que os ventos acabassem ele voltaria à solidão, mas sabia que nunca mais ficaria completamente sozinho.

Heather e Ewen, partilhando o plantão noturno no hospital, contemplaram o sol vermelho surgir no céu sem nuvens. Abraçados, foram arrancados de seu êxtase silencioso de contemplação do céu (como um faiscar de mil rubis, a claridade intensa afugentando as trevas) por um grito atrás deles, um gemido estridente de dor e terror.

Uma jovem saiu de sua cama e correu para eles, em pânico pela dor repentina, o sangue jorrando; Ewen pegou-a no colo e levou-a de volta para a cama, concentrando toda a sua força e calma, tentando focalizar a sanidade (você pode prevalecer! Lute! Tente!), mas foi detido pelo que viu nos olhos assustados da moça. Heather tocou em seu ombro, compadecida.

— Não — ela murmurou. — Não precisa tentar.

— Oh, Deus, Heather, não posso, não gosto disso, não consigo suportar...

Os olhos da moça estavam arregalados em terror.

— Não podem me ajudar? - ela suplicou. - Oh, por favor, ajudem-me, ajudem-me...

Heather ajoelhou-se e abraçou-a.

— Não, querida — ela disse, gentilmente. — Não podemos ajudá-la. Você vai morrer. Não tenha medo, Laura querida, será muito rápido e estaremos com você. Não chore, querida, não chore, não há nada de que ter medo.

Ela apertou a jovem ternamente, murmurando, confortando, sentindo cada parcela do medo e tentando com a força do contato acalmá-la, até que a jovem ficou quieta e tranqüila em seus braços. Os dois médicos permaneceram assim, chorando com ela, até que a jovem parou de respirar; e depois a ajeitaram na cama, cobriram-na com um lençol, e pesarosos, de mãos dadas, saíram para o nascer do sol e choraram por ela.

O Comandante Harry Leicester viu o sol nascer, esfregando os olhos cansados. Não os desviara do painel do computador, velando pela única esperança de salvar aquele mundo do barbarismo. Pouco antes do amanhecer tivera a impressão de ouvir a voz de Camilla chamando-o da porta, mas com certeza não passara de uma ilusão. (Houvera uma ocasião em que ela partilhara seu sonho. O que teria acontecido?)

Agora, num estranho estado, irrequieto, meio cochilando, meio em transe, ele observou um desfile em sua mente de estranhas criaturas, que não chegavam a ser homens, levando estranhas naves estelares para o céu vermelho daquele mundo e, séculos depois, retornando. (O que procuravam, no mundo além das estrelas? Por que não haviam encontrado?) A busca, no final das contas, poderia ser interminável ou efetuar um círculo completo e acabar no início?

Mas temos alguma coisa em que nos basearmos, a história de um mundo.

Outro mundo. Não este.

Mas respostas de outro mundo se ajustam a este?

Ele disse a si mesmo, furioso, que conhecimento era conhecimento, que conhecimento era poder, e poderia salvá-los...

...ou destruí-los. Depois da longa luta pela sobrevivência, eles não procurarão as respostas antigas, as respostas já prontas do passado, e tentarão reconstituir a história desesperada da Terra, aqui, num mundo com uma corrente de vida mais frágil? E se um dia eles vierem a acreditar, como eu acreditei por algum tempo, que o computador possui de fato todas as respostas?

E não possui?

Leicester levantou e foi até a entrada do domo. A janela fechada, deliberadamente pequena por causa do frio intenso, abriu-se ao seu contato. Contemplou o alvorecer e o estranho sol. Não meu. Mas deles. Algum dia descobrirão seus segredos.

Com a minha ajuda. Minha luta solitária, meu empenho em resguardar para eles uma herança do verdadeiro conhecimento, toda uma tecnologia que os levará de volta às estrelas.

Leicester respirou e começou a escutar em silêncio os sons daquele mundo. Os ventos nas árvores, nas florestas, os regatos

correndo, os animais e pássaros que levavam vidas estranhas e secretas no fundo das matas, os alienígenas desconhecidos que seus descendentes um dia conheceriam.

E não seriam bárbaros. Eles saberiam. Se fossem tentados a explorar algum beco sem saída do conhecimento, a resposta estaria ali, disponível a seu pedido, pronta para explicar tudo.

(Por que a voz de Camilla ressoou em sua mente? "Isso prova apenas que um computador não é Deus.")

A verdade não é uma forma de Deus? Ele indagou, frenético, a si mesmo e ao universo. Conheceras a verdade e a verdade te libertará.

(Ou escravizará? Uma verdade pode esconder outra?)

E de repente uma visão terrível aflorou em sua mente, como se os pensamentos se libertassem do tempo e se lançassem para o futuro, que se estendia tremeluzente à sua frente. Uma raça ensinada a procurar todas as suas respostas ali, no santuário que tinha todas as respostas certas. Um mundo em que nenhuma questão podia jamais ficar em aberto, pois tinha todas as respostas, e o que existia além não era possível explorar.

Um mundo bárbaro, com o computador idolatrado como um Deus.

Um Deus. Um Deus. Um Deus.

E ele estava criando esse Deus.

Deus! Estou louco!

E a resposta surgiu, nítida e implacável. Não. Tenho estado insano desde o acidente com a nave, mas agora estou são. Moray estava certo desde o início. As respostas de outro mundo não são as respostas que podemos usar aqui. A tecnologia, a ciência, não passam de uma tecnologia e uma ciência para a Terra; se tentarmos transferi-las para cá, em sua plenitude, destruiremos este planeta. Algum dia, não tão breve quanto eu gostaria, mas no momento oportuno, eles desenvolverão uma tecnologia baseada no solo, nas pedras, no sol, nos recursos deste mundo. Talvez os leve às estrelas, se quiserem ir. Talvez os leve pelo tempo ou para os espaços interiores de seus próprios corações. Mas será uma tecnologia deles,

não minha. Não sou um Deus. Não posso criar um mundo à minha imagem.

Ele levara tudo o que havia na ponte de comando da nave para aquele domo. Agora, calmamente, começou a definir o que procurava, antigas palavras de outro mundo ressoando em sua mente:

*O mundo gira interminável, o sol gira interminável,  
Interminável é a busca;  
E eu também giro, de volta ao começo,  
E aqui encontro o repouso.*

Com mãos firmes, ele acendeu uma vela de resina e, deliberadamente, ateou fogo a um pavio comprido.

Camilla e MacAran ouviram a explosão e correram para o domo, bem a tempo de vê-lo se projetar para o céu numa chuva de detritos e chamas se elevando.

Mexendo no cadeado, Harry Leicester começou a perceber que não conseguiria sair. Desta vez não conseguiria. Cambaleando devido ao golpe e à concussão que sofrera com a explosão, mas friamente são e satisfeito, ele contemplou os destroços. Eu lhes dei um novo começo, ele pensou, confuso. Talvez, no final das contas, eu seja Deus, aquele que expulsou Adão e Eva do Éden e parou de lhes dizer todas as respostas, deixando-os descobrir à sua maneira e crescer... sem salva-vidas, sem amortecedores, deixando-os descobrir à sua maneira, para viver ou morrer...

Ele mal percebeu quando arrombaram a porta e o retiraram, mas sentiu o contato gentil de Camilla em sua mente agonizante e abriu os olhos para seu rosto compadecido, murmurando, em confusão:

— Sou um velho muito tolo e sentimental... As lágrimas de Camilla caíram em seu rosto.

— Não tente falar. Sei por que fez isso. Começamos a fazer juntos, na última vez, e depois... oh, Comandante, Comandante...

Ele fechou os olhos e balbuciou:



— Comandante do quê? — E depois acrescentou, com o último alento: — Não se pode aposentar um comandante. É preciso abatê-lo a tiros... e foi o que eu fiz...

E depois o sol vermelho apagou, para sempre, explodiu em luminosas galáxias de luz.

## Epílogo

Até mesmo as longarinas da nave estelar desapareceram, levadas para as valorizadas reservas de metal; a mineração sempre seria difícil naquele mundo, e os metais, escassos por muitas e muitas gerações. Camilla, por hábito, lançou um olhar para o lugar, não mais do que isso, enquanto atravessava o vale. Andava com passos ágeis, era uma mulher alta, os cabelos com alguns fios brancos, seguindo uma percepção meio auditiva. Além do alcance da visão ela via o memorial de pedra as vítimas do acidente, o cemitério em que estavam sepultados todos os mortos do primeiro inverno terrível, junto com os mortos do primeiro verão e dos ventos da loucura. Aconchegou-se no manto de pele, contemplando, com um pesar já tão antigo que nem mais continha tristeza, uma das elevações verdes.

MacAran, descendo para o vale pela estrada da montanha, avistou-a, envolta em peles e com a saia de tartã, e levantou a mão em saudação. Seu coração ainda se acelerava ao vê-la, depois de tantos anos; e, quando a alcançou, pegou suas mãos por um momento e apertou-as, antes de falar.

—As crianças estão bem — disse ela. — Visitei Mhari esta manhã. E você, posso dizer sem perguntar, teve uma boa viagem. De mãos dadas, eles foram andando pelas ruas de Nova Skye. Sua casa ficava no final da rua, de onde podiam avistar o Pico Leste, além do qual o sol vermelho subia todas as manhãs pelas nuvens. Ali ficava também o pequeno prédio que era a estação meteorológica, a responsabilidade especial de Camilla.

Ao entrarem no cômodo principal da casa que partilhavam com meia dúzia de outras famílias, MacAran tirou o casaco de pele e aproximou-se do fogo. Como a maioria dos homens da colônia que não usavam kilts, ele estava com um calção de couro e uma túnica de tartã.

— Todos saíram?

— Ewen está no hospital, Judy na escola, Mac foi com o rebanho. Se está ansioso em dar uma olhada nas crianças, creio que

todas se encontram agora no pátio da escola, menos Alastair, que saiu com Heather esta manhã.

MacAran foi até a janela e olhou para o telhado escuro da escola. Como as crianças cresciam depressa, ele pensou, e como quatorze anos a gerar crianças não constituíam um peso tão terrível para a mãe! Os sete que haviam sobrevivido ao terrível inverno de fome cinco anos antes cresciam cada vez mais. De alguma forma, haviam conseguido resistir às primeiras tempestades daquele mundo; e embora ela tivesse filhos de Ewen, de Lewis MacLeod e de outro cujo nome ele nunca soubera e desconfiava que a própria Camilla também não sabia, as duas crianças mais velhas e as duas mais novas eram dele. A última, Mhari, não vivia com eles; Heather perdera uma criança três dias antes do nascimento de Mhari, e Camilla, que jamais gostara de amamentar os próprios filhos se havia uma ama-de-leite disponível, entregara-a a Heather para amamentar; quando Heather relutara em devolvê-la depois que desmamara, Camilla concordara em deixar que Heather a mantivesse, embora a visitasse quase todos os dias. Heather era uma das desafortunadas; concebera sete crianças, mas apenas uma sobrevivera por mais de um mês depois do nascimento. Os laços de adoção na comunidade eram mais fortes que os de sangue; a mãe de uma criança era apenas quem cuidava dela, o pai quem a educava. MacAran tinha filhos de três outras mulheres e gostava de todos igualmente, mas amava a estranha jovem Lori de Judy, mais alta do que Judy aos quatorze anos e ainda assim infantil e diferente, chamada de mutante por metade da comunidade, o pai desconhecido ainda um segredo para todos, à exceção de uns poucos.

— Agora que está de volta, quando partirá de novo? — indagou Camilla.

Ele passou o braço por seus ombros.

— Terei alguns dias em casa primeiro e depois... partiremos em busca do mar. Deve haver um, em algum lugar deste mundo. Mas primeiro... tenho uma coisa para você. Exploramos uma caverna, há poucos dias... e encontrei isto. Não temos muito uso para jóias, sei disso, é de fato uma perda de tempo extraí-las. Mas Alastair e eu

gostamos destas e por isso as trouxemos, para você e as meninas. Tive um pressentimento sobre elas.

Ele tirou do bolso um punhado de pedras azuis e despejou-as nas mãos de Camilla, vendo o prazer e a surpresa em seus olhos. E depois as crianças entraram correndo, e MacAran descobriu-se sufocado por beijos infantis, abraços, perguntas, reivindicações.

— Pa, posso ir com você para as montanhas na próxima vez? Harry vai e ele tem apenas quatorze anos!

— Pa, Alarma pegou meus biscoitos! Mande ela devolver!

— Papá, Papá, olhe aqui! Veja eu subir!

Camilla, como sempre, ignorou a balbúrdia, gesticulando calmamente para que todos se aquietassem.

— Uma pergunta de cada vez... o que é, Lori?

A criança de cabelos prateados e olhos cinza pegou uma das pedras azuis, olhando para os padrões estelares no interior. E disse, solenemente:

— Minha mãe tem uma assim. Posso ter uma também? Acho que talvez eu consiga fazê-la trabalhar como minha mãe.

— Claro que pode ficar com uma — disse MacAran.

Por cima da cabeça da menina, ele olhou para Camilla. Algum dia, no momento oportuno para Lori, saberiam exatamente o que ela estava querendo dizer, pois aquela estranha criança nunca fazia nada sem um motivo.

— Tenho a impressão de que algum dia essas pedras serão muito importantes para todos nós - comentou Camilla.

MacAran balançou a cabeça em concordância. A intuição de Camilla já provara ser certa tantas vezes que agora ele sempre aguardava que se consumasse; mas podia esperar. Ele foi até a janela e contemplou o horizonte familiar das montanhas, sonhando além delas com planícies, colinas e mares desconhecidos. Uma pálida lua azul, como a pedra que Lori ainda contemplava, fascinada, elevou-se acima das nuvens em torno das montanhas; e a chuva começou a cair, gentilmente.

— Algum dia - ele murmurou, distraído -, acho que alguém dará às luas... e a este mundo... um nome.

— Algum dia... — disse Camilla. — Mas nunca saberemos.

Um século depois eles deram ao planeta o nome de DARKOVER. Mas a Terra nada soube deles durante dois mil anos.

**Fim**

Este *ePub* foi criado em Fevereiro de 2014 por  
**LeYtor**  
Tendo como base a digitalização em *Doc* de autor desconhecido

